

**A Cultura Material em Cartagena de Índias (Colômbia): o
estudo do Claustro do Convento de Santo Domingo, séculos
XVI-XVIII**

Beatriz Isabel Calapez dos Santos

Dissertação de Mestrado em Arqueologia
(Versão corrigida e melhorada após a sua defesa pública)

Volume 1

Junho de 2022

Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Arqueologia, realizada sob a orientação científica do Professor Doutor André Teixeira, Professor Associado do Departamento de História da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, e do Professor Doutor Juan Guillermo Martín, Professor Associado da Universidad del Norte, Barranquilla (Colômbia).

Ao Sonho, que sempre comanda a minha vida.

Aos meus pais, avós e manos.

À tia Aurora e ao tio Vicente.

Agradecimentos

Ao meu orientador, Professor Doutor André Teixeira por me ter sugerido o tema e parceria desta dissertação, bem como por todo o apoio, motivação e incentivo. Ao meu coorientador, Professor Doutor Juan Guillermo Martin, agradeço igualmente o incansável apoio e ajuda prestada. Estendo este agradecimento ao Professor Doutor Javier Rivera.

À Universidad del Norte, que tão bem me acolheu, e em especial ao Museu Mapuka. A todos, sem exceção: Carla, Edwin, Iveth, José e Maria. Às instituições e aos seus colaboradores e/ou investigadores, que me receberam e auxiliaram tão amavelmente: Museo Histórico de Cartagena, Agencia Española de Cooperación Internacional para el Desarrollo, Santuario de San Pedro Claver, Monika Therrien, Linda Zurch, Mariana Carulla.

Aos Professores que se tornaram amigos, que são muitos, e por isso destaco os que tiveram um papel determinante no percurso académico: Professor Fernando Almeida, que me encorajou sempre a seguir o meu sonho, e se aqui cheguei foi graças ao seu incentivo; Professor Doutor José Carlos Quaresma pelos ensinamentos, total disponibilidade e amizade ao longo destes anos; Professor Doutor Rodrigo Banha da Silva por toda atenção e preocupação sempre demonstrada, bem como o constante incentivo a prosseguir; Professora Doutora Francisca Alves-Cardoso pela exigência, que se traduziu em crescimento profissional e pessoal; Professora Doutora Isabel Almeida e Professora Doutora Isabel Buescu, pela forma apaixonada de lecionar. A quem me ensinou a *primária* mas que ficou para a vida, Professora Eliana Coelho e Professora Ilda Candeias.

Aos meus pais, Sónia e Vitoriano, que me permitiram sempre voar e lutar pelos meus sonhos, e que me perdoem pelos muitos dias de preocupação que vos dei. Aos meus avós, Baltazar, Eunice, Manuel e Maria, por serem as minhas referências para a vida. Aos meus melhores amigos, os meus irmãos, Gustavo e Martim.

Aos meus tios-avós, Aurora e Vicente, e primas, Ana Margarida e Cláudia, que foram os meus “pais e irmãos” destes últimos 5 anos. Por todos os tupperwares de comida que “por milagre” apareceram no meu frigorífico, e que me fizeram poupar tempo; pela constante preocupação e pelo amor que senti. Saibam que estão e estarão sempre no meu coração e quanto sou agradecida por vos ter na minha vida. E aos não menos queridos e importantes Alexandre e Lourenço.

À minha prima-irmã Catarina, para quem a arqueologia continua a ser o “estudo das pedras”, por me fazer rir com as suas tontices. Que bom tem sido partilhar o caminho da vida contigo!

À família que me acolheu na Colômbia e que me fez sentir em casa a 9000km de distância, jamais poderei agradecer ou retribuir tudo o que ali vivi. Elizabeth, Natalia e familiares, levo-vos para sempre comigo. *Colombia siempre será mi lugar más feliz.*

Aos ‘migós’ que a Arqueologia trouxe para a minha vida, Ana Beatriz, Sofia, Zezé, companheiros de todas as horas da vida académica, especialmente as mais difíceis. Sem vocês não teria as minhas melhores memórias. Mas, *Bibia* para ti as palavras são poucas, porque o tamanho do meu agradecimento não cabe nelas. Obrigada!

À Inês Belém por todos os momentos de loucura e riso copioso que estes anos nos proporcionou, bem como por todo o apoio e incentivo. Ao João Pedro, pelo ânimo, por acreditar e fazer valer constantemente esse sentimento! À Sílvia Casimiro, por todas aquelas palavras necessárias que só ela consegue dizer.

Aos meus queridos Inês e Diniz, uma coincidência bonita da vida, por estarem lá sempre incondicionalmente!

À Angélique e à Mariana pelos longos anos de amizade, partilha e crescimento.

Àqueles que durante este 5 anos de FCSH tive a sorte de conhecer e que considero que tiveram um papel importante não só na elaboração desta dissertação, mas nas vivências do dia-a-dia, dos estágios, dos convívios, não poderia deixar de mencionar: Mariana Ferreira, Rafael Sousa, Miguel Martins de Sousa, Catarina Parreira, Adriana Gomes, Helena Soares, Carmem Clara, Catarina Felício, Tomás Mesquita, Rodrigo Marreiros, Paulo Calaveiras, Sérgio Pedroso, Daniel Sardinha, Íris Fragoso, André Bargão, Sara Ferreira e a toda a turma de 2015.

Aos que cruzaram a minha vida e contribuíram para a construção da pessoa que sou hoje, que acompanharam o meu crescimento e formação: educadores, professores, auxiliares, CNE, a todos, sem exceção porque não esqueço nenhum de vós: o meu maior obrigada!

Ao Tiago, por ser a minha metade para a vida, ainda que essa seja a razão que a própria não conhece, nem tem que conhecer. *Forever and a day...*

A Todos, o meu maior agradecimento por acreditarem mais em mim que eu própria e por o referirem constantemente.

À Vida, por tudo o que de bom e de menos bom pôs do meu caminho.

A Cultura Material em Cartagena de Índias (Colômbia): o estudo do Claustro do Convento de Santo Domingo, séculos XVI-XVIII

Beatriz Isabel Calapez dos Santos

RESUMO

PALAVRAS-CHAVE: Arqueologia Colonial, Arqueologia Histórica, Império Espanhol, Idade Moderna, Cerâmicas, Caraíbas

A chegada das armadas espanholas aos territórios do centro e sul da América, a partir de 1492, motivou alterações sociais, culturais, arquitetônicas e urbanas nas povoações autóctones. Da mesma forma, as cidades coloniais fundadas a partir do início do século XVI são símbolo desta simbiose cultural, visível nos mais diversos âmbitos do quotidiano, desde a cerâmica utilizada até à arquitetura dos edifícios.

As intervenções arqueológicas realizadas entre 2000 e 2004 no Convento de Santo Domingo permitiram entender uma série de questões acerca da estrutura conventual e dos espaços que a compõem. O estudo do espólio exumado, que será explanado nesta Dissertação, permitiu esclarecer questões tipológicas e cronológicas, bem como perceber os padrões de consumo daquela comunidade. Pretendeu-se essencialmente aprofundar e caracterizar as vivências sociais de Cartagena de Índias, possibilitando uma reflexão acerca das permanências e/ou mutações culturais e sociais resultantes do contacto entre o Velho e o Novo Mundo.

ABSTRACT

KEYWORDS: Colonial Archaeology, Historical Archaeology, Spanish Empire, Modern Age, Ceramics, Colombia

The arrival of the Spanish armies in the central and southern territories of America from 1492 onwards brought about social, cultural, architectural and urban changes in the native settlements. In the same way, the colonial cities founded from the beginning of the 16th century are a symbol of this cultural symbiosis, visible in the most diverse areas of daily life, from the ceramics used to the architecture of the buildings.

The archaeological interventions carried out between 2000 and 2004 at the Convento de Santo Domingo allowed us to understand a series of questions about the convent structure and its various spaces. The study of the exhumed remains, which will be explained in this Dissertation, will clarify typological and chronological questions, as well as the consumption patterns of that community. It was essentially intended to deepen and characterize the social experiences of Cartagena de Índias, enabling a reflection on the permanence and/or cultural and social mutations resulting from the contact between the Old and the New World.

Índice

I. Introdução.	1
1. Metodologia	3
II. Cartagena de Índias, uma cidade colonial	9
III. O Convento de Santo Domingo	21
1. História.....	21
2. Arquitetura	27
3. As intervenções arqueológicas	30
IV. Materiais Arqueológicos	39
1. A cerâmica manual de tradição indígena	39
IV.1.1. A cerâmica manual de tradição indígena: <i>Crespo</i>	39
IV.1.2. A cerâmica manual de tradição indígena: <i>Desgrasante arrastrado fino</i> ..	45
IV.1.3. A cerâmica manual de tradição indígena: <i>Tonala</i>	46
2. A cerâmica torneada não-vidrada	46
IV.2.1. Produção local: <i>Cartagena Rojo Compacto</i>	47
IV.2.2. A cerâmica pedrada.....	49
IV.2.3. <i>Bizcocho Ware</i>	52
IV.2.4. <i>Greyware</i>	54
IV.2.5. Outras produções.....	54
3. A cerâmica torneada vidrada	57
IV.3.1. Produção local: <i>Cartagena Rojo Compacto Vidriado</i>	58
IV.3.2. <i>Taches Noires</i>	58
IV.3.3. Outras produções.....	59
4. A cerâmica esmaltada	61
IV.4.1. Produções Sevilhanas	62
IV.4.2. Produções Italianas	65
IV.4.3. Produções Francesas	66
IV.4.4. Produções Mexicanas.....	67
IV.4.5. Produções locais: <i>Mayólica Cartagena</i>	68

IV.4.6. Produções de origem desconhecida	71
5. As porcelanas.....	72
6. O grés/ <i>stoneware</i>	73
7. As botijas	74
8. Os cachimbos.....	77
V. Reflexões.	79
VI. Considerações Finais	86
VII. Bibliografia	90

Lista de Abreviaturas

A – Altura

AECID – Agencia Española de Cooperación Internacional para el Desarrollo

Apud – citado por

C – Comprimento

CHAM – Centro de História d’Aquém e d’Além-Mar (atualmente Centro de Humanidades)

D – Diâmetro

DB – Diâmetro do Bordo

DF – Diâmetro do Fundo

Doc. – Documento

ENP – Elementos Não Plásticos

Fig. – Figura

ICANH – *Instituto Colombiano de Antropologia e Historia*

MNI – Máximo Número de Indivíduos

MUHCA – *Museo Histórico de Cartagena de Indias*

MUNL – *Museo Universidad del Norte (Mapuka)*

N.º – Número

NMI – Número Mínimo de Indivíduos

P. – Página

S. – Santo/Santa

Séc. - Século

S. d. – Sine data (sem data)

SD – *Convento de Santo Domingo*

SPC – *Santuario de San Pedro Claver*

UE – Unidade Estratigráfica

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a
Cultura/*United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization*

Vol. – Volume

I. Introdução

A presente dissertação visa a análise da cultura material de Cartagena de Índias em período colonial (século XVI-XVIII), tendo como objeto de estudo a coleção proveniente da intervenção realizada entre 2000 e 2004 no claustro do Convento de Santo Domingo. Este trabalho beneficia de uma colaboração entre a Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (Universidade Nova de Lisboa) e a Universidad del Norte (Barranquilla, Colômbia), e vem no âmbito dos estudos previstos no âmbito do projeto CONCHA¹ para a cidade, a realizar futuramente.

Entre 2000 e 2004, na sequência de um projeto de restauro a cargo do arquiteto Alberto Samudio Trallero, iniciou-se uma intervenção arqueológica de salvaguarda e resgate no Convento de Santo Domingo, com o financiamento da *Agencia Española de Cooperación Internacional* (AECID). Este projeto foi bastante aclamado como um exemplo de reutilização e uso sustentável do património histórico, numa perspetiva enquadrada nas necessidades da atualidade, uma vez que, o espaço do antigo convento, é hoje a sede da AECID, entidade que se dedica à formação e educação para o desenvolvimento e integra inclusive projetos de âmbito cultural, sendo o claustro frequentemente utilizado para diversas atividades culturais, como cinema ao ar livre, exposições, entre outras (REYES RODRIGUEZ, 2010: 56).

As várias transformações que ocorreram neste espaço nos seus mais de 400 anos de História, de origem social, económica ou cultural, demonstram a singularidade deste sítio arqueológico, que abrange uma cronologia que vai desde tempos pré-hispânicos até à atualidade, possibilitando assim responder a uma série de questões pertinentes para entender a cidade colonial e a convivência de duas realidades culturais completamente distintas. Deste modo, o principal objetivo é perceber, a partir deste caso de estudo, os padrões de consumo da cidade, bem como a sua evolução na cronologia estabelecida. Neste sentido, tornou-se necessário entender qual a proporção de produções locais face às importações, sendo ainda pertinente perceber a proveniência destas últimas. Importante foi também ter em conta a questão da reprodução a nível local das tipologias e técnicas de tradição europeia. Além disso, pretendeu-se ainda contribuir para o conhecimento

¹ CONCHA: *The construction of early modern global Cities and oceanic networks in the Atlantic: An approach via Ocean's Cultural Heritage*

arquitetónico acerca do próprio edificado, nomeadamente na determinação de zonas funcionais no espaço intervencionado e sua evolução ao longo do tempo. Em suma, procurou-se contribuir para a construção do conhecimento acerca do *modus vivendi* da Cartagena de Índias colonial, através de uma reflexão acerca das permanências e/ou mudanças culturais e sociais resultantes do contacto com a cultura europeia. Os resultados preliminares da escavação permitiram desde logo perceber alguns aspetos que nos remetem para a situação histórico-social da cidade durante o período em análise, traçando as principais linhas de investigação que este contexto enceta.

A maior dificuldade na realização desta dissertação prendeu-se com o facto de a coleção ter vários depositários, em cidades diferentes: *Museo Mapuka*, unidade museológica da Universidad del Norte em Barranquilla; Convento de Santo Domingo (*Agencia Española de Cooperación Internacional*, AECID), *Museo Histórico de Cartagena* (MUHCA) e *Santuario de San Pedro Claver* (SPC), todos eles situados em Cartagena de Índias, situação que desconhecíamos aquando do início deste trabalho.

Outro obstáculo ao desenvolvimento deste trabalho foi o facto de a escavação ter decorrido em dois momentos, coordenados cientificamente por dois arqueólogos distintos, o que resultou, naturalmente, em dois relatórios (Therrien *et alii.*, 2000 e Díaz, s.d.a.). Não tendo ficado claro as circunstâncias que determinaram a alteração da direção científica do projeto, percebemos, contudo, que a questão gerou alguma perturbação. Em relação aos dois relatórios de escavação, o da primeira intervenção está relativamente perceptível e tivemos oportunidade de falar diretamente com Monika Therrien, a arqueóloga responsável. Já o segundo, da autoria de Camilo Díaz Pardo, levantou várias questões metodológicas, uma vez que os dados são vagos, sem concordância e/ou coerência, e levantaram problemas quando comparados com a marcação dos materiais. As questões mencionadas verificaram-se impossíveis de esclarecer com o arqueólogo responsável, o que dificultou o processo. Todos os constrangimentos aqui explanados complicaram o estudo dos materiais, desde a sua classificação até à fase de análise e interpretação dos dados.

Esta dissertação está organizada de forma a enquadrar os dados arqueológicos e os resultados desta análise com as informações históricas e historiográficas acerca da cidade de Cartagena de Índias.

Assim, em primeiro lugar, explicita-se a metodologia utilizada desde o estudo de materiais até à redação definitiva do presente documento. Descrevem-se os métodos utilizados na análise dos materiais e justificam-se os critérios de seleção dos indivíduos mais significativos da coleção. Além disso, destaca-se a bibliografia de referência para a problemática em estudo, determinante na procura de paralelos, permitindo o enquadramento do espólio crono e tipologicamente e a determinação da sua proveniência.

Tendo em conta a necessidade de fazer um enquadramento histórico acerca da implantação e crescimento da própria cidade justifica-se a existência do segundo capítulo, com enfoque no papel da cidade enquanto importante entreposto comercial do império colonial espanhol.

Num terceiro capítulo, apresenta-se o sítio arqueológico, o Convento de Santo Domingo, a partir de uma contextualização histórica do local e de informações acerca das campanhas arqueológicas decorridas entre 2000 e 2004, nomeadamente a metodologia utilizada em cada um dos momentos de escavação (conforme consta nos respetivos relatórios) e a sequência estratigráfica.

De seguida apresenta-se o estudo da cultura material, começando por agrupar os espécimes por categorias cerâmicas, e dentro dessas distinguir os vários fabricos (tendo em conta a composição das pastas) e as formas passíveis de identificação. Neste ponto sugere-se (em alguns casos com certeza comprovada) a proveniência dos materiais, justificada pela pesquisa de paralelos. Analisam-se assim as séries: cerâmica manual de tradição indígena, cerâmica torneada não-vidrada, cerâmica torneada vidrada, cerâmica esmaltada, porcelana, grés/*stoneware*, cachimbos, botijas, cerâmica de construção e azulejo. De referir que se optou por individualizar as categorias formais cachimbos e botijas, das séries cerâmica torneada não-vidrada e cerâmica torneada vidrada, devido às suas especificidades utilitárias.

O último capítulo consiste numa reflexão acerca dos dados obtidos durante esta investigação, procurando contribuir com mais elementos para o estudo da cidade, de forma a alargar o leque de informação arqueológica conhecida sobre Cartagena de Índias.

1. Metodologia

Esta investigação iniciou-se em 2018, sendo que aí se procedeu a uma exaustiva pesquisa bibliográfica. Durante a componente letiva do Mestrado em Arqueologia,

realizaram-se alguns trabalhos cujo tema incidiu sobre a cidade em estudo ou sobre a realidade arqueológica na Colômbia, nomeadamente no âmbito do Seminário de Arqueologia Urbana em que se explorou a implementação e planeamento de Cartagena de Índias; no Seminário de Arqueologia Marítima onde foram abordadas as características defensivas da região e ainda o processo construtivo das muralhas da cidade; e por fim relativamente às leis colombianas no que ao património diz respeito, enquadrando-se no Seminário de Gestão e Valorização do Património Cultural. Toda esta pesquisa revelou-se fundamental para conhecer o espaço e história da região em estudo, a fim de proceder à contextualização e reflexão acerca dos resultados da escavação e do espólio. Por último, a fim de realizar o estudo do espólio e visitar o sítio arqueológico, deslocámo-nos à Colômbia durante cerca de três meses, de 15 de setembro a 14 de dezembro de 2019. O estudo dos materiais decorreu, quase sempre, no laboratório do *Museo Mapuka*, pertencente à Universidad del Norte, em Barranquilha, instituição que nos acolheu durante a nossa estadia (Figuras 1 e 2).

Como referimos, o espólio do convento de Santo Domingo encontrava-se disperso por várias instituições. Faria todo o sentido que o espólio fosse analisado na totalidade, no entanto, esta tarefa verificou-se logística e temporalmente difícil, uma vez que se tratava de um grande volume de materiais, não sendo as condições de armazenamento as mais propícias à realização do estudo, implicando igualmente a deslocação frequente a Cartagena (que dista cerca de 100 km de Barranquilha). Tendo em conta o descrito, tomou-se como opção fazer uma estadia de apenas uma semana em Cartagena, a fim de verificar o maior número possível de materiais arqueológicos existente em instituições daquela cidade, efetuando o registo fotográfico da totalidade dos materiais e ainda gráfico e fotográfico dos materiais mais significativos, com o objetivo de realizar pelo menos um inventário. Assim, o essencial do estudo aqui apresentado centrou-se na coleção do *Museo Mapuka*, ainda que esta se tratasse apenas de uma pequena amostra, à luz de uma coleção de referência, com fragmentos de pequenas dimensões (quando comparados com os restantes), mas ainda assim exemplificativos do conjunto artefactual que constitui o total da coleção, quer em termos de categorias cerâmicas, fabricos, tipos e cronologias, motivo pelo qual foram selecionados por Camilo Díaz Pardo que era, à data do depósito, diretor do *Museo*. Este espólio já se encontrava lavado, marcado e integrava o inventário da

instituição (em formato Excel). A marcação estava atribuída a cada saco de fragmentos, que podia conter um único indivíduo ou vários.

Aquando da nossa deslocação a Cartagena de Índias fomos, porém, surpreendidos ao perceber que os materiais depositados no *Santuario de San Pedro Claver* correspondiam na realidade à maior parte da coleção do convento em estudo, perfazendo um total de 22 caixotes², muito superior portanto à coleção de materiais depositada no *Museo Mapuka* (Figuras 3-6). Assim, durante a única semana que se pôde despende para ir a Cartagena de Índias, efetuou-se o registo fotográfico de dez do total de vinte e dois caixotes³ e trocaram-se os sacos que, devido ao ambiente húmido, se desfaziam dentro deles, a fim de evitar a perda das etiquetas, tendo estas também sido substituídas. Optou-se, deste modo, por analisar o possível e preservar o restante para a eventualidade de, no futuro, ocorrerem novos estudos acerca daqueles materiais, caso contrário a informação perder-se-ia irremediavelmente. Em relação aos caixotes que não foi possível registar fotograficamente, tentou-se perceber qual a natureza dos materiais que continham, tendo-se anotado estas informações. Por fim, realizou-se o registo gráfico dos materiais mais relevantes. De referir, que os materiais depositados em SPC foram transferidos a 20 de fevereiro de 2020 para o *Museo Mapuka*, após solicitarmos ao ICANH permissão para reunir a coleção num só depositário, assegurando desta forma melhores condições de conservação deste espólio e facilitando futuros estudos.

Em relação aos materiais depositados no MUHCA e no museu da AECID, estes fazem parte da exposição permanente, pelo que solicitámos a sua retirada a fim de poderem ser estudados, tendo-se realizado registo gráfico, fotográfico e caracterização morfológica, tipológica e análise tecnológica dos fragmentos (Figuras 7-10).

Para efeitos de inventariação, tomou-se a liberdade de efetuar a marcação dos fragmentos depositados nos museus de Cartagena de Índias, a fim de facilitar a sua identificação durante o seu estudo. Assim, os fragmentos depositados em Santo Domingo (museu da AECID) receberam o acrónimo *SD00*, seguido do respetivo número

² Estes materiais encontravam-se “esquecidos” há cerca de dezoito anos num armazém do Santuário (sendo que nem os próprios sabiam que o detinham) e que o estado de conservação de sacos, etiquetas e dos próprios materiais não era o melhor.

³ Dos 22 contentores, 1 continha exclusivamente vidro, outro metal e as restantes cerâmica, por vezes com fauna à mistura.

sequencial, e aos do Museu Histórico foi-lhes dado o acrónimo *MUHCA00*, seguido do respetivo número sequencial. Relativamente aos materiais depositados no Santuário de San Pedro Claver (cujo acrónimo atribuído foi *SP00*), e tendo em conta que não foi possível observar a sua totalidade, optou-se por não os considerar neste estudo para efeitos de contabilizações finas.

Todos os materiais apresentados cingem-se cronologicamente aos séculos XVI-XVIII, correspondendo ao período durante o qual aquele território esteve sob o jugo da Coroa espanhola. Por questões temporais optou-se por privilegiar o estudo do conjunto cerâmico (à exceção da louça industrial), justificando-se deste modo a exclusão do estudo dos vidros, metais e faunas. No caso dos metais e faunas, referir ainda que estes estavam somente presentes nos contentores descobertos no Santuario de San Pedro Claver, cujos materiais, como já foi explicado, não enquadrarão este estudo.

O processo de estudo e/ou reclassificação dos materiais iniciou-se por agrupar em categorias cerâmicas (primeiro distinguindo as produções locais e depois as importações), a fim de reconhecer o espólio existente na coleção. Posteriormente estabeleceram-se grupos de fabrico, tendo em conta a caracterização tecnológica das peças – análise da pasta, definição da cor, a partir do *Munsell Soil Color Chart* (2015), análise macroscópica dos elementos não plásticos (com recurso ao Estereoscópio Leica EZ4W) e tratamento de superfícies) –, e determinaram-se as formas presentes em cada um dos definidos grupos. Nesta fase, é de sublinhar a necessidade de familiarização com as produções locais, uma vez que consistia num universo de estudo totalmente desconhecido e com o qual nunca tínhamos contactado. A fim de suprimir esta dificuldade, tornou-se necessário recolher bibliografia especializada nestas produções, bem como realizar uma análise mais atenta destes materiais.

De seguida efetuou-se o registo gráfico de todos os fragmentos passíveis de identificação da forma, tendo-se estabelecido como critérios de seleção os seguintes aspetos: a unicidade da forma e da decoração, ou ainda a importância/relevância da peça. Por fim, efetuou-se o registo fotográfico do espólio. Posteriormente, digitalizaram-se os desenhos e procedeu-se à sua vectorização com recurso ao *Adobe Illustrator*. Recorreu-se ainda ao programa *Adobe Photoshop* para recortar as fotografias dos materiais a fim de elaborar estampas.

Realizaram-se ainda cálculos para o número total de fragmentos e do número mínimo de indivíduos (NMI), segundo o método de Clive Orton (1982). Assim, para o cálculo do NMI, individualizaram-se as variantes formais disponíveis dentro de cada tipo e contabilizaram-se as formas completas, os bordos, os fundos, os bojos e as asas. Esclarecer que a reduzida dimensão dos fragmentos estudados (principalmente os provenientes do *Museo Mapuka*) e a separação física do conjunto de materiais, inviabilizou a maior parte das colagens e dificultou a classificação dos materiais. Importará ainda referir que um dos relatórios de escavação contempla um inventário muito genérico do espólio recolhido (DÍAZ, s.d.a.: 22-23). Assim, para efeitos de contabilização total do espólio, teve-se em conta o inventário da autoria de Camilo Díaz Pardo, para assim podermos ter uma noção da sua real dimensão, ainda que, como explicado, existam algumas incorreções na sua classificação (Tabela 3).

Também no inventário do *Museo Mapuka* constava uma identificação por categoria cerâmica, que se verificou incorreta em muitos casos. Nesse sentido, durante o processo de análise procurou-se efetuar a classificação dos materiais, corrigindo o inventário do museu. Assim, o inventário presente em anexo nesta dissertação (Tabela 4) tem por base o já criado pelo museu, tendo sido, pelas mencionadas razões, progressivamente alterado, corrigido e adaptado às necessidades deste estudo, passando como se compreende a incluir também os materiais depositados no museu da AECID e no MUHCA.

A realização desta investigação implicou a pesquisa exaustiva de bibliografia em bases de dados como o Google Scholar, a JSTOR, a Scopus, a ResearchGate, a Academia.Edu, *Red Cultural del Banco de la República en Colombia*, catálogos de diversos centros de documentação; e ainda de paralelos para a cultura material, em catálogos de museus, com destaque para o do *Florida Museum of Natural History*⁴.

As publicações de Monika Therrien sobre as coleções cerâmicas encontradas na cidade de Cartagena de Índias (com destaque para o *Catálogo de cerámica colonial y republicana de la Nueva Granada: producción local y materiales foráneos (Costa Caribe, Altiplano Cundiboyacense - Colombia)*), que inclui inclusive materiais deste

⁴ <https://www.floridamuseum.ufl.edu/>

arqueossítio, revelaram-se fulcrais na realização deste estudo, principalmente para a classificação das produções locais. Neste caso optou-se ainda por manter as designações utilizadas pela referida autora e, para os casos das produções de tradição indígena, optou-se por utilizar a nomenclatura em espanhol, tendo em conta as especificidades formais das peças (Tabela 11). Outros autores como Kathleen Deagan (1987), John M. Goggin (1968) e Florence C. Lister e Robert H. Lister (1976, 1982), que publicaram amplamente sobre a cerâmica europeia no Novo Mundo, foram determinantes na classificação destes materiais por paralelo com as suas designações. Alfonso Pleguezuelo & Maria Pilar Lafuente (1995), Fernando Amores (1991, 1993) e Alejandra Gutiérrez (2000), por sua vez, revelaram-se essenciais para perceber as cerâmicas de importação espanhola. Para as produções coloniais uniformizou-se a nomenclatura utilizada para as distintas formas segundo o exaustivo estudo de doutoramento de Isabel Maria Fernandes, apesar deste incidir sobre olaria portuguesa (2012, Vol. I, 188-202 / 273-369).

Por fim, para as questões de natureza histórica foram indispensáveis as publicações editadas por Haroldo Calvo Steveson e Adolfo Meisel Roca (2007 e 2009) dedicadas à história da cidade nos séculos XVI e XVII.

Explicitar que a nomenclatura utilizada pelos investigadores colombianos segue a escola americana o que, numa primeira fase, se relevou um problema para o entendimento tanto do inventário como do relatório de escavação. Assim, tentou-se de certa forma estabelecer relações e comparações ainda que tímidas devido ao desconhecimento, de parte a parte, dos sistemas de classificação estabelecidos de ambos os lados do Atlântico.

II. Cartagena de Índias, uma cidade colonial

O Mar das Caraíbas é determinante para compreender o povoamento pré-histórico do norte da América Central, das Antilhas e da América do Sul, uma vez que, ao assumir o “carácter de mar interior”, propiciou desde cedo a configuração de uma região geohistórica extremamente dinâmica, quer a nível económico, quer cultural. Em tempos coloniais este espaço continuou a afirmar-se como uma identidade própria, com enorme relevância político-estratégica. Pautando-se pelo seu enorme dinamismo, tornou-se um grande polo de atração dos colonos vindos da Europa, sendo precisamente aqui que se iniciou o povoamento do Novo Mundo. Desta forma, ainda nas primeiras décadas do século XVI, estabeleceram-se os primeiros assentamentos coloniais, ancoradouros e pontos de abastecimento, que se vieram a tornar cidades fortificadas e portos de extrema importância na geopolítica e no comércio imperial. Falamos de Cartagena de Índias, Havana, Portobelo, Santo Domingo, San Juan de Puerto Rico e Veracruz, assentamentos – mais tarde cidades – que se consolidaram como uma rede comercial intimamente ligada à exploração mineira. Na primeira metade do século XVI, o tráfego comercial intercaribenho era maior do que o comércio transatlântico com Espanha (VIDAL ORTEGA, 2003: 1-2; VIDAL ORTEGA, 2004a: 121-126; ISAZA LONDOÑO, 2005: 50; HOFMAN *et alii.*, 2014).

Particularmente na área da atual Colômbia, as investigações arqueológicas têm vindo a atestar pequenas aldeias e acampamentos de comunidades de pescadores e fazendeiros, nas baías e ilhas costeiras entre a foz do rio Magdalena e o Golfo de Urabá. O meio ambiente em que se insere a região, quer pela proximidade ao mar ou pela presença de cursos de água (que propiciavam não só a pesca e a extração de sal, mas também a plantação de milho, de árvores de fruto, a caça, e uma rica fauna e flora), foi determinante para a economia regional, quer em época pré-hispânica, quer como critério de fixação e fundação de cidades já em período colonial (VIDAL ORTEGA, 2003: 8; JARAMILLO, 2009: 95-96; CALVO STEVENSON & MEISEL ROCA, 2009: 5). Alguns autores têm vindo a concordar que, aquando da chegada dos espanhóis, a população da atual Colômbia deveria rondar os 4 milhões de habitantes (MEJIA, 2015: 22).

Ainda que seja grande o nosso desconhecimento acerca das bases económicas das culturas indígenas que povoaram a atual costa colombiana, assume particular destaque na região, e em especial neste estudo, o sítio arqueológico de Crespo, situado nas imediações do atual aeroporto de Cartagena de Índias e identificado por Alicia Dussán de Reichel em 1954 (Figura 11). Trata-se de um assentamento indígena de pequenos agricultores, que corresponde ao tipo de povoamento que os espanhóis encontraram quando ali chegaram no século XVI. Aqui foi possível reconhecer semelhanças culturais com sítios arqueológicos do Baixo Magdalena e ainda da costa da Venezuela e do Panamá, materializadas em vários objetos do quotidiano, comprovando o intenso dinamismo em torno do Mar das Caraíbas em época pré-hispânica (VIDAL ORTEGA, 2003: 8; CALVO STEVENSON & MEISEL ROCA, 2009: 5).

No decorrer do processo de conquista e colonização das Américas no século XVI, e a fim de consolidar o império marítimo espanhol, tornou-se necessária a fundação de centros políticos, económicos, administrativos e religiosos, capazes de governar localmente. A fundação de cidades foi um dos grandes instrumentos da colonização espanhola, sendo estas pontos de partida para explorar de forma rápida e eficaz os recursos humanos e naturais dos novos territórios (PIMIENTA ANILLO, 2013: 10; MARTIN-RINCON & YANAIDA, s.d.: 103). O cronista espanhol do século XVI, López de Gómara refere que *“quem não povoar não fará uma boa conquista e não conquistando a terra, não se converte a população, por isso a máxima do conquistador é povoar”*⁵ (BORREGO, VÁZQUEZ & MURIEL, 2009: 184). Assim, logo nos primeiros anos do século XVI surgiram normas relativas à fundação de núcleos populacionais – *Ordenanças de Povoamento* (1513, 1526, 1529) – que, no entanto, se verificam incipientes devido à falta de conhecimento acerca do território nos primeiros tempos após a conquista. Em 1573, o rei D. Filipe II de Espanha emitiu *Ordenanças para descobertas, populações e pacificações*, cujas disposições em muito contribuíram para a organização das cidades do Vice-Reino de Nova Granada. Este documento revelava um maior conhecimento acerca do território, estabelecendo que as novas cidades deviam ser implementadas em locais altos, junto a áreas com boas condições portuárias, onde existisse mão-de-obra indígena e terrenos férteis (PIMIENTA ANILLO, 2013: 10-11; BORREGO, VÁZQUEZ &

⁵ Tradução da nossa responsabilidade.

MURIEL, 2009: 184-185; MARTIN-RINCON & YANAIDA, s.d.: 95-96). No atual território colombiano os espanhóis fundaram as cidades de San Sebastián de Urabá (1510) e Santa María la Antigua del Darién (1510), as quais não prosperaram, mas também Santa Marta (1525) e Cartagena de Índias (1533), que se tornaram importantes povoados (Figura 12) (ISAZA LONDOÑO, 2005: 50).

A importância de Cartagena de Índias no contexto da expansão marítima europeia, na afirmação do império colonial espanhol e, ainda hoje, como símbolo de contacto entre o Velho e o Novo Mundo é inegável. Não será por acaso que desde cedo foi considerada uma das “*chaves das Índias*”. Localizada na zona norte da atual Colômbia, assume-se hoje como capital do departamento de Bolívar. Geomorfologicamente, corresponde a uma baía banhada pelo Mar das Caraíbas, sendo de ressaltar as suas inigualáveis características defensivas: a baía é como que fechada pela ilha de *Tierra Bomba*, que fixa a sua entrada apenas por dois canais – *Bocagrande*⁶ e *Bocachica* (Figura 11) (LAZO, 2013: 35-44; PIMIENTA ANILLO, 2013: 10).

A cidade foi fundada em 1533 por Pedro de Heredia, tendo inicialmente recebido o nome de *San Sebastián de Calamar*⁷. Talvez pela prematuridade da sua fundação em relação às *Ordenanças* emitidas por D. Filipe II de Espanha em 1573, a escolha do local de implantação, assim como a malha urbana de Cartagena, não cumpriram a maior parte do estabelecido. Aliás, as características do território eram em tudo desfavoráveis: não existiam fontes de água doce nas proximidades, a população nativa era pouca e dispersa, as terras eram de natureza pantanosa e o clima era bastante quente. As características defensivas naturais e únicas da baía foram determinantes na escolha do local. A falta de água foi suprimida com a construção, um tanto por toda a cidade, de poços e cisternas. (TERRIEN *et alii.*, 2000: 24; LONDOÑO, 2005: 52; JARAMILLO, 2009: 96; BORREGO, VÁZQUEZ & MURIEL, 2009: 184-185; ROCHA, 2010: 1; LAZO, 2013: 44; PIMIENTA ANILLO, 2013: 10-11). Aquando da sua fundação, este território tinha como limites jurisdicionais a área a oeste do Rio Magdalena, a leste de Darién e a norte

⁶ Até meados do século XVII, esta era a entrada para o porto, no entanto o progressivo assoreamento e os sucessivos acidentes com embarcações levaram à inutilização do canal.

⁷ O nome relaciona-se com um lugar designado de *Calamarí* adjacente à Baía onde já existia um assentamento indígena, aquando da chegada dos espanhóis.

das serras de Ayapel e San Lucas. Cartagena era uma província menor administrada por um governador, sendo desde 1549 tutelada pela audiência do Vice-Reino de Nova Granada, com sede em Santa Fé (atual Bogotá). Além da cidade compunham a província homónima as vilas de Tolú, Mompox e María (VIDAL ORTEGA, 2004a: 124-125; ROCHA, 2010: 8).

Dos primeiros tempos de ocupação da cidade sabe-se que o perímetro urbano estaria demarcado por uma paliçada em madeira e que os edifícios seriam todos feitos com materiais frágeis e perecíveis, como madeira e cana, seguindo a tradição indígena. A consolidação da cidade foi proporcional ao tráfego portuário e, por isso, os primeiros planos urbanísticos só começaram a surgir após ser notória a sua importância enquanto porto. A partir de 1552, quando um incêndio destruiu quase totalmente a cidade, as habitações começaram a ser construídas com materiais mais duradouros, como um tipo de taipa (feita de barro e palha). Um novo incêndio em 1586, na sequência do ataque do corsário inglês Francis Drake, demonstrou a clara necessidade de utilizar materiais como pedra, tijolo e telha (BORREGO, VÁZQUEZ & MURIEL, 2009: 186-189; THERRIEN, 1989: 2).

A primeira tentativa de planeamento urbano foi feita por Juan de Vadillo, entre 1535 e 1537. Este causou grande descontentamento, ao ter implementado uma rua retilínea, pois, e de forma a fazer face ao calor extremo, as ruas eram até então estreitas e tortuosas. Da sua atuação resultou também a construção da primeira catedral da cidade, com recurso a canas, já que a madeira e a pedra escasseavam (BORREGO, VÁZQUEZ & MURIEL, 2009: 188; THERRIEN, 1989: 2). Esta primeira tentativa de ordenamento urbano, embora lenta e incipiente, motivou a grande maioria dos espanhóis a permanecer em Cartagena, já que permitiu a delimitação e alocação de propriedades. Assim, o núcleo urbano começou a ganhar forma, sendo que pouco mudaria durante o século XVI e nos seguintes (PIMIENTA ANILLO, 2013: 10-11; BORREGO, VÁZQUEZ & MURIEL, 2009: 188; MARTIN-RINCON & YANAIDA, s.d.: 95-96).

O eixo principal da cidade eram as suas praças: a Plaza de la Aduana (ou Real, ou del Mar), a Plaza Mayor (hoje Plaza de Bolívar) e a Plaza de la Yerba⁸ (hoje Plaza de los

⁸ Era nesta praça que tinha lugar o mercado de escravos.

Coches) (Figura 13); aqui localizavam-se as casas mais nobres e os mais altos membros da sociedade colonial. Na Plaza Mayor localizava-se o centro de poder religioso e político, representados respetivamente pela Catedral e pela Casa do Governador. Na Plaza de la Aduana (em português, “alfândega”), situada justamente em frente ao porto, encontrava-se a Casa da Contratação, o açougue e as principais lojas. Neste que era o grande centro económico da cidade tinham ainda lugar as celebrações populares. Afastadas deste centro urbano, estavam as zonas mais humildes, onde se estabeleceram olarias, carpintarias, curtumes, oficinas, destacando-se neste âmbito o bairro de Getsemaní (ROCHA, 2010: 7; BORREGO, VÁZQUEZ & MURIL, 2009: 186-188; THERRIEN, 1989: 2-3).

A ligação de Cartagena de Índias com o mar era óbvia, constituindo a sua principal fonte de riqueza, mas também a sua primeira linha de defesa natural (ÁLVAREZ, 2016: 363-364). Inegável é também a sua situação geoestratégica e o seu potencial defensivo extraordinário – levando alguns autores a usar o termo “paisagem fortificada” (DEL CAIRO HURTADO, 2013: 193) –, estando protegida por uma vasta baía constituída por ilhas, que em muito facilitaram a defesa do território (CALVO STEVENSON & MEISEL ROCA, 2009: 6; ROCHA, 2010: 2-4; GÁMEZ CASADO, 2018: 45). De facto, a importância estratégica de Cartagena de Índias tornou imperativa a construção de um amplo dispositivo defensivo que respondesse às suas necessidades, até porque as ameaças externas à cidade se tornaram frequentes. Desde o início do século XVI, primeiro a cidade e depois a baía foram alvo de uma série de projetos de engenharia, a fim de definir o seu sistema defensivo (ZAPATERO, 1989: 35; THERRIEN *et alii.*, 2000: 25; DEL CAIRO, C; GARCÍA CHÁVES, C [Coord.], 2002: 225-226; CALVO STEVENSON & MEISEL ROCA, 2009: 6; ROCHA, 2010: 2; GÁMEZ CASADO, 2018: 45; MARTIN, ESPINOSA, HANSELMANN & PERÉZ, 2019: 218). Alguns autores afirmam mesmo que esta foi uma cidade construída em resposta direta às constantes incursões piratas de que foi sendo alvo, pelo que o seu desenvolvimento foi irremediavelmente condicionado pelas necessidades de defesa (LANE, 2009: 111).

A construção deste dispositivo defensivo não impediu, porém, o constante assédio à cidade. A própria literatura deu ênfase à imagem de “epicentro caribenho do mundo pirático”, pelo que atacar Cartagena se tornou a maior fantasia dos piratas (LANE, 2009:

99). A maioria dos ataques foram perpetrados por piratas ingleses e franceses, cujo objetivo era controlar aquele porto de localização privilegiada e enfraquecer o poder do império marítimo espanhol. O primeiro ataque ocorreu uma década após a sua fundação, em 1544, pelo francês Roberto Baal; seguiram-se novos ataques por parte dos franceses em 1543, 1544, 1549 e 1560. Em 1586 foi a vez de Francis Drake e em 1697 do Barão de Pointis, tendo danificado bastante as fortificações quinhentistas que eram frágeis e ineficientes (ROCHA, 2010: 2). Logo após o ataque de Drake foi enviado para a cidade o engenheiro Juan Bautista Antonelli, o primeiro dos vários engenheiros encarregados de projetar um dos sistemas defensivos mais complexos construídos pelos espanhóis (LANE, 2009: 105-111).

Durante o século XVIII, ocorreram os ataques mais gravosos por parte da Inglaterra, que pretendia dominar o Mar das Caraíbas. O primeiro foi dirigido pelo almirante inglês Francis Hosier, que cercou a cidade em 1727 por várias semanas. Assim, a necessidade de reformar o sistema defensivo aumentou, destacando-se então as intervenções dos engenheiros militares Juan de Herrera e Sotomayor e Antonio de Arévalo, devendo-se a este último a conclusão de todas as fortificações em torno do canal de Bocachica (DORTA, 1988: 1-3; CALVO STEVENSON & MEISEL ROCA, 2009: 6; ÁLVAREZ, 2016: 367). O segundo ataque, o mais importante que ocorreu em Cartagena, foi no decorrer da guerra que opôs, entre 1739 e 1748, a Grã-Bretanha e a Espanha⁹ pelo controle do comércio na América Espanhola. Para tal teriam que controlar os dois principais portos da rota a Tierra Firme – Portobelo e Cartagena de Índias. Portobelo caiu em novembro de 1739 sem oferecer muita resistência. Em 1741, sob o comando do vice-almirante inglês Edward Vernon e com uma frota de 200 navios, foi a vez de atacar Cartagena (Figura 18-20). No entanto, e apesar da superioridade numérica¹⁰, os ingleses saíram derrotados pelas tropas espanholas comandadas por Blas de Lezo (ZAPATERO,

⁹ Este episódio inclui-se no decorrer da Guerra de Asiendo, que motivou ataques ingleses aos principais portos espanhóis como Cartagena, Portobelo e La Guaira (GÁMEZ CASADO, 2018:46).

¹⁰ Sob o comando do capitão inglês Lawrence Washington estava uma frota composta por 186 navios, 2.000 canhões, 9.000 soldados, 12.600 marinheiros, 2.000 homens, 1.000 escravos negros, e ainda 4.000 jovens recrutados nas colônias inglesas. A defesa de Cartagena contava com os diminutos números de 3.000 soldados, 600 indígenas e 6 navios de guerra (DEL CAIRO, C; GARCÍA CHÁVES, C [Coord.], 2002: 225-226).

1989: 135; GÁMEZ CASADO, 2018: 45-47/51-53; MARTIN, ESPINOSA, HANSELMANN & PERÉZ, 2019: 220) (Figuras 16-18).

Após o ataque inglês de 1741 chegaram a Cartagena de Índias os mais importantes engenheiros militares espanhóis, não só para reconstruir as baterias, castelos e muralhas, mas também para projetar um novo sistema defensivo. Entre esses engenheiros destacou-se Juan Bautista Mac-Evan e Ignacio Sala, chegados à cidade em 1742 e 1749 respectivamente (CASTRO *et alli.*, 2015: 13). As fortificações de Cartagena ficaram definitivamente concluídas em 1798, quase ao mesmo tempo que a história colonial espanhola, já que as muralhas construídas para defesa dos ataques dos inimigos de Espanha, serviram antes de palco às guerras da independência (Figura 21) (DORTA, 1988: 3-4).

Chegar a Cartagena através da baía era algo logisticamente complexo. A norte, através da Playa Grande, localizada a cerca de 9 km da cidade, não havia fortificações devido aos terrenos arenosos e à insalubridade do ambiente aquático circundante, no entanto se o ataque ocorresse nesta zona, os inimigos estariam expostos aos baluartes de Santa Catalina e San Lucas. A oeste, num ataque direto por mar, os baixos de areia fariam do desembarque nesta zona uma operação de alto risco, e as tropas seriam expostas à artilharia dos baluartes de Santo Domingo, Santiago e Santa Cruz. A sudoeste, o canal de Bocagrande era até meados do século XVII a entrada para o porto, no entanto o progressivo assoreamento e os sucessivos acidentes¹¹ levaram à sua inutilização. Este canal era flanqueado por dois castelos (Santángel e San Matías), que foram demolidos aquando da sua inutilização. A tentativa de atacar por aqui deixava o inimigo sem cobertura naval e exposto às duas fortificações que protegiam a baía interior de Cartagena (Santa Cruz e San Juan de Manzanillo). A sul, localizava-se o canal de Bocachica, a única entrada viável para todos os tipos de navios no século XVIII. Distava cerca de 11 km da cidade e tinha de largura 800 metros, ambos os lados do canal estavam munidos de dispositivos defensivos, sendo a sua defesa vital, já que esta era a única forma chegar à cidade (DEL CAIRO HURTADO, 2013: 186). Ora, o inimigo tinha que vencer o sistema defensivo de Bocachica, depois a entrada para a baía interior e os fortes de Santa Cruz e San Juan e, finalmente, atacar a cidade de frente para os baluartes voltados a sul,

¹¹ Por volta de 1640, dois galeões portugueses terão encalhado no canal.

principalmente o de San Ignacio. Seria então de prever que o inimigo tentasse atacar de outra forma, restando o leste da cidade, onde, contudo, a orografia também facilitou a defesa através do Cerro de la Popa com cerca de 148 metros de altura. Ainda assim, entre o Cerro de la Popa e a entrada da cidade localizava-se a fortaleza de San Lázaro (ou San Felipe de Barajas) (ÁLVAREZ, 2016: 368-369).

O monopólio comercial do Império Espanhol teve como base a *Carrera de Indias*. Em 1503, a Coroa espanhola criou o Tribunal e a *Casa de la Contratación* em Sevilha, instituições que tinham como função organizar e controlar o tráfego comercial entre a metrópole e as colónias (organizar frotas, regular taxas e impostos, conceder licenças, recrutar colonos, etc.). Sevilha foi o único porto autorizado de partida para a América até 1717, ano em que essa função passou a ser assumida por Cádiz, para onde se transferiram esses organismos de regulamentação (CIPOLLA, 1999: 34; LAVIANA CUETOS, 2006: 21-23; PEREZ DIAZ, 2019: 22).

O sistema de frotas, que vigorou entre 1561 e 1737, foi estabelecido pelo rei D. Filipe II de Espanha, determinando que a cada ano partiriam para as Índias duas frotas, uma com destino a Nueva España e outra a Terra Firme. Estas saíam de Sevilha ou Cádiz em direção às Canárias e depois rumo às Antilhas antes de se dirigirem aos portos de destino, Veracruz (no México) e Portobelo ou Nombre de Dios (no Panamá) (CIPOLLA, 1999: 35; LAVIANA CUETOS, 2006: 28). A extração de metais preciosos, especialmente no Novo Reino do Peru, foi a chave do sistema comercial imperial espanhol (VIDAL ORTEGA, 2004a: 126-130; PEREZ DIAZ, 2019: 22-24).

A posição geográfica estratégica de Cartagena de Índias fez do seu porto um dos mais importantes à época, escala obrigatória da *Carrera de Indias*, sendo que era a partir dele que se escoava grande parte da riqueza que provinha do interior do Vice-Reino de Nova Granada (em especial do atual Peru) para a metrópole. Funcionou como porto de escala da frota de Terra Firme, cujo destino final era Portobelo. Após terminar a *feria* em Portobelo, a frota regressava a Cartagena, onde ficava até ser tempo de se juntar à de Nueva España em Cuba. Esta situação teve reflexos no dinamismo da cidade e do porto, que viu mesmo nascer a sua própria *feria*. Cartagena assumiu-se assim como um ponto-chave, guardião militar, do qual dependia a rota Cartagena-Nombre de Dios-Portobelo (CIPOLLA, 1999: 40-41; THERRIEN *et alii.*, 2000: 25; VIDAL ORTEGA, 2000: 89;

VIDAL ORTEGA, 2004a: 123-131; VIDAL ORTEGA, 2004b: 39; ISAZA LONDOÑO, 2005: 52; VIDAL ORTEGA, 2006: 159; ROCHA, 2010: 2). Refira-se que Cartagena de Índias teve ainda enorme importância como local de partida para a exploração do território interior, com o qual comunicava e comercializava através do eixo fluvial Cauca-Magdalena, que unia toda a área neogranadina, a cidade de Cartagena e o Mar das Caraíbas (VIDAL ORTEGA, 2004a: 123-131).

O início do século XVII foi a época áurea da cidade, em grande medida porque se viveram tempos de estabilidade e segurança, que permitiu a consolidação e desenvolvimento de um grande número de infraestruturas comerciais e de apoio afetas ao porto. A par disso, constitui-se juntamente com Veracruz como os únicos portos autorizados a receber escravos em todo o império colonial (ROCHA, 2010: 11; VIDAL ORTEGA & ELIAS CARO, 2012: 8-10). Este desenvolvimento tornou-se particularmente significativo a partir de 1580, beneficiando da União Ibérica e do papel que os portugueses desempenharam no tráfico negreiro (VENTURA, 1999: 149-159; VIDAL ORTEGA & ELIAS CARO, 2012: 15-17; VIDAL ORTEGA & CASTILHO, 2015: 2-3).

Nesta época Cartagena tornou-se um verdadeiro “armazém de escravos”, onde chegavam os africanos trazidos pelos portugueses e que eram depois distribuídos para o Vice-Reino de Nova Granada e o Vice-Reino do Peru, sobretudo para desenvolver atividades ligadas à mineração. Estima-se que os portugueses tenham introduzido na América entre 250 e 300 mil escravos, sendo que cerca de 50% eram enviados para Lima (VIDAL ORTEGA, 2000: 89; MUCZNIK [Coord.], 2009: 140; VIDAL ORTEGA & ELIAS CARO, 2012: 11-17; VIDAL ORTEGA & CASTILHO, 2015: 2-3/9-10). Chegados à cidade os escravos eram amontoados nas chamadas “negrarias”, que se localizavam nas ruas de Santa Clara e Santo Domingo, num total de cerca de 24. Tratavam-se de edifícios de construção simples, com uma única porta e janela no topo do edifício (VIDAL ORTEGA, 2000: 96-97).

O sistema de frotas verificou-se a longo prazo pouco eficiente como garante do rígido sistema mercantilista espanhol, sendo que no século XVII o contrabando ou comércio direto representavam dois terços do comércio com as Índias (LAVIANA CUETOS, 2006: 30). O contrabando assumiu-se como um “fenómeno central da vida económica e social”, beneficiando tanto as elites como as classes populares e imprimindo

desenvolvimento nas cidades. Paralelamente, fragilizou em muito o sistema mercantilista espanhol, ao permitir por esta via comercializar com as potências rivais, principalmente ingleses e holandeses (VIDAL ORTEGA, 2004b: 39; DEAGAN, 2012: 18-19; PEREZ DIAZ, 2019: 26).

A crise de meados do século XVII representou um ponto de viragem sem retorno para a cidade e para o seu porto, que perdeu centralidade, sendo diretamente afetada por problemas políticos na metrópole, nomeadamente a separação ibérica, em 1640, e a diminuição da exploração de recursos nas colónias. A expulsão dos portugueses, em particular, traduziu-se num duro golpe para a cidade, que dependia em larga medida das redes comerciais que estes detinham, nomeadamente o tráfico negreiro (VIDAL ORTEGA, 2004b: 39; VIDAL ORTEGA, 2007: 104; ROCHA, 2010: 11).

No início do século XVIII, a Coroa autorizou a abertura dos portos do Vice-Reinado do Peru ao comércio estrangeiro e Espanha perdeu definitivamente o monopólio comercial com as colónias americanas. Daí em diante assumiram o controlo comercial uma série de companhias, que estabeleceram as suas estruturas nas cidades coloniais espanholas, como é o caso dos ingleses, que se fixaram em Veracruz, Cartagena e Portobelo (DEAGAN, 1987: 23; LAVIANA CUETOS, 2006: 30; VIDAL ORTEGA & ELIAS CARO, 2012: 1).

Se, por um lado, Cartagena de Índias sustentou a transação de metais preciosos mais importante da América colonial (VIDAL ORTEGA & ELIAS CARO, 2012: 8-10), a verdade é que ela era “a peça fundamental e o calcanhar de Aquiles do império espanhol na América” (LONDOÑO, 2005: 52), motivo pelo qual foi constantemente atacada por corsários ou potências rivais (THERRIEN *et alii.*, 2000: 25; VIDAL ORTEGA, 2000:89; ISAZA LONDOÑO, 2005: 52; VIDAL ORTEGA, 2006: 159), como referimos.

O processo colonizador implicou mutações nos mais amplos domínios da sociedade, com reflexo direto no mundo americano como o conhecemos hoje (DEAGAN & CRUXENT, 1993: 67; HOFMAN *et alii.*,2014). Desde logo porque este implicou a subjugação da população indígena, bem como a sua diminuição em massa, devido às doenças trazidas pelos europeus ou à escravatura a que foram sujeitos; além disso, o tráfico negreiro introduziu um fenómeno social “euro-afro-americano” altamente

sincrético, bem visível nos dias de hoje (DEAGAN & CRUXENT, 1993: 67; ARDILA, 2009: 36; CALVO STEVENSON & MEISEL ROCA, 2009: 5; DEAGAN, 2012 16-17; HOFMAN et alii.,2014).

Não se sabe ao certo o que terá acontecido às populações que habitavam a área colonizada pelos espanhóis ao redor de Cartagena de Índias. Apesar de ainda hoje existirem comunidades indígenas nas proximidades da cidade, a bibliografia e investigações realizadas naquela área são quase inexistentes. Depreende-se que a população nativa deveria ser significativa, uma vez que esta mão-de-obra foi utilizada na primeira fase de implementação da cidade colonial, até à chegada dos escravos africanos (ARDILA, 2009: 36-37). Ao longo do século XVI assistiu-se à rápida redução da população indígena, motivada por conflitos internos com os europeus, epidemias e a excessiva exploração de que eram alvo. Seguiu-se uma crise económica, motivada pela diminuição da população ligada à agricultura, que gerou grande escassez de bens alimentares, só ultrapassada com o crescimento do comércio e com a introdução da população escrava trazida de África, uma vez que em 1542 se proibiu o uso de mão-de-obra escrava indígena (VIDAL ORTEGA, 2004a: 132; CALVO STEVENSON & MEISEL ROCA, 2009: 6; VIDAL ORTEGA & ELIAS CARO, 2012: 9-11; DEAGAN, 2012: 14-15; PEREZ DIAZ, 2019: 22).

Embora não existam censos que permitam dar-nos valores exatos referentes à população, existe alguma documentação histórica que oferece dados interessantes. Por volta de 1580 a cidade teria cerca de 1.500 habitantes e 2000 indígenas tributários, sendo que no início do século XVII seriam já 2.500 habitantes. Em 1630 a população deveria rondar os 6000 habitantes, dos quais uma parte significativa eram estrangeiros, mais precisamente 184, e desses 154 eram portugueses. Também os números do Tribunal do Santo Ofício de Cartagena reforçam a grande incidência de estrangeiros na cidade, apontando para que, durante todo século XVII, 155 estrangeiros tenham sido julgados. Desses 78 eram portugueses e 57 foram acusados de judaísmo, remetendo-nos para uma noção importante já que, naquele contexto, “judeu” e “português” eram quase sinónimos. Como referimos, os portugueses tiveram um papel importante na história desta cidade, e ainda que tradicionalmente se ligassem a atividades como comerciantes, marinheiros ou mercadores de escravos, chegaram mesmo a ocupar cargos na administração (ROCHA, 2010: 5-6; VIDAL ORTEGA & ELIAS CARO, 2012: 7/19-21).

O crescimento populacional de Cartagena está intimamente ligado ao dinamismo comercial do seu porto, já que em alturas de *feria* ou das escalas das frotas a população poderia dobrar ou triplicar (VIDAL ORTEGA & ELIAS CARO, 2012: 19-20). Assim, a partir de meados do século XVII assiste-se a uma rápida diminuição da população justificada em certa parte por motivos económicos e comerciais. A Restauração da Independência Portuguesa, em 1640, tem reflexo direto no comércio da cidade e no fim do tráfico negreiro¹², do qual esta dependia em grande medida. A perda da exclusividade do comércio com Espanha e a abertura dos portos do império a potências estrangeiras, bem como o decréscimo do comércio de metais preciosos também contribuíram para um desinteresse generalizado a afluir àquele porto. Por fim um conjunto de fenómenos epidémicos que assolou a cidade contribuiu em grande medida para este decréscimo populacional e tem reflexo no contexto arqueológico aqui apresentado (VIDAL ORTEGA, 2007: 104-105).

A História da Colômbia do século XIX ficou marcada pelos movimentos independentistas. Cartagena de Índias decretou a independência a 11 de novembro de 1811, depois de cerca de 275 anos de domínio colonial. No entanto, em 1815, a cidade foi cercada pelas forças espanholas comandadas pelo general espanhol Pablo Morillo, ficando de novo sob jugo da Coroa espanhola. Só uma década depois, em 1821, e após um cerco de 14 meses, é que o coronel Gabriel Torres y Velasco se rendeu e entregou a cidade ao general Mariano Montilla, pondo definitivamente fim ao domínio espanhol na cidade e na Colômbia, uma vez que este era o único território que não era ainda independente (THERRIEN *et alii.*, 2002: 25; VIDAL ORTEGA, 2007: 117).

¹² No início do século XVII a população negra seria já uma maioria na cidade (VIDAL ORTEGA, 2000: 89).

III. O Convento de Santo Domingo

1. História

A Ordem dos Frades Pregadores, ou Dominicana, comunidade mendicante nascida no século XIII em França, foi uma das primeiras a chegar ao Novo Mundo, tendo desempenhado um papel fundamental na primeira etapa de colonização e nas missões de evangelização. Os primeiros dominicanos chegaram às Caraíbas, mais concretamente a Cuba e à República Dominicana, em 1510. A presença da comunidade dominicana na atual Colômbia deverá remontar a 1528, ano em que se registou o seu desembarque em Santa Marta com o governador García de Lerna, e onde se fundou o primeiro convento neste território. Entre 1493 e 1524, realizaram-se as primeiras missões na região de Darién (na fronteira entre a Colômbia e o Panamá) e na costa norte da Venezuela, mas os resultados foram incipientes. Estas missões, que se iniciaram na costa e se estenderam ao interior do continente, tinham como objetivo construir conventos e igrejas e estabelecer comunidades (VIDAL ORTEGA, 2007: 76-83; REYES RODRIGUEZ, 2010: 40; PLATA, 2015: 80).

A 14 de janeiro de 1533, chegaram às terras de Calamarí, território da atual Cartagena de Índias, juntamente com Pedro de Heredia, conquistador e fundador da cidade, os dominicanos Pe. Diego Ramirez e Pe. Luis de Orduña, que, segundo as fontes, foram os primeiros a administrar os sacramentos naquele lugar. Por esta razão o convento dominicano foi o primeiro edifício religioso a ser erguido na cidade, sendo anterior à própria catedral. O primeiro bispo de Cartagena foi também ele um dominicano, Frei Jerónimo de Loaysa (1539) (VIDAL ORTEGA, 2007: 76-85; ISAZA LONDOÑO, 2005: 58; REYES RODRIGUEZ, 2010: 40-43).

Terá sido em 1539, que se ordenou a construção de um convento para a Ordem Dominicana em Cartagena de Índias, cuja coordenação ficou nas mãos do Frei Jerónimo de Loaysa. Não existe, no entanto, consenso quanto à data de fundação do *Convento de Santo Domingo* ou *Convento de San José de los Predicadores* desta cidade, sendo que se aponta na bibliografia para o período de tempo compreendido entre 1539 e 1552 (DÍAZ, s.d.a.: 4; THERRIEN *et alii.*, 2000: 25; THERRIEN *et alii.*, 2002: 25; ISAZA LONDOÑO, 2005: 58; THERRIEN, 2007: 41-42; VIDAL ORTEGA, 2007: 87; REYES RODRIGUEZ, 2010: 41-54).

Sabe-se, no entanto, que terá existido um primitivo edifício em madeira e palha, erguido provavelmente entre 1534 e 1539, como era comum aos edifícios da cidade numa primeira fase da colonização; este localizar-se-ia possivelmente na atual Plaza de los Cochés (à época Plaza de la Yerba), cujos terrenos haviam sido doados por D. Juan Pérez de Materano e pelo *cabildo*¹³. Esse primitivo edifício foi completamente destruído no grande incêndio de 19 de fevereiro de 1552, motivo que determinou a sua deslocação, nesse mesmo ano, para os terrenos doados por Francisco Lipar, onde permanece até hoje e dá o nome à Praça – Plaza de Santo Domingo. No entanto, a sua construção só se deve ter iniciado em 1570 (DÍAZ, s.d.a.: 4; THERRIEN *et alii.*, 2000: 25; THERRIEN *et alii.*, 2002: 25; ISAZA LONDOÑO, 2005: 58; THERRIEN, 2007: 41-42; VIDAL ORTEGA, 2007: 87; REYES RODRIGUEZ, 2010: 41-54).

Devido aos estragos causados pelo incêndio em toda a cidade, determinou-se a obrigatoriedade de tomar medidas preventivas de situações idênticas, passando a construir-se em materiais mais resistentes, como telha, ladrilho e pedra. Naturalmente, que tal elevou o custo de construção e, assim, a edificação do novo convento foi um processo que se prolongou no tempo, na verdade quase três séculos (281 anos) (DÍAZ, s.d.a.: 4; THERRIEN *et alii.*, 2002: 25; REYES RODRIGUEZ, 2010: 40-57).

Existem inúmeras fontes que relatam as dificuldades financeiras, os sucessivos pedidos de financiamento e doações para a conclusão do edifício, tanto à Coroa como a privados, bem como as condições precárias em que viviam os membros da comunidade, numa falta de recursos crónica. A dificuldade em conseguir financiamento próprio também está amplamente documentada: enquanto noutras partes do Império as ordens religiosas se financiavam com as rendas que cobravam nas suas fazendas, a pobreza agrária da região de Cartagena não permitia que tal acontecesse. Uma outra forma de financiamento eram as *capellanías*, ou seja, a celebração de missas em memória dos entes queridos. No entanto, os comerciantes mais ricos, entre os quais portugueses e flamencos,

¹³ *Cabildo* – unidade fundamental do governo local no império espanhol (conselho municipal), sendo que cada município era governado pelo seu *cabildo*. Os espanhóis consideravam a cidade, enquanto unidade, de extrema importância, estando a paisagem circundante diretamente subordinada a ela. O conselho era composto por vereadores, magistrados e um juiz nomeado pelo rei. Britannica, T. Editors of Encyclopaedia (2015). *Cabildo*. Encyclopedia Britannica. <https://www.britannica.com/topic/cabildo-local-government>

muitas vezes judeus, não tinham qualquer interesse em contribuir financeiramente para uma ordem religiosa intimamente ligada ao Tribunal da Inquisição. Deste modo, a Ordem era fortemente dependente das esmolas (VIDAL ORTEGA, 2007: 99-100). Díaz faz ainda referência a um episódio que poderá também ter contribuído para a falência da instituição a nível local e no descrédito da Ordem aos olhos da própria cidade. Trata-se de um alegado roubo a este convento, e ainda aos de Santa Fé (atual Bogotá) e Tunja, perpetrado por Diego de Ramirez, um dos frades que acompanhava Pedro de Heredia, que ao que parece era um impostor que fugiu da Inquisição para a Jamaica e Equador antes de chegar a Cartagena (DÍAZ, s.d.a.: 4; DÍAZ, s.d.b.: 4).

D. Pedro Fernández de Busto, governador da cidade, comunicou em 1579 o início das obras, cujo autor do projeto se desconhece. Algumas fontes consideram ser da autoria de Simón González, *maestro mayor* da cidade, que em 1603 dirigiu as obras do Convento de San Diego, em Cartagena de Índias. A semelhança desse claustro com os de Santa Clara, San Francisco e San Agustín de La Popa, também em Cartagena de Índias, levaram o historiador Marco Dorta a afirmar que é muito provável que todos eles, e ainda o de Santo Domingo, sejam de sua autoria. Em 1580, chegou a Cartagena o dominicano Esteban de Ovalles que se encarrega de continuar as obras e a quem se deve a maior parte do processo (ISAZA LONDOÑO, 2005: 58-59; REYES RODRIGUEZ, 2010: 50-55).

Num relatório apresentado em 1580, pelo bispo de Cartagena, Frei Juan de Montalvo, ao rei, dava-se conta que: “O edifício desta igreja já começa a subir, porque a capela-mor está feita e as laterais e tudo coberto; daí em diante existem quatro arcos de cada parte formada pela nave central e descobertos e as paredes laterais se vão levantando”¹⁴. Em 1582, a maioria das paredes já estaria edificada, bem como o pórtico da entrada principal (REYES RODRIGUEZ, 2010: 50-51). Therrien, citando Borrego Plá (1983: 12), refere que em 1580 a celebração do culto era descrita como “sob um teto coberto com até um estado e meio, e não havia nem claustro nem sacristia, reduzindo o alojamento dos religiosos a um corredor de mesas, onde há sete celas e não há mais” (THERRIEN *et alii.*, 2000: 26)¹⁵.

¹⁴ Reg 7614 - Fondo San Antonino, Sección: Conventos, Subsección: Cartagena, 1580. (3/2/29) f. 0024. (REYES RODRIGUEZ, 2010: 51). A tradução é da nossa responsabilidade.

¹⁵ Tradução da nossa responsabilidade.

Em 1586, durante um ataque perpetrado por Francis Drake à cidade, o edifício sofreu graves danos estruturais. Tal resultou na emissão de uma cédula real, em 1588, para ajudar a reparar os estragos, e ainda de outro decreto real, de 1596, que determinou que os fundos destinados à catedral, uma vez concluída, fossem utilizados para terminar a construção dos claustros de San Agustín e Santo Domingo (ISAZA LONDOÑO, 2005: 59; VIDAL ORTEGA, 2007: 98-100; REYES RODRIGUEZ, 2010: 51).

Em 1620, todas as paredes da igreja estavam construídas, faltando apenas colocar a cobertura, que só foi terminada uma década depois por falta de financiamento. No entanto, existem autores que mencionam uma obra publicada em 1628 por Pedro López de León, médico natural de Sevilha que esteve em Cartagena desde 1590 a 1617, e que sugere o desabamento de uma abóboda, devido à falta de conhecimentos técnicos para a sua conceção, na sequência do qual um escravo ficou gravemente ferido (SAMUDIO, 2000-2001 *apud* DÍAZ, s.d.a.: 5; ISAZA LONDOÑO, 2005: 59).

Em 1630 a igreja já estaria concluída (THERRIEN *et alii.*, 2000: 26; THERRIEN *et alii.*, 2002: 25). Contudo, e mais uma vez, a falta de competências para construir uma grande abóboda de berço levou a que, entre 1639 e 1642, um benfeitor e grande mecenas da obra, D. Gonzalo de Herrera, Marquês de Villalta, doasse dinheiro para construir os quatro arcos transversais que suportam a abóboda alongada, bem como os contrafortes que os apoiam do lado exterior do edifício, e que dão o nome à rua onde são visíveis (Callejón de los Estribos), a fim de evitar que o edifício ruísse. Em 1639, construíram-se ainda as abóbodas das capelas laterais (DÍAZ, s.d.a.: 5; ISAZA LONDOÑO, 2005: 59). A cisterna foi concluída em 1647. Por volta de 1654 construiu-se o pórtico da fachada principal e a torre, onde se abriu um arco para albergar a imagem de Santo Domingo. Em 1669, Frei Esteban Santos sugeriu o alargamento do claustro, apesar do investimento necessário. No entanto, sabe-se que em 1695 os claustros e os dormitórios ainda não estavam terminados (THERRIEN *et alii.*, 2000: 26; VIDAL ORTEGA, 2007: 106; REYES RODRIGUEZ, 2010: 53).

Não existem registos de ter sido utilizada mão-de-obra indígena na construção do convento, mas sim de mão-de-obra escrava. Mas, por outro lado, existem registos que indicam que os indígenas desempenharam trabalhos domésticos no interior do claustro (REYES RODRIGUEZ, 2010: 55).

Os dominicanos tiveram um papel importante na pregação e também foram ativos defensores dos direitos dos indígenas e na luta contra os maus-tratos, destacando-se o papel do Frei Bartolomé de Las Casas. Na segunda metade do século XVII, a Ordem Dominicana conheceu um período particularmente próspero, e os estudos instituídos nos conventos de Santa Fé, Tunja e Cartagena permitiram a formação da primeira classe de *criollos*¹⁶ letrados em Nova Granada. Em Cartagena, o ensino estaria instituído no Convento de Santo Domingo desde pelo menos 1580, sendo que em 1644 obteve autorização para elevar o seu ensino ao nível dos Estudos Gerais que vigoravam em Castela, centrando-se em três componentes: Gramática, Artes e Teologia. Foi nesta altura que surgiram conflitos com os jesuítas sobre a autorização para a fundação da primeira universidade. No entanto, segundo as fontes, a escola de Santo Domingo durou poucos anos devido a razões económicas, tendo a função educativa ficado a cargo da comunidade jesuíta e do Colégio da Companhia (DÍAZ, s.d.a: 5-6; VIDAL ORTEGA, 2007: 82: 89).

Em 1697, um ataque de corsários franceses a Cartagena, sob o comando do Barão de Pointis, que resultou numa série de pilhagens a vários edifícios da cidade, provocou danos graves na estrutura deste convento, uma vez que deitaram fogo a barris de pólvora no seu interior. Em conformidade com o referido, e dado que era necessário proceder à reparação das estruturas, o rei autorizou que, até 1730, se pedissem esmolas ao Peru para reparar o coro, a igreja e o convento, sendo que só no final do século XVIII o claustro ficou terminado (TERRIEN *et alii.*, 2000: 28; TERRIEN *et alii.*, 2002: 25; DÍAZ, s.d.a: 10-11; VIDAL ORTEGA, 2007: 106-108; REYES RODRIGUEZ, 2010: 53).

¹⁶ Neste contexto, e em período colonial, *Criollo* designa qualquer pessoa de ascendência europeia (principalmente francesa ou espanhola) ou africana nascida no Novo Mundo, e assim naturalizada em vez de no país de origem dos seus pais. Nas colónias espanholas, os *criollos* eram por norma excluídos de altos cargos na igreja e na administração. A própria Coroa promovia a distinção e discriminação, ao recompensar os espanhóis com altos cargos na sociedade colonial e ao excluir os *criollos*, limitando ainda as suas atividades comerciais. Criou-se assim um clima de inimizade dentro da própria sociedade colonial, não sendo de estranhar o facto de terem sido os *criollos* a liderar os movimentos independentistas do século XIX, tornando-se depois disso a classe dominante. Hoje em dia a palavra adquire significados mais amplos e mutáveis de região para região. Nas Índias Ocidentais, o termo é usado comumente de forma mais ampla para se referir a todas as pessoas, qualquer que seja a sua classe ou ancestralidade (europeia, africana, asiática, indiana) que fazem parte da cultura caribenha. Na Guiana Francesa, o termo refere-se àqueles que, independentemente da sua origem étnica, adotaram um modo de vida europeu; no Suriname, refere-se a descendentes de escravos africanos. Nos Estados Unidos pode também referir-se a descendentes dos primeiros colonizadores ou a alguém de ascendência mestiça ou mestiço que fala espanhol ou francês. Britannica, T. Editors of Encyclopaedia (2021). *Creole. Encyclopedia Britannica*. <https://www.britannica.com/topic/Creole>

O século XVIII ficou marcado por rivalidades entre a França e a Inglaterra, das quais as colônias espanholas não foram excluídas. Espanha era aliada da França e, por isso, os portos do império espanhol foram alvos apetecíveis dos ingleses, devido à comercialização de metais preciosos, sobretudo prata que tanto Inglaterra como a França precisavam para o comércio no Índico. Cartagena era à data uma cidade militarizada e que vivia na iminência constante de ataques. Em 1740, e após uma declaração de guerra da Inglaterra a Espanha – Guerra do Asiento ou Guerra da Orelha de Jenkins (1739-1748) –, e face a uma iminente invasão de Sir Edward Vernon, o governador da cidade ocupou o convento com as tropas reais, durante cerca de uma década (VIDAL ORTEGA, 2007: 108-113; REYES RODRIGUEZ, 2010: 53-54).

Deste modo, durante quase toda a segunda metade do século XVIII, o convento foi sucessivamente utilizado como quartel militar, uma vez que beneficiava de uma localização estratégica (em frente ao baluarte de Santo Domingo); podia albergar regimentos até 600 soldados, e, numa outra perspetiva, representava ganhos financeiros para a comunidade religiosa, uma vez que esta cobrava renda. Após este período de ocupação para fins militares registaram-se inúmeros danos estruturais no edifício, sendo poucas as condições de habitabilidade, que levaram novamente a pedidos de financiamento à Coroa para a realização de obras (VIDAL ORTEGA, 2007: 110-115; REYES RODRIGUEZ, 2010: 53-54).

As consequências da ocupação militar também tiveram repercussões na comunidade dominicana da cidade, verificando-se uma diminuição do número de religiosos, que passou de 28 em 1772 para metade em 1799. As fontes referem as dificuldades em que estes viviam: “sobreviviam de esmolas e de missas cantadas pela alma dos defuntos” (VIDAL ORTEGA, 2007: 116)¹⁷.

A situação política vivida na cidade, desde meados do século XVIII e durante todo o processo de independência, resultou numa precariedade e pobreza crónica. No caso específico do Convento de Santo Domingo, e citando Antonino Vidal Ortega, “Estes violentos acontecimentos levaram à morte lenta do convento, que durante este tempo apenas se limitou a subsistir como qualquer outra instituição ou habitante da cidade”¹⁸,

¹⁷ Tradução da nossa responsabilidade.

¹⁸ Tradução da nossa responsabilidade.

tendo voltado a assumir funções militares em 1815, durante o cerco de Pablo Morillo à cidade (VIDAL ORTEGA, 2007: 117). Com a instauração da República, verificaram-se mudanças a nível legislativo, entre as quais uma lei que determinava a supressão dos conventos. No entanto, o Convento de Santo Domingo não encerrou em função dessa lei, mas sim em 1826, quando a Ordem Dominicana perdeu todo o seu património e fontes de rendimento. Em 1827, o governo reconheceu a sua extinção e delegou-lhe funções militares, ainda que oficialmente se reconheça o ano de 1833 para a sua extinção, uma vez que foi nesse ano que os religiosos foram transferidos para o convento dominicano de Santa Marta. Therrien refere que, após a expulsão da ordem do convento, o edifício passou a pertencer à cúria episcopal e a funcionar como seminário para os padres eudistas (THERRIEN *et alii.*, 2000: 29; THERRIEN *et alii.*, 2002: 25; REYES RODRIGUEZ, 2010: 54).

No início do século XX, sob a direção de Monsenhor Brioschi, realizaram-se obras no edifício, que incluíram a ampliação dos dormitórios, a reparação dos telhados e o traslado dos túmulos do presbitério para o transepto. Além disso, demoliram-se as arcadas do pátio interior e as estruturas anexas, devido ao estado de degradação das suas paredes. Na década de 80, converteu-se o terceiro pátio na atual área residencial e o seminário continuou em funcionamento (THERRIEN *et alii.*, 2000: 30).

2. Arquitetura

O Convento de Santo Domingo localiza-se no centro de Cartagena de Índias, dentro da cidade amuralhada, na esquina entre o Callejón de los Estribos e a Calle de Santo Domingo (Figuras 22 e 23). A igreja está orientada paralelamente ao Callejón de los Estribos, seguindo uma orientação E-O, sendo que a sua fachada principal está de frente para a Plaza de Santo Domingo (Figura 24). A estrutura conventual ocupa uma área de cerca de 5500 m², estendendo-se a fachada principal ao longo de 85 m. O claustro é um quadrado com 30 m de lado, perfazendo uma área de 900 m² (Figuras 25-28). Vários autores defendem que, apesar da demora de séculos na construção deste edifício, a planta atual da igreja parece corresponder à original, já que coincide em grande medida com a sua representação numa planta da cidade que data de 1597 (DORTA, 1945: 535 *apud* ISAZA LONDOÑO, 2005: 59; ISAZA LONDOÑO, 2005: 59).

O acesso ao espaço conventual é feito por uma porta na Calle de Santo Domingo, imediatamente ao lado, da porta principal da igreja, sendo que também se pode ingressar a partir desta por meio da sacristia, localizada ao fundo do corredor sul do claustro. O espaço está dividido em dois pisos, sendo que se acede ao piso superior a partir de uma escadaria localizada no lado norte do edifício. No piso inferior, imediatamente à direita da referida escadaria, localiza-se a porta de acesso ao museu do sítio e ainda ao café, que também tem entrada pelo exterior do edifício, pela Calle de Santo Domingo. Do lado esquerdo da escadaria deveria localizar-se a Sala do Capítulo. Na ala norte supõe-se que também existiria a cozinha, tendo em conta a maior concentração de cultura material associada a esse fim, bem como a existência de restos faunísticos em maior quantidade. No piso superior deveriam ser as habitações dos religiosos, pelo menos é o que podemos inferir do relatório de escavação que particulariza uma sondagem no piso superior a que chama de “*Cuarto del Prior*”.

A igreja apresenta planta retangular, tendo de dimensões aproximadamente 60 m de comprimento e 28 m de largura. É constituída por três naves, sendo as laterais ocupadas por capelas, num total de nove, cujo acesso se faz a partir da nave principal e entre as próprias capelas. A nave principal está coberta por uma abóboda de berço com grossos arcos de volta perfeita, os quais são suportados por largos pilares adossados às paredes internas. Em relação às capelas laterais, cinco são cobertas por abóbodas de aresta e quatro por abóbodas de aresta aplanada, sendo que estas estão alternadas sem qualquer critério. O transepto é tão largo como o corpo principal – transepto embutido – e está também coberto por uma abóboda de berço. A capela-mor é pouco profunda, possui abside octogonal e é totalmente construída com silhares de pedra, tal como a fachada principal (ISAZA LONDOÑO, 2005: 60). O coro é suportado por uma abóboda, que segundo antigas versões populares, terá sido o arco plano mais ousado da história da colónia, tratando-se de uma abóboda rebaixada cujo peso foi atenuado com a colocação de objetos cerâmicos (ISAZA LONDOÑO, 2005: 60) (Figuras 29-31; 35-38).

Arquitetonicamente, a fachada do edifício corresponde ao estilo Herreriano¹⁹, devido à geometria das suas formas e à ausência de ornamentação. No pórtico da entrada principal estão presentes dois conjuntos de colunas dóricas encimadas por um frontão quebrado, tipicamente barroco, que acomoda uma janela circular. Num primeiro corpo, o acesso à igreja é feito através de um arco de volta perfeita, ladeado por dois pares de colunas dóricas suportadas por pedestais, existindo entre cada um deles um nicho. Sobre este nível térreo regista-se um segundo corpo, dividido deste primeiro por um entablamento clássico com um ligeiro sulco (novamente invocando o barroco). Aqui estão presentes mais quatro colunas dóricas (de menores dimensões que as primeiras), seccionando este conjunto em três partes: as laterais estão ocupadas por janelas retangulares, a parte central é ocupada por um nicho (que terá contido uma imagem de São Domingos). As colunas suportam um entablamento com friso convexo, onde assenta o já mencionado frontão quebrado. Existe quase como que um prolongamento destas colunas acima do frontão, que termina em duas esferas de cada lado do pórtico. A janela circular parece interromper um relevo retangular com uma forma elíptica no interior que encima a fachada, o que sugere que em tempos terá ali existido uma claraboia circular-elíptica, que ainda é parcialmente visível no interior, embora esteja parcialmente coberta por um dos arcos que suporta a fachada principal. A cornija curva, representativa do perfil da abóboda que cobre o edifício, e com um pequeno pináculo de louça vidrada típica de Santa Cruz de Mompox ao centro, finaliza a gramática decorativa de todo o conjunto (ISAZA LONDOÑO, 2005: 61) (Figura 24).

A torre sineira em tijoleira está posicionada a norte da entrada principal, não estando paralela à fachada, sendo a distorção atribuída pela crença popular ao diabo. Cada uma das suas quatro faces é rasgada por um conjunto de quatro arcos de volta perfeita, enquadrados entre pilastras. A torre é ainda encimada por pináculos piramidais em cada um dos seus vértices. Terá existido uma outra torre no lado oposto à descrita, que foi

¹⁹ Trata-se de um estilo maneirista desenvolvido no final do século XVI, coincidindo com o reinado de Filipe II e tendo por isso o seu maior exemplo arquitetónico no Mosteiro do Escorial (Madrid, Espanha). Caracteriza-se pelo rigor geométrico, simetria, equilíbrio visual das paredes e arcos, horizontalidade e ausência quase total de decoração. (<https://www.artespana.com/arquitecturaherreriana.htm/> [Consult. 20 Jan. 2021] e <https://www.glosarioarquitectonico.com/glossary/herreriano/> [Consult. 20 Jan. 2021])

destruída por um relâmpago e nunca reconstruída (ISAZA LONDOÑO, 2005: 61) (Figuras 24).

Podemos encontrar vários exemplos similares a esta igreja na ilha de *Hispaniola* (correspondendo aos atuais territórios do Haiti e República Dominicana), com datações entre 1524 e 1555. O exemplo mais evidente será provavelmente o da igreja desta mesma ordem na cidade de Santo Domingo, construída entre 1527 e 1537, que por sinal era a igreja conventual mais importante da cidade (ISAZA LONDOÑO, 2005: 61-62).

A fachada do convento de Santo Domingo de Cartagena deverá datar de 1580 e encontra inspiração no renascimento espanhol, enquanto o friso convexo é característico do renascimento italiano. Já o frontão fendido e a cornija curva remetem-nos imediatamente para o estilo barroco, marcando um momento de transição, que ocorreu por volta de 1600. Esta justaposição de estilos e elementos decorativos é explicada por Dorta (1951), que ressalva que o primeiro corpo da fachada data provavelmente do século XVI, enquanto o segundo corpo só foi concluído no início do século XVII, por razões económicas, tendo então sido introduzidos elementos decorativos barrocos (DORTA, 1951 *apud* ISAZA LONDOÑO, 2005: 62; ISAZA LONDOÑO, 2005: 62).

Esclarecer que em Nova Granada, ao contrário do que aconteceu na Nova Espanha, não existem características formais que nos permitam distinguir os espaços religiosos de cada Ordem. Existem sim semelhanças entre os modelos arquitetónicos típicos de cada região, uma vez que se procurava tirar partido do que cada uma oferecia, quer em termos materiais, como em recursos técnicos e mão-de-obra, sendo a procura pela unificação descuidada em detrimento do prático/funcional (ISAZA LONDOÑO, 2005: 63).

3. As intervenções arqueológicas

Num primeiro momento, a direção das intervenções arqueológicas ficou ao cuidado de Monika Therrien (THERRIEN *et alii.*, 2000), que realizou 13 sondagens ao longo de todo o complexo. Paralelamente, ter-se-á ainda realizado um estudo arquitetónico, que resultou numa descrição cuidadosa das modificações que ocorrem no edifício ao longo dos seus 400 anos de história (SAMUDIO, 2000-2001 *apud* DÍAZ, s.d.a.: 2). No entanto, nunca nos foi possível encontrar esse estudo, ainda que o tenhamos

solicitado diversas vezes a inúmeras entidades e procurado nos diversos catálogos em linha.

Entre maio de 2002 e abril de 2003 (segundo Vidal Ortega, entre 2003 e 2004), os trabalhos passaram a ser dirigidos cientificamente por Camilo Díaz Pardo, em colaboração com a Agencia Española de Cooperación Internacional (AECI), Arquidiócesis de Cartagena, Escuela Taller Cartagena de Indias e Universidad del Norte, levando a cabo um projeto que pretendia compreender o “panorama histórico e social que marcou a vida do claustro durante o seu período de ocupação” (DÍAZ, s.d.a.: 2; INFORME ESPECIAL UNIVERSIDAD DEL NORTE, 2003: 3; VIDAL ORTEGA, 2007: 73)²⁰. Esta intervenção permitiu ter uma leitura mais multifacetada do contexto identificado na intervenção anterior. A metodologia de trabalho pressupôs a escolha de locais de maior interesse arqueológico, tendo em conta os trabalhos já realizados (Therrien *et alii.*, 2000), para abertura de sondagens de 1x1 separadas por banquetas (segundo Wheeler, 1954) na maior parte do complexo, excetuando o pátio, onde se escavou em área (segundo o método Barker-Harris, 1989), perfazendo um total de 41 sondagens. O espaço intervencionado foi organizado, ordenado e nomeado seguindo a lógica de um plano cartesiano (DÍAZ, s.d.a.: 20-21; DÍAZ, s.d.b: 26-27).

Assim, existem dois relatórios de escavação distintos (THERRIEN *et alii.*, 2000 e Díaz, s.d.a.). O objetivo central destas intervenções era perceber e documentar o quotidiano, a economia, o ambiente social e cultural e os padrões de consumo daquela comunidade, durante os mais de três séculos de ocupação do convento, bem como, em última análise, perceber as características estruturais do edifício e sucessivas modificações e adaptações (DÍAZ, s.d.a.: 2; DÍAZ, s.d.b.: 2; INFORME ESPECIAL UNIVERSIDAD DEL NORTE, 2003: 3; REYES RODRIGUEZ, 2010: 56).

As escavações de 2000

O relatório de junho de 2000, da autoria de Monika Therrien, Maria Fernanda Salamanca, Jimena Lobo Guerrero Arenas, refere a realização de 13 Unidades de

²⁰ Tradução da nossa responsabilidade.

Escavação (sondagens)²¹, para as quais se procurou definir uma sequência estratigráfica a partir da definição de níveis naturais (unidades estratigráficas – U.E.) (THERRIEN *et alii.*, 2000: 6) (Tabela 1). Neste caso específico, a localização das sondagens teve em conta os objetivos e necessidades do projeto, bem como procurar documentar as características do claustro e sua evolução (Figura 39). Assim, pretendia-se: pôr em evidência a estrutura original e as transformações que sofreu ao longo da sua utilização; registar a sequência cronológica de uso e de transformação dos espaços; compreender as atividades ali desenvolvidas e a sua relação com a história de Cartagena (THERRIEN *et alii.*, 2000: 7).

As sondagens de 1 a 9, cuja localização foi escolhida aleatoriamente, foram iniciadas pelos arquitetos responsáveis pelo projeto, que pretendiam verificar a qualidade, quantidade e características dos pavimentos suscetíveis de serem encontrados. Por sua vez, as sondagens 10, 11, 12 e 13 foram iniciadas pela equipa de arqueologia (THERRIEN *et alii.*, 2000: 39).

As sondagens 1 e 7 localizaram-se no pátio central, no cando sudeste e junto ao muro limítrofe norte, respetivamente. Detetou-se um sistema de tubagens no centro da sondagem (sobre o qual não é apresentada nenhuma conclusão no relatório).

As sondagens 2 e 10 decorreram na portaria, sendo que se encontram argamassas correspondentes aos muros originais, material construtivo, e ainda um nível de circulação de cal e areia, que também ocorre noutras áreas da escavação.

A sondagem 3 teve lugar na Sala do Capítulo, tendo-se encontrado evidências de três pisos: o nível de circulação atual; um outro, constituído por ladrilho militar, que foi atribuído à ocupação do espaço por Pablo Morillo no século XIX, tendo-se inclusive recolhido uma bala de canhão; e por fim, um outro de cal e areia foi datado do século XVI-XVII com base nos materiais recolhidos. A sondagem 4 decorreu no corredor norte

²¹ Importa clarificar que, segundo Therrien, a Unidade de Escavação é a mínima unidade significativa da qual se pode extrair informação arqueológica: “Corresponde às várias sondagens que se efetuam ao longo de um sítio arqueológico, as quais podem variar em dimensão, tendo em conta as características da área de trabalho, as necessidades do projeto e o interesse em certos setores do sítio”²¹ (THERRIEN *et alii.*, 2000: 6).

à entrada da Sala do Capítulo, tendo-se registado resquícios do que poderia ser o piso de areia e cal da sondagem 3, não se registando, contudo, nenhum dos outros. Diante desta realizou-se a sondagem 6, pretendendo-se confirmar a estratigrafia da anterior.

A sondagem 5 localizou-se numa sala do corredor ocidental, sendo que a maioria dos estratos é composta por despejos de material construtivo. Ao contrário do que se verifica nas restantes sondagens, onde nos estratos inferiores predomina o material do século XVI, aqui verifica-se uma maior percentagem de material do século XVIII-XIX, o que poderá denunciar alguma alteração naquele espaço. Registou-se ainda uma estrutura murária que deveria integrar a entrada de um compartimento, bem como três possíveis degraus em ladrilho. A sondagem 9 também se localizou na zona ocidental do complexo, mais concretamente no corredor junto ao muro que delimita o pátio central, não contento o relatório informação relevante acerca desta.

A sondagem 8 está localizada num depósito pertencente a “locais exteriores”, debaixo da escadaria principal. Tal como acontece na sondagem 5, também aqui predominam os materiais do século XVIII, e estes estão presentes nos estratos inferiores. A sondagem 12 realizou-se imediatamente no início da escadaria principal, com o objetivo perceber a sua estrutura. Encontrou-se um nível de argamassa, a 10 cm de profundidade, que está presente noutras sondagens e que terá sido usado como piso uma vez que esta se encontra polido.

A sondagem 11 decorreu no corredor sul junto ao muro que divide a igreja do convento, tendo o estudo dos muros permitido perceber a evolução da dimensão de portas e janelas. O relatório não é muito claro, mas parecem ter sido realizadas sondagens parietais a fim de confirmar uma anterior ligação entre o claustro e a igreja, que se verificou não ter existido. Verificou-se, no entanto, o piso de tijoleira já relatado nos setores norte e ocidental.

A sondagem 13 realizou-se na sacristia, onde se pretendia confirmar a sequência estratigráfica, já que este é um espaço que normalmente quase não sofre alterações. Registou-se um piso de tijoleira, imediatamente abaixo de despejos de material construtivo e pedra coralina. Verificou-se ainda o nível de circulação em argamassa e o de cal e areia, que estão presentes noutras sondagens.

Não foi possível atingir o nível geológico, uma vez que o nível freático de Cartagena é bastante alto, o que é apontado como uma dificuldade para atingir estratos mais profundos e definir com rigor a estratigrafia (THERRIEN *et alii.*, 2000: 7). Ainda assim, a partir da estratigrafia identificada, foram definidos dois grandes períodos de ocupação do espaço e respectivas mutações. Os estratos inferiores, tendo em conta a cultura material, correspondem aos séculos XVI e XVII, sendo que não se identificaram quaisquer tipos de estruturas ou outras evidências que pudessem caracterizar a utilização do espaço. Deste modo, os vestígios materiais identificados correspondem a resíduos domésticos e materiais de construção. Os estratos superiores correspondem a pavimentos dos finais do século XIX e XX, tendo em conta a composição das suas argamassas e materiais construtivos associados, bem como a cultura material exumada (THERRIEN *et alii.*, 2000: 30).

Os materiais arqueológicos recolhidos nos enchimentos de algumas sondagens indicam ainda uma ocupação contínua do espaço no período intermédio entre os séculos XVII e XVIII (THERRIEN *et alii.*, 2000: 30). Durante o século XVIII e princípios do XIX, sugere-se a realização reformas no espaço conventual que, segundo aponta o estudo do projeto de restauro, consistiram na transferência da cozinha, localizada num pátio na Calle Santo Domingo, para um segundo pátio junto à antiga horta, às cavalariças, aos depósitos de carvão e aos armazéns (THERRIEN *et alii.*, 2000: 29).

As escavações de 2002-2004

Procedeu-se primeiramente à setorização do espaço da seguinte forma: Igreja – setor A; Ala Oriental – setor B; Ala Sul – setor C; Pátio Central – setor D; Ala Norte – setor E; Ala Ocidental – setor F. No total, realizaram-se 41 sondagens, nunca se ultrapassando 1,40 m de profundidade (exceto na B1), devido ao elevado nível freático (DÍAZ, s.d.a.: 20-21; DÍAZ, s.d.b.: 26-27) (Tabela 2; Figura 40).

Escavou-se por níveis artificiais de 10 cm em praticamente todas as sondagens (à exceção das sondagens E1, E2, F1 e F2, onde se escavou por níveis de 20 cm), sendo que apenas se aplicou uma metodologia de escavação por estratos naturais nas sondagens: C1, C2, C3, C4, C5, C6, C6A, C6B, C6C, C6D, C7, C7A, C7B, C7C, C7D, C7E, C7F, C7G, E 36, E 37, F 37 e F 36 (DÍAZ, s.d.a: 20-21).

A escolha dos locais para as sondagens prendeu-se com o primário objetivo de determinar áreas funcionais no claustro e estabelecer as respetivas cronologias de construção/alteração, intentando perceber, com recurso a fontes históricas, se essas transformações poderiam ter sido motivadas por fatores inerentes à própria dinâmica de vida do convento ou mesmo da cidade e/ou nas suas relações com a metrópole e outras potências (DÍAZ, s.d.b.: 16-17).

No pátio central (Setor D) (Figura 41), definiram-se 18 sondagens de 3x1 ou 4x1, tendo-se em resultado dos achados optado por prosseguir antes com uma escavação em área. Até aos 15 cm seguiu-se a estratigrafia por níveis naturais e a partir daí, e segundo o relatório devido à potência dos estratos observados e de forma a “facilitar a posterior análise do material cerâmico, e observar as alterações entre o uso das diversas tradições cerâmicas”²², optou-se por escavar por níveis artificiais de 10 cm, até à cota máxima de 1,30 m. Detetaram-se diversas estruturas, nomeadamente nas quadrículas D3 e D4, tijolos dispostos ordenadamente de forma linear a 10 cm de profundidade; nas quadrículas D2, D3 e D8 (entre os 22 e os 46 cm de profundidade), registaram-se 2 degraus em tijoleira que formavam uma estrutura semicircular atribuída a um poço ou cisterna que foi aterrado, sendo que os tijolos alinhados, já referidos, foram posteriormente correlacionados com esta estrutura e atribuídos a uma construção aprovisionamento de águas pluviais para o poço ou cisterna. Registou-se ainda uma estrutura mais recente também para conter água que estava selada com cimento e que não foi destapada. Os cortes estratigráficos das sondagens D10 e D11 demonstram a existência de 9 U.E.’s, uma delas correspondente ao piso de circulação em uso de momento, em tijoleira vidrada de 25x25 cm, e uma outra, correspondente à U.E. 4, referida como um “*apisonado*” de matriz arenosa e cor clara, entendendo-se tratar de um piso de terra batida, comum a outros setores e sondagens da área intervencionada e cuja datação atribuída não antecede o fim do século XVI (DIAZ, s.d.a : 20-27/38; DIAZ, s.d.b :18/47-48).

Na ala oeste (Setor F), encontrou-se também uma cisterna e uma elevada percentagem de cerâmicas para uso culinário e carvão vegetal, no lado noroeste, associado a uma acumulação de restos de fauna, que poderia denunciar a existência de uma primeira cozinha e refeitório neste setor, à qual estaria associada a referida cisterna

²² Tradução da nossa responsabilidade.

(DÍAZ, s.d.b.: 48). Ainda no setor oeste, a análise de plantas para o estudo histórico inerente ao projeto de restauro revelou que, por volta de 1730, se concluiu o corredor que ligava o convento à horta, que também nessa altura foi convertida num jardim ornamental. Esse mesmo jardim foi destruído algures entre 1815 e 1861, desconhecendo-se o motivo para tal (THERRIEN *et alii.*, 2000: 28; DÍAZ, s.d.b.: 48) (Figura 42).

No setor E (ala norte), na Sala do Capítulo, registaram-se uma série de pisos que pertenceriam provavelmente ao conjunto de habitações contíguas ao convento, e que desapareceram para expandir o claustro até à *Calle de Gastelbondo*. Encontraram-se ainda fundações de estruturas que são referidas como relacionadas com a cisterna existente por baixo da escadaria principal (sondagem B1) (DÍAZ, s.d. a: 45-46) (Figura 43-49).

No setor B (ala este), encontrou-se então uma outra cisterna entulhada por baixo da escadaria principal localizada no canto nordeste (sondagem B1) (Figura 50). Esta poderá ser relacionada com as habitações contíguas ao convento que ali existiam no final do século XVI, cuja fachada daria para a *Calle Gastelbondo*, e que teriam um só piso e um pavimento em cal (DÍAZ, s.d.b.: 47-48). Pretendia-se ainda confirmar a existência de uma capela anterior ao Claustro, uma vez que esta surge numa planta da autoria de Francis Drake de 1582. O arquiteto do projeto considerou a hipótese da capela se localizar sob o piso de uma sala anexa à atual portaria da AECl, no entanto, as cinco sondagens que se realizaram neste setor não foram além de 1 m de profundidade devido ao nível freático, o que impossibilitou a identificação de qualquer estrutura que indicasse a presença da referida capela. A concentração de elementos balísticos num dos compartimentos desta ala foi interpretada como um possível local de armazenamento de material de guerra durante uma das ocupações militares do edifício (DÍAZ, s.d.b.: 16-17) (Figuras 51-54).

No Quarto do Prior (setor nordeste, segundo andar), acompanhou-se e registou-se a remoção dos pisos de dois quartos, tendo-se localizado sob estes os enchimentos das abóbodas do piso inferior, compostos por uma grande quantidade de botijas, seguindo uma já antiga tradição europeia cujo objetivo era aligeirar o peso e densidade das coberturas (DÍAZ, s.d.b.: 44) (Figuras 31-34; 55-56).

A escavação decorrida no Setor C, que se estende desde o acesso principal do corredor da ala sul ao pátio central, estando acostado à igreja, e acerca de 15 metros da entrada principal do convento, pôs a descoberto um conjunto de enterramentos infantis

(Figuras 57-58). Os enterramentos encontravam-se sob um antigo piso de tijoleira, 15 cm abaixo de piso atual de circulação. Este foi um dos achados mais significativos desta intervenção, uma vez que, como refere Díaz, seria expectável a presença de enterramentos isolados de membros da comunidade dominicana ou de ilustres da cidade, algo frequente à época. No entanto, a identificação de uma necrópole infantil remete-nos para outro fenómeno que assume particular interesse. No total, foram exumados vinte e dois indivíduos não-adultos, cujo traçar do perfil biológico permitiu estimar a idade à morte entre as 40 semanas e os 7-9 anos. Os indivíduos foram igualmente alvo de uma análise paleopatológica²³ (DÍAZ, s.d.a.: 2-3 e 18-19; REYES RODRIGUEZ, 2010: 56).

No que respeita a práticas funerários, referir que estes enterramentos parecem ter sido feitos de forma apressada, uma vez que: não foram identificadas sepulturas individuais, existindo inclusive sobreposição de restos ósseos de vários indivíduos; o espólio associado é praticamente inexistente, cingindo-se a duas contas de colar em concha e a restos de uma mortalha que cobria um dos indivíduos, estando ausentes os tradicionais símbolos cristãos; em relação ao tratamento dos corpos, foi possível verificar a existência de uma camada de cal sobre os indivíduos, procedimento comum em contextos como o descrito, como forma de acelerar a decomposição do corpo. Assim, um fenómeno epidémico parece justificar todas as características descritas para este contexto tão particular. Deste modo, levantou-se a hipótese do piso de tijoleira sob o qual estavam os enterramentos ser o mesmo que foi colocado em 1650, permitindo assim associar este contexto a dois surtos de febre-amarela e outros dois de tifo, que ocorreram entre 1629 e 1651. Registou-se uma outra área de enterramentos na parte sul do Salão da Biblioteca, localizado na ala norte (Setor E) (Figura 47) (DÍAZ, s.d.a.: 17-19; DÍAZ, s.d.b.: 8-10).

Em suma, a sequência construtiva do Claustro pode ser resumida em duas etapas principais: uma que finda no século XVII e outra no século XVIII. O aparecimento de vários níveis de circulação e pisos antigos era algo expectável dado o moroso processo de construção. Na ala sul registou-se um pavimento em tijoleira e pelo menos dois de terra batida. O piso de tijoleira deve ter sido colocado durante a primeira fase de construção do claustro na segunda metade do século XVII, já que o primeiro edifício estaria concluído antes do ataque de Pointis, em 1697. Algo que parece ser atestado por

²³ Não foi possível aceder aos resultados.

um piso de tijolo antigo, encontrado na unidade C1 (junto à sacristia) e que foi substituído por esse piso de tijoleira, e ainda pela cultura material associada, com destaque para duas botijas com datação inscrita de 1639 e 1640. A expansão do claustro terá começado pela ala sul (Setor C), onde os frades viveriam numa estrutura em madeira, que se supõe de frente para o atual pátio central, uma vez que o espaço contíguo à rua de Santo Domingo seria ocupado por uma capela, que consta num mapa elaborado por Francis Drake. No entanto em 1610, segundo fontes históricas e historiográficas, as habitações dos frades já estariam voltadas para esta rua, o que nos leva a supor que a capela já não existiria, facto que não foi possível comprovar pelas escavações arqueológicas. Assim, os pisos de terra batida da ala sul, localizados a 65 e 70 cm de profundidade, deveriam corresponder à estrutura onde habitavam os frades no final do século XVI (DÍAZ, s.d.a: 45-48).

Posteriormente, o claustro expandiu-se pelo menos até ao corredor da ala norte (Setor E), excetuando a área da Sala do Capítulo (DÍAZ, s.d. a: 45-46). A análise de uma planta da cidade de 1735, elaborada por Don Juan de Herrera, permite observar que o extremo norte do convento ainda não tinha como limite a *Calle de Gastelbondo* e que existe uma estrutura assinalada a negro a meio daquela que veio a ser a Sala do Capítulo (Figura 14). Essa estrutura deverá corresponder a uma cisterna relacionada com as habitações adjacentes à parede norte do convento no final do século XVI, tendo em conta a semelhança na sua representatividade com uma série de outras assinaladas nas principais praças e ruas da cidade que constam nesta planta, e que foram interpretadas como sendo o registo planimétrico das cisternas, que sabemos localizarem-se nos mencionados locais (DÍAZ, s.d.a.: 20; DÍAZ, s.d.b: 45-48). Quer isto dizer que, após 1735, se verifica uma nova etapa de modificações neste espaço.

Uma última reforma do espaço terá ocorrido na primeira década do século XIX (DÍAZ, s.d.a.: 4).

IV. Materiais Arqueológicos

Na pequena parte da coleção que analisámos totalizaram-se 843 fragmentos²⁴ de diversas categorias de cerâmicas, a saber: 242 (29%) de cerâmica esmaltada; 240 (28%) de cerâmica manual *crespo* (nas variantes *café*, *fino*, *rojo arenoso*); 173 (21%) de cerâmica torneada não-vidrada; 135 (16%) de botija; 26 (3%) de cerâmica torneada vidrada; 10 (1,2%) de grés/*stoneware*; 6 (0,7%) de cachimbos; 3 (0,4%) de porcelanas; 3 (0,4%) de azulejos; 2 (0,2%) de material de construção; 2 (0,2%) de cerâmica manual *tonala* e 1 (0,1%) de cerâmica manual *desgrasante arrastado fino* (Tabela 5 e Tabela 10).

1. A cerâmica manual de tradição indígena

IV.1.1. A cerâmica manual de tradição indígena: *Crespo*

A cerâmica de tradição indígena *Crespo* foi definida por Alicia Dussán de Reichel (1954), que lhe atribuiu uma ampla área de dispersão, que se estende desde o rio Magdalena até o Golfo de Tolú. Dado que reúne uma significativa variedade de formas, atribuíveis a diversas funcionalidades (cozinha, transporte, armazenamento de líquidos) e o seu fabrico é de relativa facilidade, esta foi uma opção versátil e muito económica, o que justifica a sua adoção e utilização por parte da sociedade colonial (possivelmente pela população com menos posses), principalmente logo após a conquista. Não são conhecidas áreas de produção (DÍAZ, s.d.a.: 21; DÍAZ, s.d.b.: 3/48-49).

Tratam-se de cerâmicas produzidas através da técnica de enrolamento ou da modelagem e as suas superfícies são alisadas e por vezes brunidas. A cozedura ocorre a baixa temperatura, sendo que este aspeto se mantém inalterado mesmo em período colonial, o que indica que não se importaram as técnicas de cozedura europeia (THERRIEN *et alii.*, 2002: 47). Foram definidas três variantes deste grupo, cujas cronologias também são algo distintas, a saber: *crespo fino* (de época pré-hispânica ao século XVI), *crespo café arenoso* (de época pré-hispânica ao século XVII) e *crespo rojo*

²⁴ Incluindo 67 fragmentos cerâmicos provenientes do museu do Convento de Santo Domingo (AECID) e 24 do Museu Histórico de Cartagena de Índias (MUHCA).

arenoso (de época pré-hispânica ao século XVIII), que serão detalhadas adiante. (THERRIEN *et alii.*, 2000: 8).

Monika Therrien *et alii.* (2002) distingue dois estilos associados a esta produção: *Estilo Crespo Contacto* e *Estilo Crespo Colonial*, sendo que a principal diferença entre eles são as alterações ao nível formal e decorativo, que a progressiva integração de elementos europeus provocou nas suas variantes, não se verificando modificações relativamente a matérias-primas, características tecnológicas da pasta ou de técnicas de fabrico. O primeiro corresponde aos primeiros 50-100 anos após a conquista, tempos marcados por uma coesão e estabilidade política e social. Já o segundo é o reflexo da “permanência, estabilidade e consolidação entre os diversos grupos [étnicos]”²⁵. Regista-se então o desaparecimento do *crespo fino*, a substancial diminuição da produção de *crespo café*, mudanças na gramática decorativa do estilo *crespo rojo arenoso* e ainda, no final desse período, a grande inovação que foi a introdução do torno (THERRIEN *et alii.*, 2002: 47-49).

Assim, podemos concluir que as influências culturais, europeias e também africanas, que aconteceram gradualmente na cultura material desta área da América colonial se verificaram principalmente ao nível decorativo e formal. Os motivos decorativos descritos por Alicia Dussán de Reichel (1954: 181; *Lámina II*²⁶) para as variantes de *crespo* pré-hispânicas foram gradualmente desaparecendo após a chegada dos espanhóis. Contudo, a existência de motivos descritos pela mesma autora como “atípicos”, encontrados de forma isolada (1954: 181; *Lámina III*²⁷), e que não têm qualquer relação com estilos decorativos pré-hispânicos típicos da região, sugere que da mesma forma que se verificou o desaparecimento ou continuidade de algumas características formais ou decorativas após a conquista, também se verificou a importação de técnicas e tradições europeias (THERRIEN *et alii.*, 2002: 47-48).

No que à decoração diz respeito, assiste-se em período colonial à introdução da estampania ou impressão por selo em argila húmida, com recurso a uma ferramenta entalhada (metal, osso ou madeira), e a aplicação de rolos de argila junto ao bordo,

²⁵ Tradução da nossa responsabilidade.

²⁶ Anexo VI. Apêndices, figura 61.

²⁷ Anexo VI. Apêndices, figura 62.

pressionando-o com os dedos de forma a deixar saliências ou ondulações na borda. Sem dúvida que esta é uma das maiores diferenças para esta categoria de fabrico no período colonial, símbolo ímpar da simbiose cultural em curso, uma vez que estas técnicas são de tradição africana (MEYERS, 1999: 211 *apud* THERRIEN *et alii.*, 2002: 49).

As influências das tradições europeias e africanas ao nível formal e decorativo não são mais do que o resultado das necessidades de consumo da sociedade colonial, além do facto de serem os escravos negros a assegurar a produção, devido ao quase desaparecimento da população indígena (THERRIEN *et alii.*, 2000: 8-12; THERRIEN *et alii.*, 2002: 48-49; DÍAZ, s.d.a.: 21; DÍAZ, s.d.b.: 48-49).

O fabrico *Crespo Fino* caracteriza-se por ter uma pasta arenosa, compacta, de granulosidade muito fina, que produz ressonância ao tocar. A cor das pastas varia entre cinza/cinza-escuro, cinza-acastanhado (2.5Y6/1, 5Y3/1, 2.5YR4/1 10YR6/2, 10YR4/1, 10YR6/1) e ainda vermelho-amarelado (5YR4/6 e 5YR5/6). As peças são produzidas segundo a técnica de enrolamento. As suas paredes são finas (0,4 a 0,8 cm) e a superfície externa é alisada e brunida. As decorações caracterizam-se pela aplicação de técnicas como a incisão, impressão e aplicações plásticas. Apresentam também frequentemente marcas de fogo. As formas mais comuns são: *cuencos*²⁸, *ollas*²⁹, jarras e outras formas esféricas ou semiesféricas (THERRIEN *et alii.*, 2000: 65; THERRIEN *et alii.*, 2002: 47-48). Foram identificados 43 fragmentos (= 36 NMI), o que corresponde a um NMI de 2 bandejas/pratos largos, 7 *ollas* e 11 *cuencos*.

A forma *olla* apresenta corpo subglobular com colo, bordo exvertido e boleado de secção semicircular (semelhante ao Tipo *a*, segundo Dussán, 1954, *Lámina II*), à exceção de um indivíduo que tem bordo reto, ligeiramente biselado internamente de secção semicircular (Anexo V.1.1 – MUNL0381; MUNL0378A; MUNL0378C; MUNL0382B). Os diâmetros variam entre 14 e 32 cm e a espessura das paredes entre 0,5 e 1,2 cm.

²⁸ *Cuenco* – Forma aberta, com corpo semiglobular ou ligeiramente subglobular, bordo invertido de secção semicircular e fundo plano; sendo que o diâmetro da boca é maior que a altura do corpo (THERRIEN *et alii.*, 2002: 169).

²⁹ *Olla* – Forma aberta, de corpo globular com gargalo e boca largos (mas não excedendo o diâmetro do corpo) e que normalmente forma uma barriga; pode ter uma ou duas asas, e por vezes até quatro. Utilizada para cozinhar alimentos, aquecer água, etc. (THERRIEN *et alii.*, 2002: 170).

Os *cuencos* apresentam bordo cuja orientação varia entre ligeiramente exvertido, invertido ou reto, e o lábio é boleado ou ligeiramente espessado de secção semicircular (semelhantes aos Tipos *c*, *g* e *i*, segundo Dussán, 1954, *Lámina II*) (Anexo V.1.1 – MUNL0378D; MUNL0378H; MUNL0383A; MUNL0383B; MUNL0352A; MUNL0195A). O diâmetro do bordo varia entre 18 e 40 cm e a espessura das paredes entre 0,4 e 1 cm. Alguns fragmentos apresentam decoração incisa na superfície interna, que parece formar uma “rede”, o que sugere o seu uso como ralador; registam-se também decorações geométricas incisadas na superfície externa.

As bandejas circulares ou pratos de grande dimensão e de uso coletivo, ou como objeto de servir, apresentam bordo invertido, boleado de secção semicircular (semelhante ao Tipo *h*, segundo Dussán, 1954, *Lámina II*) e assentariam em base totalmente plana (Anexo V.1.1 – MUNL0373). O diâmetro do bordo varia entre 36 e 52 cm e a espessura das paredes 0,7 e 0,9 cm.

Registou-se ainda a presença de vários bojós decorados³⁰ (alguns dos quais semelhantes ao Tipo *II*, *IV*, *V*, *VI*, segundo Dussán, 1954, *Lámina II*, e aos Tipo 5, 6, 14, *Lámina III*; e aos presentes em THERRIEN *et alii*. 2002: 176, fig. 25), num total de 15 NMI, seguindo as técnicas de incisão, impressão ou estampilhagem, aplicações plásticas (em forma de “grãos de café”), e com motivos distintos como os geométricos ou, mais frequente, em “*cadena*” (faixa ou banda com incisões que forma uma espécie de corrente) (Anexo V.1.1). Essas decorações estão presentes tanto na superfície interna como na superfície externa.

Segundo Therrien, o grupo *Crespo Café Arenoso* é definido por ter uma pasta homogénea, muito granulosa, com inclusões visíveis a olho nu de areia, mica, feldspato ou quartzo, e coloração que varia entre o castanho e o cinza (10YR5/2, 10YR6/3, 10YR6/1, 10YR6/2, 7.5YR6.1/6.2/5.1/5.2), possuindo frequentemente núcleo cinza a negro (resultante de uma cozedura oxidante-redutora ou mesmo redutora). Segue a técnica de fabrico por enrolamento. As suas paredes são geralmente grossas (0,8 a 1,5 cm) e a superfície externa encontra-se alisada e brunida, obtendo uma coloração

³⁰ MUNL0298A, MUNL0298B, MUNL0299A, MUNL0299B, MUNL0304, MUNL0305, MUNL0311, MUNL0332, MUNL0375A, MUNL0375B, MUNL0376, MUNL0459A, MUNL0459B, MUNL0459C, MUNL0487

vermelha-acastanhada (2.5YR4/4). Não apresenta decoração, mas são frequentes as marcas de fogo nas suas superfícies. As tipologias mais comuns são: *budares*³¹, *tinajas*³², *ollas* e ainda formas europeias, como por exemplo o servidor (THERRIEN *et alii.*, 2000: 65; THERRIEN *et alii.*, 2002: 48). Em período colonial, a única variação descrita para este grupo é precisamente a introdução de uma nova forma de tradição europeia – o servidor – sendo que se mantém tanto as características da pasta, como os acabamentos das superfícies. Segundo as fontes bibliográficas, esta nova forma seria usada tanto pelos colonos como pelas populações locais e ainda pelos escravos africanos, o que acrescenta informação acerca de mudanças nos hábitos de higiene. No fim do período colonial, por volta de 1700-1750, este grupo de fabrico desaparece quase na totalidade (THERRIEN *et alii.*, 2002: 49).

Foram identificados 18 fragmentos (= 8 NMI) deste fabrico no convento de Santo Domingo, correspondendo às seguintes tipologias e NMI: 1 *cuenco*, 5 *ollas* e 2 indeterminados.

A forma *cuenco*, para a qual se identificou 1 NMI, apresenta bordo ligeiramente vertical, arredondado com secção semicircular; o diâmetro do bordo é de 22 cm e a espessura das paredes de 1,3 cm (Anexo V.1.2 – MUNL0461B).

A *olla* regista 3 NMI de corpo subglobular com colo, apresentando o bordo exvertido, boleado de secção semicircular (Tipo *a*, segundo Dussán 1954, *Lámina II*); os diâmetros variam entre 22 e 28 cm e a espessura das paredes é de aproximadamente 1,3 cm (Anexo V.1.2 – MUNL0461A). Dentro da forma *olla* distinguiu-se uma variante, presente em 2 NMI, que possui bordo exvertido em aba horizontal ou sub-horizontal, ligeiramente espessada e com secção semicircular; o diâmetro do bordo varia entre 23 e 34 cm e a espessura das paredes entre 0,8 e 1,3 cm (Anexo V.1.2 – MUNL0379A; MUNL0449A).

³¹ *Budare* – Forma aberta, que se assemelha a um prato, geralmente plano ou ligeiramente côncavo, com bordo plano de secção semicircular. Utilizado para cozinhar pão de milho ou mandioca (THERRIEN *et alii.*, 2002: 168).

³² *Tinaja* – Forma fechada de grandes dimensões que provém da tradição europeia (pote-talha), mas que foi reproduzida através de técnicas de tradição pré-hispânica, sendo que era utilizada para armazenar água, azeite ou outros líquidos. De corpo ovoide, cuja largura do corpo é superior à do bordo e do fundo, e bordo exvertido de secção semicircular. O fundo assentava num pé ou aro ou era enterrado no solo, de forma a fixar o recipiente (THERRIEN *et alii.*, 2000: 9; THERRIEN *et alii.*, 2002: 171).

Por fim, a variante *Crespo Rojo Arenoso* foi a mais utilizada no período colonial, o que se justifica devido às características da sua pasta, que a tornam numa matéria-prima mais versátil e capaz de responder a um leque alargado de necessidades. Caracteriza-se assim pela sua pasta compacta de textura arenosa e grão médio/fino, homogénea, apresentando elevado número de ENP's de média/grande dimensão, como quartzo, feldspato e chacota. Predominam as cozeduras redutoras e redutoras-oxidantes, ainda que se verifiquem também oxidantes-redutoras. A cor da pasta varia assim entre o cinza (10YR4/1, 10YR5/1, 10YR6/1, 2.5Y5/1, 7.5YR6/2), cinza-escuro (10YR4/1, 10YR5/4, 2.5Y4/1), castanho-acinzentado (10YR5/2), castanho-avermelhado (5YR5/4, 2.5YR5/4, 2.5YR5/6, 7.5YR5/2, 7.5YR4/3) e vermelho (10R4/6). As superfícies apresentam coloração de várias tonalidades de castanho (7.5YR4/2, 7.5YR4/3, 7.5YR5/3, 5YR5/3, 5YR6/4, 10YR5/2), vermelho (2.5YR5/6, 5YR6/6, 5YR5/6), preto (2.5Y2.5/1) ou cinza (7.5YR3/1, 10YR5/1), sendo que algumas estão brunidas e outras apresentam marcas de fogo. A espessura das paredes varia muito (0,5-1,2 cm), ainda que a maioria seja fina. Em relação às formas, assistimos à predominância de púcaros/copos, *cuencos* (de bordo invertido ou reto), *budares*, *ollas*, *ollas-cuenco*³³ e outras formas arredondadas (THERRIEN *et alii.*, 2000: 65; THERRIEN *et alii.*, 2002: 48-49). Foram identificados 169 fragmentos (= 57 NMI): 13 *cuencos*, 32 *ollas*, 5 *ollas globulares* e 7 indeterminados.

A forma *olla*, de corpo subglobular e com colo, apresenta bordo exvertido, boleado ou espessado de secção semicircular, ou vertical ligeiramente espessado de secção semicircular (Anexo V.1.3 – MUNL0211A; MUNL0211C; MUNL0285A; MUNL0285B; MUNL0358A; MUNL0358D; MUNL0480A; MUNL0475B; MUNL0480C; MUNL0480H). O raio do bordo varia entre 9 e 26 cm e a espessura das paredes entre 0,5 e 1 cm. Alguns fragmentos apresentam uma decoração junto ao bordo e um exemplar apresenta decoração geométrica pintada.

Distinguiu-se uma outra variante que corresponde a *ollas globulares* com colo, apresentando bordo invertido, boleado ou ligeiramente espessado de secção semicircular (Anexo V.1.3 – MUNL0359A; MUNL0475F; MUNL0476; MUNL0477A). Um dos

³³ *Olla-cuenco* – Forma utilizada principalmente para armazenar grãos. É mais largo do que profundo, tem ombros retos ou ligeiramente arqueados (THERRIEN *et alii.*, 2002: 170).

indivíduos exibe uma asa em botão. O diâmetro do bordo varia entre 15,8 cm e 31 cm e a espessura das paredes entre 0,6 e 1,2 cm. Apenas dois indivíduos estão decorados, exibindo motivos de tradição africana na superfície externa, consistindo numa aplicação plástica junto ao bordo com umas ondulações (MEYERS, 1999: 211 *apud* THERRIEN *et alii.*, 2002: 49) (Anexo V.1.3 – MUNL0477A).

A forma *cuenco* tem bordo invertido ou vertical, boleado ou ligeiramente espessado de secção semicircular, em alguns casos levemente destacado no exterior (Anexo V.1.3 – MUNL0179E; MUNL0211B; MUNL0358E; MUNL0358H; MUNL0475E). O diâmetro dos bordos oscila entre 18 e 40 cm e a espessura das paredes entre 0,4 e 1,1 cm. Apenas um exemplar está decorado, com um reticulado ao longo do bordo.

Por fim, individualizámos a produção denominada ***Rojo Brunido***, com uma pasta idêntica à do *Crespo Rojo Arenoso*, mas tendo a particularidade de apresentar revestimento com engobe vermelho e brunimento. Totalizaram-se 10 fragmentos (= 7 NMI), que não exibem qualquer decoração.

A forma *cuenco* está presente em 2 NMI, apresentado bordo invertido de secção semicircular e um diâmetro variável entre 11 e 16 cm, espessura de paredes entre os 0,4 e 0,7 cm (Anexo V.1.4 – MUNL0237; MUNL0239). A forma *olla* está presente em 1 NMI, apresentando bordo exvertido de secção semicircular, 12 cm de diâmetro e 0,5 cm de espessura de paredes (Anexo V.1.4 – MUNL0432A). Registaram-se ainda 2 fundos em pé de anel, cuja forma é indeterminada, uma vez que pode corresponder a taças ou a diversas formas de tradição local. Têm de diâmetro 6 e 11 cm e 0,6 cm de espessura de parede (Anexo V.1.4 – MUNL0244; MUNL0319). Detetou-se também uma asa, igualmente indeterminada, de dimensões bastante reduzidas.

IV.1.2. A cerâmica manual de tradição indígena: *Desgrasante arrastrado fino*

Identificou-se 1 bojo correspondente a uma produção indígena denominada por *tipo desgrasante arrastrado fino*, originária da zona interior da Colômbia, mais concretamente na região de Boyacá, sendo por isso enquadrável no Estilo Altiplano-

Cundiboyacense³⁴ (Anexo V.2 – MUNL0471). Tratam-se genericamente de formas de paredes finas (0,5-1,2 cm), com pastas compactas, pouco homogêneas, pouco porosas e com muitos ENP's de grande dimensão, sobretudo quartzo. O seu nome deriva precisamente dessa sua característica de uso abundante de “*desgrasantes*” ou desengordurantes, sobretudo areia dos rios, que durante o processo de alisamento das superfícies “*se arrastran*” e provocam as estrias horizontais bem visíveis neste fragmento. Possui coloração cinza-avermelhada (5YR5/2). As superfícies, de tonalidade vermelha (5YR4/4, 2.5YR3/6), são bastante polidas e exibem externamente pintura a branco. As formas mais comuns são *ollas*, *olla-cuencos*, jarras, *areperos*³⁵, coadores e caçoilas/tachos. Esta produção data da segunda metade do século XVII e vigora até hoje, principalmente na cidade de Ráquira, ainda que tenha uma função meramente decorativa e não utilitária (TERRIEN *et alii.*, 2002: 66-71)

IV.1.3. A cerâmica manual de tradição indígena: *Tonala*

Registam-se dois bojos (= 2 NMI) de cerâmica manual modelada e forma indeterminada, cuja espessura varia entre os 0,4 cm e os 0,7 cm (Anexo V.3 – MUNL0473). A pasta, de matriz arenosa, é compacta e homogênea, exibindo ENP'S de distintas dimensões e tonalidade vermelha-acastanhada (2.5YR5/4; 2.5YR5/8). As superfícies são muito brunidas (10R4/6, 2.5YR3/6), sendo que um dos fragmentos apresenta ainda decoração pintada ponteadada a branco³⁶.

2. A cerâmica torneada não-vidrada

Para este grupo contabilizou-se um total de 173 fragmentos (= 58 NMI), e atestou-se a presença de 16 grupos de fabrico, tendo em contas as características técnicas da pasta e o ambiente de cozedura, que pode significar distintos locais de produção.

³⁴ Trata-se de um planalto localizado na parte oriental dos Andes colombianos, abrangendo o território dos atuais departamentos de Cundinamarca e Boyacá. Outrora correspondeu ao território do povo Muisca (TERRIEN *et alii.*, 2002: 66-71).

³⁵ Forma cerâmica pouco profunda utilizada para confeção de bolo de milho ou “arepa” (TERRIEN *et alii.*, 2002: 167).

³⁶ A informação sobre esta produção é muito escassa, tendo a sua identificação só sido possível devido ao Professor Doutor Juan Guillermo Martin.

IV.2.1. Produção local: *Cartagena Rojo Compacto*

Dentro dos grupos definidos distinguiu-se um que é atribuível a produções locais elaboradas a torno, denominados como *Cartagena Rojo Compacto* e *Cartagena Rojo Compacto Fino* (TERRIEN *et alii.* 2002: 50-51). Estes fabricos, bem como *Mayólica Cartagena* (que será detalhada adiante), foram definidos com base nos espólios exumados em contextos arqueológicos da cidade e na Ilha de Tierra Bomba (Fandiño Merz, 2000 e Therrien *et alii.*, 2002), sendo que a Fazenda de San Bernabé, pertencente à Companhia de Jesus, é frequentemente mencionada na bibliografia como o principal centro produtor e abastecedor da cidade (ESCOBAR, 2018: 54).

Apresenta pasta compacta, homogénea, de granulosidade fina e com alguns ENP's (elementos pétreos, quartzo, mica, chacota) e tonalidade que pode variar entre um laranja intenso e creme – vermelha (10R5/6), vermelho-claro (2.5YR6/6), castanho avermelhado (5YR5/3), castanho avermelhado claro (2.5YR6/4, 5YR6/4), castanho-claro/creme (7.5YR6/4), amarelo avermelhado (5YR6/6) – sendo que geralmente apresenta núcleo de cor clara cor (10YR8/3) ou cinza (GLE Y1 5/N, GLE Y1 4/N), denunciando vários ambientes de cozedura. A variação cromática da pasta pode acontecer inclusive na mesma peça, o que se justifica com oscilações da temperatura durante o processo de cozedura por falta de conhecimentos técnicos, quer a nível da matéria-prima como da cozedura e do próprio forno. As superfícies apresentam uma coloração vermelha (2.5YR4/6, 2.5YR4/8, 2.5YR5/8, 2.5YR5/6), vermelho-claro (2.5YR6/6, 2.5YR6/8), amarelo avermelhado (7.5YR6/6), a castanho-claro (7.5YR6/3, 7.5YR6/4), são por vezes brunidas, ainda que seja de notar a existência de marcas de fogo e concreções. Este grupo totaliza 31 NMI.

Tradicionalmente correspondem a este grupo de fabrico cerâmica para armazenamento de líquidos (potes-talha, potes, cântaros), cerâmica de cozinha (tachos e caçoilas), fogareiros, recipientes com fins higiénicos (alguidares e servidores), para iluminação (candeeiros, lamparinas, queimadores de incenso) e para o consumo de alimentos (pratos, taças, escudelas). Devido à diversidade de formas, a espessura das paredes varia entre 0,6 e 1,2 cm (TERRIEN *et alii.*, 2000: 62-63; TERRIEN *et alii.*, 2002: 50-51/173). Foram identificados 19 fragmentos (= 14 NMI), dos quais: 1 prato, 1 jarro, 1 servidor, 1 indeterminado, 2 cântaros, 3 alguidares e 4 fogareiros.

Relativamente à cerâmica de cozinha distinguiu-se a forma fogareiro, que apresenta bordo exvertido e espessado, de secção trapezoidal ou semicircular e com ligeira carena, sendo que um indivíduo apresenta uma asa pequena em fita ovalada (Anexo V.4.1 – MUNL0275B; MUNL474B). O diâmetro do bordo varia entre 24 e 26 cm e a espessura das paredes entre 0,6 e 0,9 cm. Esta forma contabiliza 4 NMI.

Em relação às formas de transporte de líquidos está presente o cântaro, para o qual se reconheceram 2 NMI (Anexo V.4.1 – MUNL0466A; MUNL0207C). Um dos espécimes apresenta bordo exvertido, boleado, de secção semicircular, com 16 cm de diâmetro e 0,5 cm de espessura nas paredes; o outro indivíduo corresponde a uma asa arredondada em fita vertical, com 1,6 cm de espessura.

O alguidar, enquadrável no grupo das cerâmicas de cozinha, está representado em 3 NMI (Anexo V.4.1 – MUNL0188A; MUNL0203C; SD004). Apresenta bordo exvertido, biselado ou arredondado, de secção triangular ou semicircular, com arranque de corpo troncocónico e fundo raso; ou bordo exvertido, arredondado de secção semicircular, e apresenta um ressalto vertical que acompanha todo o diâmetro do bordo. O diâmetro do bordo varia entre 36 e 47 cm e a espessura das paredes varia entre 0,7 e 0,9 cm. Um dos exemplares exhibe duas marcas digitadas junto à linha de bordo (superfície interior), sendo esta a única decoração assinalável neste conjunto (Anexo V.4.1 – MUNL0188A).

Em relação às formas destinadas a servir à mesa, identificou-se 1 NMI correspondente a prato (Anexo V.4.1 – MUNL0207B). Apresenta bordo exvertido, boleado, de secção triangular ou trapezoidal, demarcado externamente e assenta em base plana. Tem 14 cm de diâmetro de bordo e 0,5 cm de espessura das paredes.

Em relação às peças destinadas a conter líquidos, o jarro está presente em 1 NMI, correspondendo a fundo plano, destacado externamente com uma ligeira carena, com 13 cm de diâmetro e 0,6 cm de espessura das paredes (Anexo V.4.1 – MUNL0207D).

Por fim, no que concerne às cerâmicas de função sanitária verificou-se a presença de 1 NMI da forma servidor (Anexo V.4.1 – SD003). Apresenta bordo exvertido em aba sub-horizontal, ligeiramente espessada e com secção semicircular, fundo plano e duas asas em fita vertical ovaladas. A superfície é brunida. O diâmetro do bordo é 22,7 cm e do fundo 18,2 cm, a altura da peça é de 25,5 cm.

A produção *Cartagena Rojo Compacto Fino*, também designado de *bizcocho cartagenero*, assemelha-se em termos técnicos ao *Cartagena Rojo Compacto*, sendo que as diferenças se manifestam a nível formal. Estas possuem, tal como o nome indica, paredes mais finas (0,4 a 0,6 cm) e são na sua maioria espécimes de menor dimensão. Normalmente tem um banho branco em ambas as superfícies, exibindo colorações em tons de castanho muito claro (10YR7/4, 10YR8/4), amarelo-claro (2.5Y8/2) e rosa (2.5YR8/2, 7.5YR8/4). Não apresentam decoração (THERRIEN *et alii.*, 2000: 62-63; THERRIEN *et alii.*, 2002: 51/173). Foram identificados 45 fragmentos (= 17 NMI), referente a: 1 pote, 1 jarra, 4 pratos, 5 taças e 6 indeterminadas.

Enquadrável no conjunto de cerâmicas de servir à mesa, atesta-se a presença da forma taça, que perfaz 4 NMI, correspondentes a fundos em pé de anel, cujo diâmetro varia entre 6 e 9 cm, sendo a espessura das paredes de 0,5 a 0,7 cm (Anexo V.4.1.1 – MUNL0330B; MUNL0330C). Regista-se ainda 1 NMI referente a um bordo exvertido, boleado de secção semicircular, demarcado externamente; devido à reduzida dimensão não foi possível aferir o diâmetro do bordo.

A forma prato, também associável ao grupo de servir à mesa, regista 4 NMI, correspondentes a bordos exvertidos, em aba sub-horizontal, de secção semicircular e a fundos em pé de anel (Anexo V.4.1.1 – MUNL0297A). O diâmetro do bordo oscila entre 12 e 14 cm, o do fundo entre 8 cm e 11 cm e a espessura das paredes entre 0,3 e 0,5 cm.

Ligado a funções de armazenamento, o pote totaliza 1 NMI. Trata-se de um fundo plano, cujo diâmetro é 6 cm e a espessura das paredes é de 0,3/0,4 cm (Anexo V.4.1.1 – MUNL0182B).

Por fim, para fins decorativos, reconheceu-se 1 NMI de jarra, consistindo numa asa em fita vertical canelada com secção triangular, 1,6 cm de largura e 0,9 de espessura (Anexo V.4.1.1 – MUNL0437A).

IV.2.2. A cerâmica pedrada

Trata-se de um grupo de cerâmica torneada fina profusamente decorada com incrustações pétreas, geralmente quartzo. Para a realidade europeia, esta produção tem vindo a ser associada a centros produtores da região do Alto Alentejo (Estremoz, Nisa e Montemor-o-Novo), onde ainda hoje se verifica a sua produção. Refere-se também uma

possível produção da área de Lisboa, não sendo claro se as temáticas decorativas eram uma cópia integral das produções do Alto Alentejo. Ainda que não esteja comprovada com total rigor a origem portuguesa desta produção, uma vez que esta aparece com alguma regularidade em Espanha, especialmente na Estremadura Espanhola, parece certo que se trata de um “fenómeno peninsular” (CARNEIRO, 1989: 12; SARDINHA, 1990-1992: 489-510; SARDINHA, 1999: 188-191; SARDINHA, 2012: 789-790).

Aponta-se uma baliza temporal que se estende desde meados do século XV ao século XVIII, ainda que a sua frequência em contextos arqueológicos anteriores ao segundo quartel do século XVI seja pouco representativa e/ou não esteja suficientemente atestada (SARDINHA, 1990-1992: 510; SILVA *et alii.*, 2012: 80-81). A verdade é que há ainda pouca investigação arqueológica acerca deste fabrico ao nível da arqueologia portuguesa, bem como dos mencionados centros de produção (SARDINHA, 1999: 190-191).

Estas cerâmicas estão frequentemente associadas a formas para conter líquidos, sendo que lhe é possível atribuir, além do carácter decorativo, um carácter funcional, em que os elementos pétreos permitiam o arrefecimento dos líquidos (CARNEIRO, 1989: 12). As fontes históricas recolhidas por Carolina Michaelis de Vasconcellos (1905: 149-166) destacam os púcaros portugueses como sendo bastante apreciados no Norte da Europa (Inglaterra, Países Baixos e Alemanha) e no Novo Mundo, devido à sua cor, cheiro e sabor. A questão do cheiro das peças cerâmicas e do sabor que estas conferem aos líquidos é na realidade uma característica determinante nas produções do Alto Alentejo, que se deve relacionar com a geologia daquela área, ímpar na Europa. Têm ainda vindo a ser identificados objetos como pratos ou grandes tigelas profundamente decoradas no interior com elementos pétreos, cordões cerâmicos, conchas, cuja única função atribuída é a de conter água, o que faria exaltar o cheiro da pasta cerâmica, portanto o cheiro a terra. Não se sabe muito acerca destes objetos, sendo que se atribui o seu fabrico a Lisboa ou Coimbra (NEWSTEAD & CASIMIRO, 2018: 37-43; CASIMIRO & NEWSTEAD, 2019b: 145-151).

Para o Novo Mundo, as cerâmicas decoradas com incrustações pétreas foram descritas pela primeira vez por Charles Fairbanks (1966) as quais são designadas na bibliografia por *feldspar-inlaid redware/feldspato incluído*. As produções europeias verificam-se em contextos da área das Caraíbas desde o século XVI. Todavia, são raros os

vestígios em sítios arqueológicos dos séculos XVII e XVIII nas Caraíbas e Flórida (FLORIDA MUSEUM OF NATURAL HISTORY, 2020). Tal poderá explicar-se com o início da produção desta categoria cerâmica no Novo Mundo no século XVII, tendo em conta os vestígios encontrados num forno de Panamá Vieja, sendo que esta se estende até ao século XX, pelo menos no México, onde é famosa a produção de Cuernavaca (FAIRBANKS, 1966: 430-432; DEAGAN, 1987: 42). Assim, e parecendo constante a sua ausência em locais posteriores ao século XVI sugere-se que, na área das Caraíbas, a importação deste fabrico da Europa se compreenda entre 1530 e 1600, prevalecendo depois disso os fabricos americanos (DEAGAN, 1987: 43).

Os exemplares exumados no convento de Santo Domingo apresentam paredes finas, cuja espessura varia entre os 0,2 e os 0,6 cm. As superfícies apresentam em alguns casos uma aguada ou engobe e são também frequentemente polidas externamente. Estes fragmentos apresentam decoração incisa (geométrica), aplicações pétreas (quartzo), apliques globulares com incisão ao centro e decoração modelada. Note-se que em alguns fragmentos já só são visíveis os negativos das incrustações pétreas (SILVA *et alii.*, 2012: 80-81; CASIMIRO & NEWSTEAD, 2019b: 147-148). Foram identificados 17 fragmentos (= 7 NMI), ainda que na sua maioria não tenha sido possível reconhecer forma.

Dentro deste grupo distinguiram-se 5 fabricos.

O primeiro, que totaliza 3 NMI, apresenta pasta compacta, homogénea e muitos ENP's de pequena, média e grande dimensão, principalmente quartzo. Exibe cor avermelhada, variando em várias tonalidades amarelo avermelhado (5YR6/8), vermelho-claro (2.5YR6/8), vermelho (10R5/6, 2.5YR5/6) e castanho avermelhado (5YR5/4). No que às formas de armazenamento diz respeito, reconheceu-se a forma pote à qual corresponde 1 NMI (Anexo VI.4.2 – MUNL0293). Trata-se de um fragmento de bordo exvertido e demarcado exteriormente, com secção semicircular, 14 cm de diâmetro e uma espessura de parede que varia entre 0,3 e 0,4 cm. A superfície exterior apresenta junto ao bordo decoração modelada (por pressão, digitada) e aplicações pétreas (quartzo).

O segundo fabrico caracteriza-se pela sua pasta compacta, pouco homogénea, com poucos ENP's mas de grande dimensão, maioritariamente quartzo. Apresenta pasta de tom amarelo avermelhado (5YR6/6) e cozedura em ambiente redutor-oxidante. Totaliza 1 NMI.

O terceiro caracteriza-se por exibir pasta compacta, homogénea, muitos ENP's de variadas dimensões, como chacota e quartzo. Evidencia cozedura oxidante, sendo a pasta de tonalidade vermelha-amarelada (5YR5/6, 5YR6/6). A este grupo correspondem 1 NMI.

O fabrico quarto tem pasta compacta, homogénea, muitos ENP's de distintas dimensões, como quartzo e pasta de tom amarelo avermelhado (5YR6/6). Apresenta núcleo cinza, o que denuncia uma cozedura em ambiente redutor-oxidante. Totaliza 1 NMI.

Estes três últimos fabricos correspondem a formas destinadas à ingestão de líquidos, tendo-se identificado 3 NMI para a forma copo, apresentando corpo de tendência hemisférico com apliques globulares, decoração geométrica incisa e aplicações pétreas (Anexo VI.4.2 – MUNL0372). Estes fragmentos encontram paralelos num exemplar proveniente do Hospital Real de Todos-os-Santos (Lisboa, Portugal) (F00.Q4/5[1194]-0198), cuja datação se fixa entre o último quartel do século XVI e as primeiras duas décadas do século XVII (BARGÃO & FERREIRA, 2016: 234-237; BARGÃO, 2015: 288).

O último grupo apresenta pasta compacta, homogénea, com muitos ENP's de pequena e média dimensão, sobretudo quartzo. Apresenta tonalidade vermelha (2.5YR5/6, 10R5/6, 10R5/8) e cozedura redutora-oxidante. Enquadra este grupo 1 NMI, sendo que se se trata de um fragmento de parede.

Tendo em conta as características técnicas das pastas que, como referido, possuem muitos ENP's e exibem frequentemente cozeduras redutora-oxidantes, resultando também em relativa variedade cromática, propõe-se para estas produções uma origem local ou pelo menos de outras colónias americanas, já que estes atributos não correspondem às comumente encontradas nos contextos peninsulares.

IV.2.3. Bizcocho Ware

Identificaram-se 9 fragmentos (= 8 NMI) de um fabrico que a bibliografia americana tem vindo a nomear como *Bizcocho Ware* (Anexo VI.4.3), uma vez que se trata de cerâmica cozida uma única vez e cuja superfície não recebe qualquer tratamento ou acabamento. Ora à semelhança do que mencionámos para as cerâmicas pedradas,

estamos perante um conjunto de pequenas formas destinadas à ingestão de líquidos, que permitem o seu arrefecimento (devido as suas superfícies porosas em resultado da adição de sal às argilas) e ainda que produzem aromas agradáveis, sendo que neste conjunto apenas se contabilizou um bordo da forma púcaro, cujas características métricas não foram passíveis de apurar (Anexo VI.4.3 – SD022). Distingue-se do fabrico anterior pelas suas pastas de argila branca, sendo precisamente o fator cromático que determina a terminologia vinculada a cada um: para as argilas vermelhas falamos de púcaros, enquanto as produções em argila branca são chamadas de alcarraza. O nome "alcarraza" deverá ter origens muçulmanas (PLEGUEZUELO, 2000: 129)

Trata-se de um tipo de cerâmica com pasta de matriz calcária, compacta, de grão fino e escassos ENP's, têm uma tonalidade que varia entre o amarelo-claro (2.5Y8/2, 2.5Y8/3) e o rosa (7.5YR8/3), as paredes são bastante finas (0,4 a 0,5 cm), e são frequentemente muito decoradas (modelagem e incisão). As alcarrazas eram de depois de moldadas deixadas a secar ao sol, antes de serem cozidas a baixa temperatura. As formas mais comuns são púcaros/copos, jarros e jarras (PLEGUEZUELO, 2000: 134-136; AMORES CARREDANO & LÓPEZ TORRES, 2009: 565-566)

Sevilha é apontado como o seu principal centro produtor, ainda que seja de referir outros como Jerez de la Frontera, Lebrija, Chiclana, Andújar, Valência, Múrcia, Maiorca e Málaga. Não se conhecem produções portuguesas ou americanas. Desconhece-se ao certo quando se iniciou o fabrico destas cerâmicas, embora existam evidências arqueológicas que remontam ao século XV. Estas aparecem frequentemente associadas a materiais do século XVII, altura em que terão conhecido particular esplendor (PLEGUEZUELO, 2000: 134-136; AMORES CARREDANO & LÓPEZ TORRES, 2009: 565-566).

É grande o desconhecimento sobre esta produção, uma vez que as alcarrazas aparecem em contextos de descarte e na maior parte das vezes bastante fragmentadas, o que limita o seu estudo. A própria historiografia apresenta algumas “confusões” entre elas e os púcaros de barro vermelho. Serão talvez as representações pictóricas em voga na pintura espanhola do século XVI, a principal fonte histórica para entender e caracterizar esta produção (PLEGUEZUELO, 2000: 134-135; AMORES CARREDANO & LÓPEZ TORRES, 2009: 569-569).

Na região das Caraíbas registou-se com frequência a presença deste tipo na atual República Dominicana (La Isabela e Concepción de la Veja), Cuba (Yayal), Porto Rico (Caparra), Haiti (Puerto Real) e Venezuela (Nueva Cádiz), sempre em contextos anteriores à primeira metade do século XVI. De resto, não se registaram evidências desta produção em sítios de ocupação posterior à referida, como por exemplo St. Augustine (Flórida), o que sugere uma datação que compreende o curto período entre 1500-1550. Em Espanha, regista-se a sua produção até ao século XIX (DEAGAN, 1987: 43; PRIETO-OLAVARRÍA *et alii.*, 2006: 1028; FLORIDA MUSEUM OF NATURAL HISTORY, 2020).

IV.2.4. Greyware

Identificaram-se 10 fragmentos de parede (correspondendo a 4 NMI, 2 dos quais decorados), com pasta muito compacta e homogénea de coloração cinza-escuro, e superfícies bem alisadas, mas que não exibem qualquer tratamento. Esta produção é descrita por Hale Smith (1962: 71), que lhe atribui origem ibérica, ainda que sejam sugeridas também produções a nível local (Anexo VI.4.4. – MUNL0490). Funcionalmente deveria servir para armazenar e esfriar água, distinguindo-se as formas *hidroceramo*³⁷ ou botija. A nível decorativo são frequentes as aplicações plásticas, em forma de cordão/fita com motivos incisos. A espessura das paredes varia entre os 0,4 e os 0,7 cm. É frequentemente atribuída a contextos do século XVIII, ainda que a sua produção se estenda desde o século XVI ao XIX (DEAGAN, 1987: 35-40).

IV.2.5. Outras produções

Com menor expressão distinguiram mais 9 grupos de fabrico, tendo em conta as suas características técnicas.

Assim, caracterizou-se um fabrico cuja pasta é compacta, homogénea, com muitos ENP's de distintas dimensões, como quartzo, chacota, feldspato. Exibem vários tipos de cozedura e grande diversidade cromática: amarelo avermelhado (5YR6/8), vermelho-

³⁷ Caracteriza-se por ter corpo globular, fundo plano e colo semelhante à botija, distinguindo-se por possuir bico vertedor e uma asa (DEAGAN, 1987: 36).

amarelado (5YR5/6), vermelho (2.5YR5/6, 2.5YR5/8, 10R4/6, 10R5/6, 10R5/8), vermelho-claro (2.5YR6/8, 10R6/6), negro (10R2/1), cinza e cinza-claro (2.5Y7/2, 10R7/2), bege (2.5Y7/3, 10YR7/4, 10YR8/3), castanho-claro (7.5YR6/3), rosa (7.5YR7/2, 7.5YR8/3, 5YR7/3, 5YR7/4). A este grupo correspondem 5 NMI.

Este grupo apresenta características semelhantes às produções manuais *crespo*. Therrien *et alii*. (2002: 49-50) distingue uma variante de *Crespo Rojo Arenoso* produzida a torno, afirmando que as pastas têm as mesmas características, mas que foram produzidas recorrendo a essa técnica. Optámos, assim, por distingui-la, pensando que esta se enquadra melhor aqui, no grupo das cerâmicas torneadas. A mesma autora define uma única forma para esta produção, que sofre poucas variações, tendo geralmente 12 cm de diâmetro e 12 a 16 cm de altura, existindo em tanta quantidade que deveria servir para conter algum produto bastante apreciado no fim do período colonial; o uso do torno justificar-se-ia pelo desejo de agilizar a produção (THERRIEN *et alii*. 2002: 49-50). Contabilizaram-se 52 fragmentos (= 5 NMI), sendo que todos correspondem a formas fechadas para servir à mesa, para ingestão de líquidos ou ainda com funções de armazenamento.

A forma bilha está presente em 2 NMI. A variante A corresponde a um bordo ligeiramente exvertido com secção semicircular e caneluras, sendo que o diâmetro é de 9 cm e a espessura das paredes 0,35 cm (Anexo VI.4.5.– MUNL0289A). Apresenta ambas as superfícies brunidas. A variante B apresenta bordo exvertido boleado e de secção semicircular, destacado exteriormente (Anexo VI.4.5.– MUNL0289B). O diâmetro do bordo é de 14 cm e a espessura das paredes 0,4 cm. Apresenta superfície brunida.

A forma pote está presente em 1 NMI, apresentando bordo exvertido, boleado e de secção semicircular, cujo diâmetro é de 18 cm e a espessura das paredes de 0,4 cm (Anexo VI.4.5.– MUNL0351A). Apresenta superfície brunida (2.5YR5/6).

Existem ainda 4 NMI que correspondem a formas fechadas indeterminadas, que podem ser púcaros, bilhas ou potes (Anexo VI.4.5.– MUNL0289C). 1 NMI corresponde a um fundo em pé de bolacha cujo diâmetro é de 6 cm e a espessura das paredes 0,7 cm. As superfícies estão brunidas, sendo que a externa apresenta marcas de fogo. Um outro indivíduo é um fundo plano com 7 cm de diâmetro e 0,7 de espessura de paredes. Apresenta também a superfície externa brunida.

Existe ainda 1 NMI correspondente a um bordo indeterminado, cuja aferição métrica não foi possível.

Identificou-se um outro grupo de fabrico com pasta compacta, muito homogénea, com poucos ENP's e de tonalidade castanho-clara (7.5YR6/4) e castanho avermelhado claro (5YR6/4). Reconheceu-se 1 NMI de uma forma de servir à mesa – a taça. Possui bordo exvertido ligeiramente espessado, de secção semicircular, demarcado externamente, e com arranque de parede de tendência semiesférica (Anexo VI.4.5.– MUNL0207A). O diâmetro do bordo é de 22 cm e a espessura das paredes 0,6/0,7 cm. Internamente apresenta resquícios de tratamento de superfície (brunido) e marcas de fogo junto ao bordo, não apresentando, porém, qualquer decoração.

Um outro fabrico apresenta pasta compacta, pouco homogénea, algo porosa e com poucos ENP's de média dimensão. Apresenta cozedura oxidante-redutora, exibindo assim tonalidade vermelha (2.5YR5/6). Contabiliza-se 1 NMI, que se insere uma vez mais nas cerâmicas de usar à mesa. Trata-se de uma taça com bordo invertido de secção semicircular, demarcado internamente, com arranque de parede de tendência semiesférica (Anexo VI.4.5.– MUNL0364). O diâmetro do bordo é de 13 cm e a espessura das paredes é 0,5 cm. Apresenta vestígios de brunido ou engobe na superfície interna. Não apresenta decoração.

Distinguiu-se uma outra produção cujas características da pasta não foram possível analisar, uma vez que se trata de uma peça inteira. No entanto, distingue-se dos demais fabricos pelas suas superfícies de tonalidade castanha muito clara (10YR7/3). Registou-se a presença de 1 NMI da forma prato, com aba horizontal de secção semicircular e fundo plano (Anexo VI.4.5.– MUNL1562). O diâmetro de bordo é de 12 cm, o do fundo de 4 cm e espessura de parede é de 0,5 cm. Não apresenta qualquer decoração ou tratamento de superfície, ainda que a sua função não seja clara devido às suas reduzidas dimensões, sugerindo-se que se poderá tratar de um prato-tampa.

Por fim, identificaram-se ainda outros 5 grupos de fabrico, para os quais não foi possível distinguir categorias formais, por se tratarem de fragmentos de parede. O primeiro tem pasta compacta, pouco homogénea, com ENP's de média e grande dimensão (principalmente quartzo, feldspato e chacota) e apresenta núcleo de tonalidade vermelho (10R5/6), castanho avermelhado (5YR5/3, 5YR5/4), denunciando uma cozedura em ambiente oxidante-redutor, sendo que lhe corresponde 1 NMI; o segundo caracteriza-se

por uma pasta compacta, homogénea, com poucos ENP de reduzida dimensão, maioritariamente feldspato, e de tom vermelho (2.5YR5/8), castanho avermelhado claro (5YR6/4) e vermelho-claro (2.5YR6/8), correspondendo-lhe 1 NMI; distinguiu-se um outro fabrico com pasta compacta, muito homogénea, com ENP's de pequena dimensão, maioritariamente feldspato, e de tonalidade vermelho-claro (2.5YR6/8), para o qual se contabilizou um 1 NMI; um outro apresenta pasta compacta, muito homogénea, com poucos ENP de média dimensão, de matriz quártzica, e de tonalidade vermelha (2.5YR5/6, 2.5YR5/8), totalizando 1 NMI; por fim, identificou-se um fabrico cuja pasta é compacta, muito homogénea, com poucos ENP's e de tonalidade amarelo avermelhado (5YR6/6), a que corresponde 1 NMI.

3. A cerâmica torneada vidrada

Nesta categoria inserem-se os indivíduos com revestimento a vidro de chumbo, independentemente das suas colorações e das características técnicas das pastas.

Esta produção é frequente nos sítios coloniais espanhóis datados desde o século XVI até ao XIX. Ainda que se tenham distinguido produções específicas, nem sempre foi possível atribuir-lhes centros de produção e respetivas cronologias. Por exemplo, os vidrados melados e verdes de Sevilha são bastante frequentes nos primeiros locais de contacto do Novo Mundo. Mas também existem produções locais, como as do México, que já as exportaria em meados do século XVI, bem como no Panamá e Guatemala, onde também já se elaboravam peças vidradas no século XVI, e talvez até em Porto Rico (DEAGAN, 1987: 47-48). As cerâmicas vidradas são bastante apreciadas devido às vantagens que este tipo de revestimento lhes confere, nomeadamente a impermeabilidade e a facilidade na limpeza, que as torna bastante higiénicas.

Foram identificados 26 fragmentos de cerâmica vidrada (= 20 NMI). Apresentam colorações de vidro nas tonalidades de castanho (7.5YR5/8, 7.5YR4/6), castanho-esverdeado (2.5Y5/6, 2.5Y4/4), vermelho-amarelado (5YR4/6), castanho avermelhado escuro (5YR3/4), negro (10R2.5/1), vermelho muito escuro (10R2.5/2), verde azeitona (5GY5/4, 5Y4/4), cinza-escuro (10R3/1) e amarelo acastanhado/melado (10YR6/6).

Distinguiram-se dentro do grupo da cerâmica torneada vidrada 10 grupos de fabrico.

IV.3.1. Produção local: *Cartagena Rojo Compacto Vidriado*

Identificou-se um fabrico que se assemelha ao descrito *Cartagena Rojo Compacto* tratando-se de uma variante que é vidrada, correspondendo a 1 NMI. Trata-se de uma peça com funções sanitárias ou de higiene – o servidor (Anexo V.5.1. – SD002). A peça está completa, apresentando bordo vertical, destacado interna e externamente, com secção semicircular, tendo de diâmetro 23 cm e fundo plano com 19 cm de diâmetro. Este exemplar tem 23,3 cm de altura. A superfície externa é vidrada em tons de amarelo e apresenta uma decoração linear incisa, ligeiramente abaixo do bordo, que acompanha todo o diâmetro da peça.

IV.3.2. *Taches Noires*

Foram identificados 6 NMI de um fabrico cuja pasta é compacta, textura fina, com poucos ENP's e de granulosidade fina, nas tonalidades vermelho-amarelado (5YR5/6) e vermelho (2.5YR5/6, 2.5YR5/8), superfície bem alisada e altamente refletiva, normalmente vidrada por dentro e por fora; apresenta decoração geométrica (espirais) ou manchado a negro e manganês. De acordo com a descrição de Gilbert Charbol (1824), a pasta resulta de uma mistura de 2/3 de argilas vermelhas e 1/3 margas locais. Já o chumbo usado no vidrado era importado de Génova ou Almería (Espanha) e misturado com areias de Antibes (França) ou quartzo moído de Noli (Ligúria) (BELTRÁN *et alii.*, 2015: 613). Conhecida na bibliografia americana por *Reyware*, no contexto europeu correspondem às *Taches Noires* (BLAKE, 1981: 114; DEAGAN, 1987: 51-52; FLORIDA MUSEUM OF NATURAL HISTORY, 2020).

Esta produção inicia-se no século XVIII em Savona-Albisola (Ligúria, noroeste de Itália), de modo a fazer face à diminuição da produção de majólica e a concorrer com a produção inglesa de *Creamware*. Ainda que inicialmente se apontasse para meados do século XVIII o início da produção, alguns autores têm vindo a sugerir que tal ocorreu no início da centúria, uma vez que já foram atestados exemplares em contextos dessa cronologia, sendo que se prolonga até 1825 (BLAKE, 1981: 114; DEAGAN, 1987: 51-52; THERRIEN *et alii.*, 2002: 94; BELTRÁN *et alii.*, 2015: 613; DI FEBO *et alii.*, 2018: 1-2).

Produção com enorme êxito foi amplamente difundida no Mediterrâneo (Itália, França, Espanha, Tunísia e Grécia) mas também no Novo Mundo (Canadá, México e Caraíbas). Tal foi o sucesso que se começaram a produzir imitações locais e a taxar a importação destas da Ligúria, o que levou muitos oleiros italianos a emigrar para os novos centros produtores. Destacam-se as “imitações” de Barcelona, Valência e França (BLAKE, 1981: 114-116; BELTRÁN *et alii.*, 2015: 614-615; DI FEBO *et alii.*, 2018: 1-2).

As formas mais comuns são cerâmicas de mesa, como pratos, taça, canecas, e com menos expressão louça de cozinha, castiçais e penicos (BLAKE, 1981: 114; DEAGAN, 1987: 51-52; THERRIEN *et alii.*, 2002: 94; DI FEBO *et alii.*, 2018: 1-2).

Para a forma prato contabilizaram-se 3 NMI, apresentando bordo em aba sub-horizontal, boleado e de secção semicircular, cujo diâmetro varia entre os 20 e os 25 cm, e fundo plano, com diâmetro variável entre os 9 e os 15 cm, a espessura das paredes é de 0,5 cm (Anexo V.5.2. – SD008).

A forma taça está presente em 1 NMI, apresentando bordo ligeiramente exvertido de secção semicircular com 11,4 cm de diâmetro e fundo em pé de anel com 4,5 cm de diâmetro (Anexo V.5.2. – MUNL0492A).

Em Nova Granada, território da atual Colômbia, esta produção terá surgido já no fim do século XVIII (THERRIEN *et alii.*, 2002: 94).

IV.3.3. Outras produções

Com menor incidência definiram-se ainda 9 grupos de fabrico, tendo em conta as suas características técnicas.

Um deles caracteriza-se por uma pasta compacta, homogénea, com escassos ENP's e coloração vermelho-clara (2.5YR6/8). Reconheceu-se 1 NMI corresponde à forma jarra, sendo que possui bordo exvertido boleado de secção semicircular com 14 cm de diâmetro e 0,6 cm de espessura de parede (Anexo V.5.3. – MUNL0320). Só apresenta vitrado na superfície externa na tonalidade amarelo avermelhado (7.5YR6/8) a castanho (7.5YR5/8).

Seguiu-se um fabrico cuja pasta é compacta, homogénea, com escassos ENP's e de pequenas dimensões, de tonalidade vermelha (2.5YR5/6) e núcleo cinza, denunciando

uma cozedura redutora oxidante. A forma jarro encontra-se representada em 1 NMI, correspondente a um fundo plano, com 12 cm de diâmetro e cuja espessura das paredes é de 0,7 cm (Anexo V.5.3. – MUNL0370). Encontra-se vidrado apenas internamente em tom castanho (7.5YR4/6).

Com pasta compacta, mais ou menos homogénea, ENP's residuais de média e grande dimensão (quartzo), de tonalidade vermelha (2.5YR5/6), reconheceu-se a forma pote. Apresenta bordo exvertido e boleado de secção trapezoidal, diâmetro de 10 cm e uma espessura de paredes variável entre 0,4 e 0,7 cm (Anexo V.5.3. – MUNL0202). A superfície interna encontra-se vidrada assumindo uma tonalidade vermelha amarelada (5YR4/6) e a externa exhibe escorrimento de vidrado.

As pastas descritas acima assemelham-se, segundo a nossa observação, às das produções locais de Cartagena de Índias. No entanto, este tipo de vidrado não é típico nas produções locais, o que poderá indicar uma produção distinta que carece de estudos.

Identificou-se um fabrico com pasta compacta, mais ou menos homogénea, com muitos ENP's de pequena dimensão, de coloração vermelha (2.5YR5/6, 2.5YR5/8). A forma pote apresenta bordo exvertido e boleado de secção semicircular e uma pequena asa em fita vertical (Anexo V.5.3. – MUNL0243A). Não foi possível calcular o diâmetro, tendo-se apenas determinado a sua espessura (0,9 cm) bem como a das paredes (0,35 cm). Ambas as superfícies apresentam vidrado verde azeitona (5Y4/4).

Caracterizou-se um outro grupo cuja pasta é compacta, homogénea, com escassos ENP's e de reduzidas dimensões, de tonalidade vermelho-clara (2.5YR6/6). A forma púcaro encontra-se representada por 1 NMI (Anexo V.5.3. – MUNL0482). Apresenta bordo reto plano, cujo diâmetro não foi possível determinar, e uma pequena asa em fita vertical. A superfície interna está vidrada assumindo um tom vermelho amarelado (5YR4/6), enquanto a externa apenas apresenta escorrimento de vidrado.

Com pasta compacta, homogénea, bem depurada, escassos ENP's, de tonalidade rosa (7.5YR7/4) identificou-se a forma servidor, representada em 1 NMI. Corresponde a porção de bordo em aba horizontal, secção semicircular, tem de diâmetro 23 cm e 0,65 cm de espessura de paredes (Anexo V.5.3. – MUNL0485). Apresenta vidrado de coloração verde azeitona claro (5GY5/4) em ambas as superfícies. Trata-se provavelmente de uma produção sevilhana, tendo em conta as características da sua pasta e do vidrado que exhibe (DEAGAN, 1987: 48-49) Os servidores vidrados a verde eram

bastante apreciados na América colonial seiscentista (AMORES CARREDANO & CHISVERT JIMÉNEZ, 1993: 289; PLEGUEZUELO & PILAR LAFUENTE, 1995: 228).

Também de produção sevilhana será certamente uma carena de vidrado melado (10YR5/8), sendo que as características da sua pasta correspondem às definidas no fabrico anterior. Trata-se de uma das primeiras produções vidradas não só na Europa mas também das que chegaram ao Novo Mundo. Goggin estabeleceu uma cronologia que abrange o período entre 1490 e 1550, uma vez que não são reconhecidos exemplares em locais ocupados depois de 1550 (como St. Augustine e Santa Elena) (GOGGIN, 1968: 227; DEAGAN, 1987: 48; PLEGUEZUELO & PILAR LAFUENTE, 1995: 228; FLORIDA MUSEUM OF NATURAL HISTORY, 2020).

Um outro fabrico caracteriza-se por ter pasta compacta, muito homogénea e bem depurada, não se distinguindo quaisquer ENP's, de tom vermelho-escuro (10R3/4). Distinguiram-se 2 NMI que correspondem às denominadas *marmoreadas*, muito provavelmente uma produção italiana da região de Pisa, caracterizada pela aplicação de revestimento vidrado marmoreado (listras amarelas, vermelhas alternadas, às vezes, com um toque de verde e vermelho), cuja cronologia em território americano se fixa entre 1600-1650 (BLAKE: 1981: 103-105; DEAGAN, 1987: 47; GUTIÉRREZ, 2000: 91-92).

Por fim, distinguiu-se uma pasta compacta, muito homogénea, pouco porosa, bem depurada e com ENP's não visíveis a olho nu. De tonalidade castanho avermelhado (2.5YR5/4). Registou-se 1 NMI da forma prato, exibindo bordo exvertido em aba sub-horizontal e fundo convexo (Anexo V.5.3. – MUHCA006). Possui de diâmetro de bordo 27 cm, de fundo 7 cm e 0,6 cm de espessura de paredes. Só apresenta vidrado (de tom amarelo) na superfície exterior, exibindo motivos decorativos geométricos compostos por linhas ondulantes e motivos vegetalistas em tons verde e castanho-avermelhado; ao centro a castanho surge o desenho estilizado de um peixe (como um *ichthus*).

4. A cerâmica esmaltada

Contabilizaram-se 242 fragmentos de cerâmica esmaltada (= 175 NMI), tendo-se distinguido 8 grupos de fabrico.

IV.4.1. Produções Sevilhanas

Distinguiu-se um grupo de fabrico que parece corresponder a produções espanholas, mais concretamente da área de Sevilha. Apresenta pasta compacta, homogénea, pouco porosa, com poucos ENP's e de reduzida dimensão, de tom amarelo-claro/creme (5Y8/2, 5Y8/4, 2.5Y8.2, 2.5Y8/3, 2.5Y9/2, 10YR7/3, 10YR8/3) e por vezes rosa (7.5YR7/3, 2.5YR7/4).

A forma prato está presente em 5 NMI, apresentando bordo exvertido, espessado, de secção semicircular assente em corpo aberto e troncocónico (Anexo VI.6.1 – MUNL0355A; MUNL0357A). O diâmetro do bordo varia entre 17 e 20 cm e a espessura das paredes entre 0,8 e 1 cm. Possui esmalte esbranquiçado, creme ou branco-acinzentado, geralmente dos dois lados, sendo que a sua qualidade varia muito (desde fino, irregular e brilhante, até espesso, fosco e liso), e não apresenta qualquer decoração. John Goggin classifica estas produções como *Columbia Plain*, tendo-lhe atribuído origem sevilhana. É o tipo de cerâmica esmaltada europeia mais frequente nos contextos coloniais americanos dos séculos XVI e início do XVII. Goggin menciona ainda um conjunto de características formais que permitem distinguir as formas mais primitivas (pré-1550) das tardias (pós-1550), sendo uma das quais uma saliência no centro do fundo, que aqui se atesta num exemplar da forma prato (GOGGIN, 1968: 117-126; DEAGAN, 1987: 56-57; LISTER & LISTER, 1982: 48; GUTIÉRREZ, 2000: 51; THERRIEN *et alii.*, 2002: 94-95; FLORIDA MUSEUM OF NATURAL HISTORY, 2020).

Existe ainda 1 NMI desta mesma forma que corresponde à produção *Linear Blue* ou *Yayal Blue on White*. Ainda que as características técnicas da pasta e vidrado se assemelhem à produção anteriormente descrita, distingue-se pela decoração com uma linha concêntrica a azul junto ao bordo (Anexo VI.6.1 – SD010). Para os contextos coloniais esta produção regista-se desde o início do século XVI, tendo, segundo Goggin, atingido particular destaque por volta de 1550-1565, perdendo importância no início século XVII (DEAGAN 1987: 58; GOGGIN 1968: 128-130; LISTER & LISTER, 1982: 53-55).

Outro grupo remete-nos para a produção conhecida por *Sevilha Blue on Blue*, assemelhando-se as suas pastas às descritas para as produções sevilhanas. Regista-se nos contextos coloniais americanos a partir de 1550, assumindo particular popularidade em torno de 1600, e caindo em desuso por volta de 1630-1640. Caracteriza-se pelo seu

esmalte sobrepor duas tonalidades de azul, sendo que a tonalidade mais escura é utilizada para reproduzir padrões florais, vegetalistas, faunas, padrões geométricos e figuras humanas. No exterior, as peças são frequentemente decoradas por séries de arcos sobrepostos também em azul-escuro. De referir que ainda que este tipo se inspira nas produções da Ligúria (*Ligurian Blue on Blue*), distinguindo-se destas pela coloração da pasta (amarelada ou rosada, em vez de branca/creme), pelo esmalte menos espesso e ainda por apresentar decorações mais simples, de traço mais grosso e com menos detalhe (LISTER & LISTER, 1982: 61-65; DEAGAN, 1987: 63-64; KINGSLEY, 2014: 35-18).

Assim, distinguiu-se 5 NMI para forma prato, com bordo em aba horizontal, secção semicircular e fundo em pé de anel (Anexo VI.6.1 – MUHCA002; MUHCA008; MUHCA009). O diâmetro do bordo é de 23 cm, o do fundo é de 10 cm e a espessura das paredes varia entre 0,4 e 0,7 cm. Apresenta decoração inspirada nos motivos de *Calligrafico a volute tipus C*, compostos por pequenas folhagens/ramos dispostos em forma de espiga sob a aba e ao centro uma roseta bastante esquemática e geométrica (3 NMI) (BELTRÁN & MIRÓ, 2010: 47), e decorações vegetalistas e geométricas mais simples. Encontram paralelos em vários sítios coloniais americanos, como por exemplo no Convento de San Francisco na República Dominicana ou no naufrágio das Tortugas (Flórida) (KINGSLEY, 2014: 35-18; FLORIDA MUSEUM OF NATURAL HISTORY, 2020). Também esta produção terá conhecido imitações de origem americana, provavelmente no fim do século XVIII e início do XIX (LISTER & LISTER, 1982: 61-65), mas que não se coadunam com estes achados. Foi igualmente identificado um fabrico português (FERREIRA, MACHADO & CASIMIRO, 2017: 1868), mas com decoração distinta dos achados do Convento de Santo Domingo de Cartagena.

Identificaram-se também exemplares referidos na bibliografia americana como *Blue-Green Bacín*, Triana Polícromo e Triana Simples, sendo-lhes apontada uma origem espanhola e uma cronologia que vai desde 1750 a 1820. São frequentemente encontrados na Flórida, República Dominicana, Puerto Rico, Panamá, Bahamas, Venezuela e Yucatán. Os exemplares encontrados geralmente não possuem asa (GOGGIN, 1968: 201; DEAGAN, 1987: 93-95). No convento de Santo Domingo de Cartagena detetaram-se 5 NMI destes servidores, com fundo plano, diâmetro entre 15 e 17 cm e espessura das paredes entre 0,7 e 1,2 cm (Anexo VI.6.1 – MUNL2971; MUNL2972). Apresenta

decorações em azul-escuro, verde e, por vezes, preto, maioritariamente na superfície externa com motivos florais e geométricos.

Verificou-se também 1 NMI de bojo de forma indeterminada (Anexo VI.6.1 – MUNL0365), com decoração de temática vegetalista a negro, azul e laranja. Tem paralelos em Jeréz de la Frontera, classificando-se como uma produção de Triana (Sevilha) datável do século XVIII, a chamada louça de “*montería*”, por exibir motivos vegetalistas campestres e cenas de caça (Fig. 4 *in* PLEGUEZUELO, 2019: 4).

Identificou-se um outro prato de bordo exvertido e secção semicircular, com 16 cm de diâmetro e 0,5-0,6 cm de espessura de parede (Anexo VI.6.1 – MUNL0301). Tendo em conta a decoração, com ramagens formando anéis sobre o bordo e com as folhas representadas em listras ou pontos, é possível enquadrar este achado na produção *Triana de Ramazón*, que abrange o período 1750-1820 (SCHÁVELZON, 2001: 32-33).

Dois outros exemplares apresentam decoração “esponjada” nas tonalidades de violeta e negro, linhas concêntricas a azul, laranja e amarelo, semicírculos e motivos vegetalistas ainda que algo estilizados, enquadráveis no estilo *Triana Esponjado Polícromo* (SCHÁVELZON, 2001: 36). A forma taça está presente em 5 NMI (Anexo VI.6.1 – MUNL0491; MUNL0275A/B; MUNL2978). Apresentam bordo exvertido demarcado internamente, por vezes ligeiramente boleado e de secção semicircular, e fundo em pé de anel. O diâmetro do bordo é de 22 cm, sendo que o do fundo varia entre 14 e 16 cm e a espessura das paredes entre 0,6 e 0,8 cm. A forma servidor está representada por 1 NMI com bordo exvertido em pequena aba sub-horizontal e secção semicircular internamente, fundo em pé de anel e uma asa em fita (Anexo VI.6.1 – SD005). Possui 19 cm de diâmetro de bordo, 12,1 cm de fundo e 0,5-0,7 cm de espessura de parede.

Um outro prato insere-se no estilo *Triana Anular* (Anexo VI.6.1 – MUNL0483). Apresenta bordo exvertido, de secção semicircular e fundo convexo, possuindo 40 cm de diâmetro bordo, 25 cm de diâmetro de fundo e 0,6-0,8 cm de espessura de parede. Caracteriza-se pela decoração que exibe linhas concêntricas, intercalando lineares e onduladas com diferentes espessuras e tonalidades. Algumas dessas linhas exibem também pequenas listras, dando a ideia de ramagens, assemelhando-se deste modo à decoração mencionada para *Triana de Ramazón*. Cronologicamente vigora entre 1750 e 1830 (SCHÁVELZON, 2001: 35).

Para o estilo *Triana Floreal* identificou-se um bordo invertido de secção semicircular que corresponde à forma taça (Anexo VI.6.1 – MUNL0264). Este exemplar possui de diâmetro 20 cm e 0,6 cm de espessura de parede. Caracteriza-se pela decoração com uma linha concêntrica junto ao bordo a laranja e um motivo floral com linhas, pontos e o efeito esponjado em tons de laranja, amarelo e azul. É lhe atribuída a cronologia 1750-1830 (SCHÁVELZON, 2001: 34-35).

Individualizou-se ainda 1 NMI corresponde à forma prato (Anexo VI.6.1 – MUNL02979). Tem o bordo exvertido de secção semicircular e fundo convexo, com as seguintes dimensões: 24 cm de diâmetro de bordo, 16 cm de diâmetro de fundo e 0,5-0,8 cm de espessura de paredes. Exibe decoração na superfície interna composta por dois círculos concêntricos azuis e motivos geométricos a laranja ponteados a azul, além de “folhas” também a azul. Ao centro apresenta três linhas concêntricas, que delimitam conjuntos de motivos vegetalistas e florais em tons de azul e laranja, evocando influências orientais. Tendo em conta paralelos reconhecidos em dois exemplares, um do Museo Nacional de Artes Decorativas, Madrid (CE09065), e outro proveniente do Museo de Artes y Costumbres Populares de Sevilha (DE00154C), podemos situar esta produção nos finais do século XVIII e início do XIX.

IV.4.2. Produções Italianas

Além das produções *Blue on Blue* ou Azul sobre Azul de origem sevilhana, acima referidas, detetou-se também um outro grupo de cerâmicas de pasta compacta, homogénea, pouco porosa, com ENP's de reduzida dimensão e de tonalidade creme (10YR7/3, 10YR8/3), que devem pertencer às produções italianas da região da Ligúria. Este é o tipo de cerâmica esmaltada italiana mais frequentemente encontrado no Novo Mundo, da América do Sul à Flórida. Está presente nos contextos coloniais americanos da segunda metade do século XVI, sendo raro encontrar em datação posterior, uma vez que decresce o comércio com a Itália. Caracterizam-se pelo esmalte de boa qualidade em duas tonalidades de azul, por vezes bastante brilhante, e as suas peças de paredes finas. Distingue-se das produções sevilhanas por ter pastas mais creme e pela minuciosidade da decoração (LISTER & LISTER, 1982: 72-75; DEAGAN, 1987: 70).

Identificaram-se 3 NMI da forma prato, com bordo exvertido em aba de secção semicircular e fundo em pé de anel (Anexo VI.6.2 – MUHCA004; MUHCA007). O

diâmetro do bordo varia entre 18 e 20 cm, o do fundo entre 10 e 11 cm e a espessura das paredes entre 0,4 e 0,5 cm. Os motivos decorativos correspondem a *Calligrafico a volute tipus B* (1 NMI), caracterizado por uma composição vegetalista em traço fino, e a *quartieri* (2 NMI), exibindo motivo central delimitado por um medalhão e o bordo dividido em segmentos ou cartelas com motivos vegetalistas, sendo datados da segunda metade do século XVI (BELTRÁN & MIRÓ, 2010: 41-49). Existem paralelos na Cidade do México, nas escavações da Catedral Metropolitana desta cidade (LISTER & LISTER, 1982: 72-75; DEAGAN, 1987: 70).

Também de origem italiana, registou-se um outro fabrico, com pasta muito compacta, homogénea, pouco porosa, com escassos ENP's e de reduzida dimensão, de tonalidade creme (2.5Y8/3). Identificou-se 1 NMI correspondente a um bico vertedor de um jarro, cujas características técnicas da pasta e a decoração geométrica em tons de azul, laranja e verde permitem aferir tratar-se de uma produção de *Montelupo Fiorentino*, atribuível ao século XVI (Anexo VI.6.2 – MUNL0354). Encontra paralelos no *The Metropolitan Museum of Art* em duas peças que datam dos finais do século XV e início do século XVI (nº de inventário 1975.1.1011³⁸ e 1975.1.1067³⁹) (CARTA, 2008: 129-144).

IV.4.3. Produções Francesas

Atestou-se uma produção cuja pasta é compacta, homogénea, com grande concentração de ENP's de reduzidas dimensões e de cor amarelo-claro/creme (2.5Y8.5/2). Verificou-se 1 NMI da forma prato, apresentando bordo exvertido em aba de secção semicircular assente em corpo aberto e hemisférico, sendo o diâmetro do bordo de 24 cm e a espessura das paredes 0,5-0,6 cm (Anexo VI.6.3 – MUNL0281). Trata-se provavelmente de uma produção francesa, nomeada *Normandie Blue on White*, cuja datação se situa entre 1690 e 1785. Apresenta decoração de fino traço no diâmetro do bordo, consistindo em duas faixas preenchidas por traços (decoração H segundo Sheldon e Cottier, 1983: 99, Figura 24D, em WALTHALL, 1991: 80-105 e WASELKOV e WALTHALL, 2002: 62-78).

³⁸ <https://www.metmuseum.org/art/collection/search/460138>

³⁹ <https://www.metmuseum.org/art/collection/search/460131>

IV.4.4. Produções Mexicanas

Registou-se um grupo de fabrico com pasta compacta, homogénea, com muitos ENP's de reduzida dimensão e coloração creme (10YR8/3) ou amarelo-claro (2.5Y9/2). Esta produção foi designada por John Goggin (1968: 169-173) de *Abó* e tem sido atribuída ao centro produtor de Puebla, no México. O esmalte a branco é bastante refletor e as principais formas são pratos e taças. A temática decorativa terá inspiração nas produções de Talavera de la Reina (Espanha). Compreende uma datação que vai desde 1650 a 1750 (DEAGAN, 1987: 79-81; THERRIEN *et alii.*, 2002: 100). Registou-se 1 NMI da forma prato, tratando-se de um fragmento de fundo em pé em anel com 9 cm de diâmetro e 0,5 cm de espessura de parede (Anexo VI.6.4 – MUNL0484; MUNL0340). Apresenta decoração policroma com motivos florais, figuras humanas e animais, nas tonalidades de amarelo, verde, laranja e azul.

Atestou-se uma outra produção com pasta compacta, homogénea, porosa, com alguns ENP's de reduzida dimensão, de tonalidade vermelho-amarelada (5YR5/6). Poderá tratar-se da produção definida como *Puebla Polícroma*, associada ao referido centro produtor mexicano. À semelhança de outras produções deste país, também aqui observamos um esmalte uniforme, de tom claro e bastante refletor, distinguindo-se pela sua decoração em azul-cobalto e preto (mais frequente), mas também amarelo, verde e laranja. Os motivos decorativos correspondem a rolos e lóbulos, motivos lineares, padrões rendados, sendo normalmente contornados a preto. As principais formas são pratos, taças, alguidares. Cronologicamente é atribuível ao período compreendido entre 1650 e 1725 (GOGGIN, 1968: 173-182; DEAGAN, 1987: 81-82). A este fabrico corresponde 1 NMI da forma prato, apresentando bordo exvertido em aba de secção semicircular (Anexo VI.6.4 – SD029).

Por fim, caracterizou-se um fabrico cuja pasta é muito compacta, muito homogénea e com muitos ENP's de reduzida dimensão, sendo que a tonalidade varia entre o creme/bege (2.5Y9/2, 2.5Y7/3) e o cinza-claro (2.5Y7/2 Light Gray). Este parece remeter-nos para a uma produção de extrema qualidade, com um esmalte fino e muito refletor, nomeada de *Puebla Blue on White*. Em termos decorativos reúne influências da porcelana chinesa e de Talavera de La Reina. Esta produção tem uma datação atribuída para 1675-1800, sendo a produção mais frequentemente encontrada em contextos arqueológicos hispano-americanos do século XVIII (GOGGIN, 1968: 190-195;

DEAGAN, 1987: 77-79; FLORIDA MUSEUM OF NATURAL HISTORY, 2020). Registram-se 3 NMI correspondentes a formas de levar à mesa. A forma prato registou 1 NMI, com bordo exvertido, em aba, ligeiramente espessado, de secção semicircular (Anexo VI.6.4 – MUNL0349A). Com decoração muito semelhante verifica-se 1 NMI de taça (Anexo VI.6.5 – MUNL0197), de bordo exvertido em aba e secção semicircular, assente em corpo aberto e hemisférico, tendo de diâmetro 19 cm e de espessura de paredes 0,4/ 0,5 cm. A forma taça está ainda representada em 1 NMI de uma variante distinta, com bordo reto de secção semicircular, tendo 8 cm de diâmetro e 0,3 cm de espessura de paredes (Anexo VI.6.4 – MUNL0356). Apresentam decorações em dois tons de azul-cobalto, com ponteados, linhas/faixas, lóbulos e semicírculos, com motivos florais e geométricos. No tardoz estão decorados com arcos sobrepostos em azul.

IV.4.5. Produções locais: *Mayólica Cartagena*

A *Mayólica Cartagena* apresenta as mesmas características técnicas da anteriormente definida como *Cartagena Rojo Compacto*, diferenciando-se apenas pela aplicação de esmalte estanífero após a primeira cozedura (TERRIEN *et alii.*, 2000: 61; TERRIEN *et alii.*, 2002: 51/173; BÁEZ SANTOS, 2019: 51/73). O esmalte encontra-se frequentemente oxidado e poroso, e nem sempre é totalmente branco, podendo por vezes ser creme ou esverdeado (provavelmente devido à mistura do estanho com óxido de cobre), e pode ser aplicado em uma ou em ambas as superfícies. Os motivos decorativos são vegetalistas (florais de traços simples) e geométricos (circulares, linhas retas, onduladas, entrançados, *zig zag*, e ainda pinceladas no bordo), na sua maioria em azul, mas também numa mistura das tonalidades de azul (GLE Y2 6/5B) e verde (GLE Y1 4/5G_/1) sobre fundo branco, sendo frequente misturar os dois tons na mesma peça. Muitas vezes encontra inspiração nas decorações europeias. As paredes são geralmente finas ou médias (0,4 a 0,8 cm). As principais formas são: pratos, bacias, bacias, xícaras, púcaros, jarros, jarras e candeeiros. Todo o processo de elaboração das peças (preparação das argilas, torneamento, cozedura e aplicação do banho de estanho) estava a cargo dos homens escravos negros, enquanto as decorações eram da responsabilidade das mulheres, também elas escravas e negras (TERRIEN *et alii.*, 2000: 61; TERRIEN *et alii.*, 2002: 51/173; TERRIEN, 2003: 34; BÁEZ SANTOS, 2019: 51-93).

No convento de Santo Domingo foram identificados 78 fragmentos, correspondendo a um NMI de: 2 indeterminados, 2 potes, 2 alguidares, 4 servidores, 16 pratos e 14 taças.

Para a forma taça foram totalizados 14 NMI. A variante A contempla 6 exemplares de bordo exvertido, boleado ou espessado de secção semicircular, sendo que o diâmetro varia entre 9 cm e 20 cm e a espessura das paredes entre 0,5 e 0,7 cm (Anexo VI.6.5 – MUNL0181A; MUNL0208; MUNL0366). A variante B, atestada em 4 NMI, apresenta bordo reto (muito ligeiramente exvertido), arredondado de secção semicircular e fundo em pé de anel ou destacado, sendo que o diâmetro do bordo varia entre 10 e 17 cm, o do fundo é de 4,8 cm e a espessura das paredes varia entre os 0,4 cm e 0,6 cm (Anexo VI.6.5 – MUNL0212D; MUNL0212F; MUNL2970; MUNL0478B). Algumas peças apresentam decoração em motivos geométricos e vegetalistas em tons de azul, ainda que nem todas estejam decoradas. De assinalar ainda a presença de defeitos resultantes do seu processo de elaboração, como esmaltes bastante corroídos de tonalidade amarelada/castanha-clara (7.5YR6/4), cuja decoração é praticamente impercetível. Existem ainda outros 2 NMI que correspondem somente a porção do fundo em pé de anel, cujo diâmetro varia entre 7 e 8 cm e a espessura das paredes entre 0,5 e 1 cm. Apresentam esmalte em ambas as superfícies, sendo que um dos exemplares exhibe decoração com motivos vegetalistas a azul na superfície interna (Anexo VI.6.5 – MUNL0284B).

A forma prato está representada por 16 NMI, possuindo corpo aberto troncocónico, bordo exvertido em aba sub-horizontal, de secção semicircular e fundo anelar ou côncavo, exceção feita a um exemplar que apresenta bordo exvertido, ligeiramente boleado e de secção semicircular (Anexo VI.6.5 – MUNL0440A; MUNL0440B; MUNL0212B; MUNL0212C; MUNL0212H; MUNL1559; MUNL1560; MUNL0478A; MUNL0478C; MUNL0284A; MUNL0181B; SD009; SD020; SD021). O diâmetro do bordo varia entre 14,3 e 30 cm, o diâmetro dos fundos entre 6,8 e 12 cm e a espessura das paredes entre 0,4 e 0,9 cm. As superfícies apresentam esmalte de ambos os lados e exibem decorações em motivos vegetalistas e geométricas, na sua maior parte em azul, mas também na conjugação azul-verde, que podem estar em ambas as superfícies ou só na interior (4 NMI). Existem também indivíduos sem qualquer decoração (1 NMI). Em geral, as superfícies são bastante porosas e apresentam bolhas resultantes de uma deficiente técnica de cozedura.

O alguidar totaliza 2 NMI (Anexo VI.6.5 – MUNL0282B; MUNL0181C). Correspondem a porções de fundo plano, com diâmetro entre 18 e 26 cm e a espessura das paredes entre 0,9 e 1,4cm. O esmalte está aplicado apenas na superfície interna, o que também acontece com a decoração, em motivos geométricos e vegetalistas, nas tonalidades de azul e amarelo, ainda que as superfícies apresentem bastante desgaste.

Para fins sanitários atestou-se a forma servidor, num total de 4 NMI. Apresenta bordo exvertido em aba sub-horizontal, ligeiramente espessada e com secção semicircular ou trapezoidal e fundo plano (Anexo VI.6.5 – MUNL0212E; SD001; MUHCA014). Um dos exemplares tem uma asa em fita vertical ovalada, sendo de supor que fossem duas, uma vez que a forma não está completa. O diâmetro do fundo varia entre 11 e 19,2 cm, o do bordo entre 20,8 e 30 cm e a espessura das paredes entre 0,6 e 1,4 cm. Um dos fragmentos apresenta decoração em linhas onduladas sobre a aba e junto ao bordo nas tonalidades azul e verde; um outro apresenta decoração linear na aba e junto ao bordo a azul; por fim, um indivíduo exhibe decoração linear azul na aba e decoração vegetalista e floral no corpo, também a azul, encimada por duas linhas concêntricas; 1 NMI não apresenta decoração.

Relativamente à função de armazenamento, o pote está representado em 2 NMI (Anexo VI.6.5 – MUNL0212A; MUNL0212G). Um deles apresenta bordo ligeiramente invertido e espessado, de secção semicircular, e o outro bordo exvertido e espessado de secção semicircular, ambos assentes em colo de tendência hemisférica. O diâmetro do bordo varia entre 12 e 15 cm e a espessura das paredes entre 0,4 e 0,5cm. Encontram-se esmaltadas apenas na superfície externa, onde exibem decoração geométrica e vegetalista a azul.

Para concluir, deve referir-se que são reconhecidos motivos com clara influência portuguesa, nomeadamente “semicírculos concêntricos”, reticulados, motivos “vegetalistas circulares” a azul, linhas concêntricas, linhas oblíquas nos bordos, rendas, “pêssegos” e outros motivos geométricos, vegetalistas e fitomórficos. A decoração apresentada é característica do século XVII (CASIMIRO, 2013: 352-365). Como foi anteriormente referido, a datação para já aceite para as tipologias produzidas na olaria da Companhia de Jesus compreende o período entre 1650 e 1750 (TERRIEN *et alii.*, 2000: 61).

IV.4.6. Produções de origem desconhecida

Registaram-se ainda um conjunto de materiais relevantes pela sua decoração, mas para os quais não nos foi possível encontrar paralelos ou assumir com alguma certeza a sua proveniência. Tratam-se na sua maioria de cerâmicas de servir à mesa, mas também cerâmicas de cozinha e para fins de iluminação.

Um desses indivíduos apresenta pasta compacta muito homogénea, algo porosa, com poucos ENP's e de tom rosado (7,5YR8/4), podendo corresponder a produções de Sevilha. Trata-se de uma taça, com fundo em pé de anel com 9 cm diâmetro e 1 cm de espessura de parede (Anexo VI.6.6 – MUHCA003). Apresenta decoração vegetalista a azul.

Atesta-se também um fabrico cuja pasta é compacta, pouco homogénea, com muitos ENP's de distintas dimensões, variando nas tonalidades rosa (5YR7/4), amarelo avermelhado (5YR7/6) e creme (10YR8/3). Corresponde à forma taça e possui bordo exvertido boleado de secção semicircular, com 22 cm de diâmetro e 0,6 cm de espessura de parede (Anexo VI.6.7 – MUNL0199). A decoração está dividida em cartelas, sendo que a única visível exibe um reticulado em azul; ao longo do bordo está decorada com motivos lineares também a azul, assim como no tardo. Esta peça apresenta defeitos de fabrico como “bolhas” no esmalte resultantes do processo de cozedura.

Um outro exemplar da forma taça apresenta, por sua vez, pasta compacta, homogénea, pouco porosa, sem ENP's visíveis e de tonalidade bege (10R8/2). Trata-se de uma peça com perfil completo, de corpo aberto e hemisférico, de bordo ligeiramente vertical com secção semicircular e fundo anelar (Anexo VI.6.6 – SD007). Tem 16 cm de diâmetro de bordo, 8 cm de diâmetro de fundo e 0,5 de espessura de parede. O esmalte da superfície interna apresenta coloração azul muito claro e ao centro exibe motivo decorativo serpenteado a azul mais escuro; já a superfície externa é totalmente preenchida por uma composição geométrica em duas tonalidades de azul.

Distinguiu-se um fabrico cuja pasta é compacta, homogénea, com alguns vácuos, apresenta muitos ENP's de grande dimensão, principalmente quartzo e elementos pétreos rolados (pequenos seixos) e tonalidade creme (2.5Y8/2, 2.5Y8/3, 2.5Y8/4). Para este fabrico atestaram-se 2 NMI da forma prato que partilham a mesma linha decorativa (Anexo VI.6.6 – MUNL0205A). Exibem bordo em aba sub-horizontal, cujo diâmetro que

varia entre 19 e 22 cm e fundo em pé de anel com 13 cm de diâmetro. A espessura das paredes varia entre 0,6 e 0,7 cm.

Detetou-se ainda um exemplar de pasta compacta, homogénea, pouco porosa, sem ENP's visíveis e de tonalidade creme (2.5Y8/2), um fragmento de fundo em pé de anel de prato, com 10 cm de diâmetro e 0,5 cm de espessura de parede (Anexo VI.6.6 – SD006). Exibe decoração com motivo vegetalista estilizado (rosácea) ao centro, delimitada por um conjunto de círculos concêntricos em tons de azul. Já a pequena porção de parede restante parece exibir semicírculos concêntricos.

A forma candeeiro conta com 1 NMI, cuja espessura de parede é de 0,6 cm (Anexo VI.6.6 – MUHCA005). Exibe decoração composta por duas linhas concêntricas a azul. A pasta é compacta, muito homogénea, porosa, poucos ENP's de e de reduzida dimensão, na tonalidade cinza-rosado (7,5YR7/2), sendo que também poderá corresponder a uma produção sevilhana.

Regista-se também 1 NMI de alguidar, correspondente a um bordo exvertido, de secção triangular, 45 cm de diâmetro e 1,4 cm de espessura de parede (Anexo VI.6.6 – MUHCA001). A superfície interna está decorada com motivos geométricos circulares e espiraliformes em tons de azul e verde. A pasta é compacta, homogénea, pouco porosa, com ENP'S de pequena dimensão e coloração avermelhada (2.5YR6/6; 2.5YR6/4).

5. As porcelanas

A porcelana chinesa caracteriza-se por ter pasta vitrificada, em resultado das altas temperaturas em que a cozedura ocorre. A temática decorativa permite distinguir centros de produção e cronologias/reinados. Foi uma fonte de inspiração para a decoração de loiças esmaltadas, sendo os seus motivos amplamente reproduzidos por toda a Europa e nas colónias no Novo Mundo, com destaque para Puebla (México). Tratava-se de um produto de luxo em contextos americanos, devido à dificuldade de comercializar diretamente com a China. Therrien afirma que no continente americano, e em especial na área de Nova Granada, este grupo cerâmico não é muito frequente (THERRIEN *et alii.*, 2002: 101)

No convento de Santo Domingo foram identificados 3 fragmentos de porcelana (= 3 NMI), todos enquadráveis no conjunto das cerâmicas de mesa. Devido à reduzida dimensão dos fragmentos não ficam claros os motivos decorativos, ainda que existam algumas características sugestivas de indicação cronológica e/ou tradição decorativa.

A forma taça está presente em 2 NMI. Um deles, correspondente a um fragmento de fundo em pé de anel. Apresenta decoração típica da técnica *kraak porcelain*, em azul-cobalto sob vidrado e organizada em cartelas (Anexo V.7 – MUNL0464), inserindo-se cronologicamente no reinado do imperador Wanli (1572-1620), Dinastia Ming (1368-1644) (VALENSTEIN, 1975: 197). O outro fragmento trata-se de um bordo vertical e de secção semicircular, com decoração a Azul e Branco (Anexo V.7 – MUNL0346). A tonalidade azul-safira permite atribuir-lhe uma cronologia pós-1680, enquadrando-se no reinado do imperador Kangxi (1662-1722), Dinastia Qing (1644-1911) (VALENSTEIN, 1975: 219-220). Devido à reduzida dimensão dos fragmentos não foram possíveis aferições métricas.

Por sua vez, o prato representado por um fundo pé em anel, com 14 cm de diâmetro, exhibe decoração polícroma, com contorno a tinta-da-china, com uma datação fixada após 1725, inserindo-se no período dinástico Qing (1644-1911), provavelmente no reinado de Qianlong (1736-1795) (VALENSTEIN, 1975: 255-258) (Anexo V.7 – MUNL0428A).

6. O grés/*stoneware*

Distinguiram-se 10 fragmentos (= 6 NMI) do fabrico *Stoneware*, grés ou vidrado de sal. Apresenta pasta em tons de cinza e branco, muito compacta, homogénea, pouco porosa e com poucos elementos não plásticos, cuja cozedura é feita a altas temperaturas (entre 1150°C e 1390°C). Trata-se de uma cerâmica vitrificada, e não vidrada, uma vez que, devido às altas temperaturas a que está sujeita na cozedura, vitrifica – *salt-glazed*. Estas peças têm a particularidade interessante do revestimento ser aplicado durante a própria cozedura, consistindo no simples processo de adicionar sal ao forno. O sal acaba por evaporar e formar uma fina camada de silicato sobre a cerâmica, que a torna impermeável e, por isso, mais propícia ao armazenamento e transporte de líquidos, em especial dos mais ácidos. Assim se justifica a ampla produção e difusão mundial desta

tipologia. A introdução da técnica do vidrado de sal remonta ao século XV, mas só se intensificou a partir dos finais do século XVI e inícios do século XVII, assumindo dimensões de larga escala e sendo exportado para todo o mundo (MARTÍN *et alii.*, 2008: 68-69; ABREU E SOUZA, 2013: 44).

Foram identificados 5 NMI correspondentes a fragmentos de parede que parecem corresponder a garrafas, já que as paredes têm uma tendência claramente hemisférica, o que ainda assim levanta dúvidas dada a sua reduzida dimensão. Nenhum dos exemplares apresenta qualquer decoração, sendo apenas revestidos a vidrado de sal na superfície externa.

Registou-se ainda 1 NMI da forma prato correspondente à produção inglesa de *Stoneware White Salt Glazed*, cuja cronologia de fabrico se fixa entre 1720 e 1770 (FLORIDA MUSEUM OF NATURAL HISTORY, 2020) (Anexo V.8 – MUNL0288).

7. As botijas

As especificidades do comércio de longa distância motivaram a criação de uma nova tipologia de transporte e armazenamento – a botija. A sua versatilidade em relação aos produtos que podia transportar e a simplicidade da sua forma, que permitia que fosse produzida com grande rapidez, fez com que fosse o produto cerâmico mais comercializado durante o século XVI⁴⁰ (SÁNCHEZ-CORTEGANA, 1996: 139). Assim, esta tipologia é particularmente abundante em contextos dos séculos XVI e XVII, conhecendo uma distribuição marcadamente costeira e portuária, denunciando a sua adaptabilidade para o transporte marítimo e a pouca praticidade e eficiência em rotas terrestres. Sevilha foi o seu principal centro produtor, não sendo de estranhar, dado a importância ímpar desta cidade enquanto único ponto de partida e chegada da *Carrera de Indias*, ainda que existam outros centros produtores na Europa e até no Novo Mundo (DEAGEN, 1987: 31; AMORES CARREDANO & CHISVERT JIMÉNEZ, 1993: 286; AVERY, 1997: 92; THERRIEN, 2002: 91; GOMEZ FERRER *et alii.*, 2013: 10; STEMM *et alii.*, 2013: 7). Em território americano atesta-se uma produção de origem local no Peru, mais concretamente no Vale do Rio Moquegua, ainda que as botijas peruanas se

⁴⁰ Na frota de 1592 transportava-se um total de 226 227 botijas (SÁNCHEZ-CORTEGANA, 1996:139).

distingam das produções sevilhanas pela ausência da coloração creme nas superfícies e pela maior espessura das paredes (AVERY, 1997: 94).

John Goggin (1960) foi o primeiro a caracterizar esta tipologia, sendo até à data a referência utilizada. Goggin chamou-lhes *olive jars*, numa tentativa de empregar um termo que não estivesse já em uso ou que fosse já de uso corrente para designar uma tipologia cerâmica; não procurava definir rigidamente a sua função, uma vez que estas não transportavam exclusivamente azeite. Assim, esta é a terminologia aceite e usada pela bibliografia americana (GOGGIN, 1960: 3-5; DEAGAN, 1987: 31; AMORES CARREDANO & CHISVERT JIMÉNEZ, 1993: 283; AVERY, 1997: 89-99). Esta nomenclatura tem sido amplamente discutida, precisamente pela variedade de produtos que estes contentores transportavam. Florence C. Lister e Robert H. Lister (1976: 85-86), por exemplo, chamaram-lhe inicialmente “tinaja” (talha), mas como esta designação é mais utilizada para formas de armazenamento do que de transporte, mais tarde (1987: 211) passaram a usar os termos “ânforas”, “botijas peruleiras” ou “olive jars”.

Goggin distingue três estilos – inicial (1500-1575), médio (1580-1780) e tardio (1780-1850) – a partir de diferenças morfológicas principalmente no bordo (MARKEN, 1994: 45-50 *apud* AVERY, 1997: 93; GUTIÉRREZ, 2000:58-60). Na transição do estilo inicial para o intermédio o bordo deixa de ser uniforme, passando a ter ressalte anelar e secção triangular em vez de arredonda como até então; as asas são eliminadas (passando o bordo, que se torna mais robusto para se ajustar à forma da mão, a desempenhar essa função) e o corpo deixa de ser globular e passa a ser ovalado. Já no estilo tardio, assiste-se à diminuição da altura do bordo, que passa a assentar diretamente no corpo da forma, e adota secção retangular, mantendo o ressalte anelar (GOGGIN, 1960: 11-17; DEAGAN 1987: 33-35; AZKARATE & NÚÑEZ, 1991: 163-167; AMORES CARREDANO & CHISVERT JIMÉNEZ, 1993: 283; SÁNCHEZ-CORTEGANA, 1996: 139-142; AVERY, 1997: 92-96/103-109; FLORIDA MUSEUM OF NATURAL HISTORY, 2020).

Este tipo de botijas era principalmente usado no transporte de vinho e azeite, uma vez que a sua produção havia sido proibida nas Américas por decreto real, mas também podiam transportar azeitonas, vinagre, grãos, alcaparras, favas, mel, peixe, arroz, farinha e sabão. A partir de meados do século XVI, a exportação de vinho e azeite intensificou-se, o que se reflete no aumento da produção destes contentores cerâmicos (AMORES CARREDANO & CHISVERT JIMÉNEZ, 1993: 286).

Embora fosse elaborada com a funcionalidade primária de armazenar e transportar líquidos, esta forma conheceu outras utilizações. Depois de cumprirem a sua função de transporte eram muitas vezes usadas como elementos arquitetónicos: suporte estrutural dos tetos abobadados (enchimento de abóbodas), para proteção contra humidade, para auxiliar as drenagens do solo (sendo enterradas por baixo dos pavimentos), ou para melhorar a acústica dos edifícios e em remates decorativos (AZKARATE & NÚÑEZ, 1991: 166; AMORES CARREDANO & CHISVERT JIMÉNEZ, 1993: 283; AVERY, 1997: 92-103; GUTIÉRREZ, 2000: 53-59; DÍAZ, s.d.a.: 21-23). Também no Novo Mundo se regista a utilização das botijas para fins arquitetónicos. No entanto, não é claro se nestes casos foram usadas peças reutilizadas ou com defeitos de cozedura, sendo que se sabe que foram enviadas botijas vazias para as colónias americanas durante o século XVI, o que pode sustentar a segunda hipótese (GOGGIN, 1960: 6-8; DEAGEN, 1987: 31-32; LISTER & LISTER, 1987: Apêndice 2 *apud* AMORES CARREDANO & CHISVERT JIMÉNEZ, 1993: 287). Esta técnica foi utilizada na Igreja do Convento de Santo Domingo, onde se verificou a presença de botijas cheias de areia nas abóbodas, servindo de contrapeso, como já foi referido anteriormente (THERRIEN *et alii.*, 2002: 91).

Nas escavações do convento identificaram-se 135 fragmentos, perfazendo um NMI de 44 exemplares. De referir que esta é uma das formas que se registou em maior número, correspondendo, segundo os dados que constam no Relatório de Camilo Díaz, a um total de 1329 fragmentos, ou seja 18,9% da coleção (DÍAZ, s.d.a.: 21-23).

Apresentam corpo globular, ligeiramente cónico, fundo curvo e instável e bordo estreito, mas com lábio robusto e secção triangular ou sub-triangular com ressalte anelar, e não apresentam asa (Anexo V.9). As pastas são geralmente muito compactas, homogéneas, mas muito porosas, com grande concentração de ENP's de várias dimensões (quartzo, mica, calcite, feldspato, chacota); apresentam marcas de torno nas superfícies e variam nas tonalidades de vermelho-claro (2.5YR6/6, 2.5YR7/6, 10R6/6), rosa (7.5YR7/4, 7.5YR7/3), cinza (2.5Y6/1, 10YR6/1), cinza-claro (2.5Y7/2), cinza rosado (7.5YR6/2, 5YR7/2), castanho claro (7.5YR6/3, 7.5YR6/4, 10YR7/3), castanho avermelhado claro (5YR6/4, 2.5YR6/3, 5YR5/3, 5YR6/3), amarelo avermelhado (5YR7/6, 5YR6/6) e castanho amarelado (10YR5/8). Alguns exemplares encontram-se vidrados, numa das superfícies ou nas duas, estando também presentes fragmentos que

não apresentam qualquer tratamento de superfície. Em relação aos vidrados predominam as tonalidades de verde azeitona (5GY5/4, 10Y6/2, 5GY4/2, 10Y6/4, 5Y5/4), ainda que seja de registar alguns de tonalidade amarela. O diâmetro do bordo varia entre os 5 e os 6 cm, exceto num dos casos que se verifica de 10,2 cm (Anexo V.9 – MUNL0201). A espessura das paredes junto ao bordo varia entre os 0,6 e 0,9 cm.

As botijas aqui identificadas correspondem ao *Tipo A*, do estilo médio definido por Goggin (1960: 12-14), cuja datação se estende deste 1560 até 1800, tendo sido utilizadas maioritariamente para transporte de vinho. Este foi o *Tipo* mais utilizado (e por isso o mais frequentemente encontrado) e o de maiores dimensões, sendo que a sua altura deveria variar entre 52 e 58 cm, o diâmetro entre 22 e 29,5 cm e a espessura das paredes entre 1 e 1,2 cm.

8. Os cachimbos

Em resultado da expansão marítima do século XVI, o consumo de tabaco em cachimbo, importado da América do Sul e Central, foi introduzido nos hábitos europeus. Assim, a produção de cachimbos de caulino materializou o incremento do hábito de fumar na Europa, tendo como principais centros produtores Inglaterra e Países Baixos, principais potências marítimas dos séculos XVII e XVIII. Este facto rapidamente se traduziu numa produção em larga escala, já que no século XVII, e em parte graças aos comerciantes portugueses, o consumo de tabaco generalizou-se num âmbito mundial (THERRIEN *et alii.*, 2002: 101; CALADO, PIMENTA & SILVA, 2003: 93; HISSA, 2019: 15-24; HISSA & LIMA, 2019: 65; PIMENTA & SILVA, 2019: 255-259; SIMÃO *et alii.*, 2020: 1761-1762; SOUSA, 2020: 80-83) De salientar que os cachimbos de tradição mediterrânica (Catalunha e Balcãs) dominam os contextos arqueológicos do século XIX, substituindo as até então mais frequentes produções norte-europeias (ORIHUELA & VIERA, 2015: 26).

No convento de Santo Domingo identificaram-se 6 NMI de cachimbo, sendo que 4 fragmentos correspondem a hastes de pasta caulínica e 2 fragmentos a forninhos de pasta vermelha e com marcas de utilização.

No que respeita aos fragmentos de haste estes apresentam pastas caulínicas, bastante homogéneas, depuradas e com acabamento alisado/brunido, denunciando

produções do Norte da Europa (Anexo V.10 – MUNL0322, MUNL0325, SD017, SD018). Nenhum dos fragmentos possui marcas indicativas do centro produtor ou qualquer elemento decorativo que permita afinar cronologias ou proveniências.

Em relação às produções de pasta vermelha, regra geral, para os contextos em que aparecem, têm vindo muitas vezes a ser relacionadas com produções de origem local (HISSA, 2019: 15-24; PIMENTA & SILVA, 2019: 255-256), no entanto, a bibliografia sobre contextos arqueológicos coloniais nas Antilhas não oferece muita informação que permita comprovar a sua produção (ORIHUELA & VIERA, 2015: 6).

No entanto, um dos indivíduos apresenta pasta compacta e homogênea, pouco porosa e com ENP's de pequena dimensão, de coloração vermelho-clara (2.5YR7/6), assemelhando-se bastante às produções *Cartagena Rojo Compacto*, ainda que não tenha sido até hoje atestada a produção de cachimbos em Cartagena de Índias (Anexo V.10 – MUNL0193). O exemplar não apresenta qualquer acabamento de superfície, mas está decorado com motivos geométricos (caneluras), sendo que este tipo de decoração, caracterizada por frisos verticais no corpo do forninho, começa a ser utilizada a partir de 1760 (OSWALD, 1975; DUCO, 1987 *apud* HISSA & LIMA, 2019: 68).

Em relação ao outro fragmento de forninho, cujas pastas apresentam uma coloração que varia entre o amarelo e o vermelho, e exibem superfície brunida, e que tem 4,5 cm de altura (Anexo V.10 – SD019), existem paralelos decorativos com exemplares recolhidos em Cuba. Tratam-se de produções denominadas por *Reed-Stem*, ou seja, com haste curta ou mesmo sem haste, e cuja origem será hispânico-mediterrânica (Catalunha ou Balcãs). Este exemplar corresponderá provavelmente a uma produção de Palamós (Catalunha), distinguindo-se por ter o forninho largo e profusamente decorado com motivos florais e geométricos. Encontra-se exemplares semelhantes no norte e sudoeste de Espanha, sul de França, Baleares, Balcãs, Argentina e Porto Rico. Cronologicamente esta produção vigora desde o final do século XVIII e durante todo o século XIX. (BELTRÁN, MIRÓ & SOBERÓN, 2012: 112-115; ORIHUELA & VIERA, 2015: 13-15; ORIHUELA & VIERA, 2016: 17-21).

V. Reflexões

Tendo em conta as problemáticas que envolvem o estudo desta coleção, nomeadamente a impossibilidade de estudar todos os materiais devido à sua dispersão um tanto por toda a cidade, parece pouco lógico fazer uma análise da sua dispersão por Setor, Sondagem ou mesmo U.E, já que aqui se apresenta apenas uma parte da coleção. Assim, tomou-se como base o inventário da escavação de Díaz (s.d.) (Tabela 3) e as conclusões de Therrien *et alli.* (2000) e tentou-se de alguma forma comparar com os dados aferidos neste trabalho.

Este estudo totaliza 843 fragmentos face aos 7035 que constam no relatório referente às escavações de 2002-2004, que se pensa corresponder ao total do espólio exumado. Quer isto dizer que analisámos 12% da coleção (Tabela 4).

Refletindo acerca das categorias cerâmicas, se compararmos os dados por nós aferidos nesta amostra e o total de fragmentos que consta em relatório dentro de cada categoria (Tabela 5): para a cerâmica esmaltada totalizámos 242 fragmentos (29%), face aos 779 totais (11%); para a cerâmica de fabrico manual *crespo* foram contabilizados 240 (28%) fragmentos, contrastando com o total de 3139 (44%); para a cerâmica torneada não-vidrada foram identificados 173 fragmentos (21%), de um total de 1586 (21%); para as botijas aferimos 135 (16%) fragmentos, sendo que o relatório refere 1329 (19%); para a cerâmica torneada vidrada identificámos 26 fragmentos (3%), face aos 187 do total (2,7%); para o grés/*stoneware* registaram-se 10 fragmentos (1,2%), face a 15 (0,2%). Não existem no relatório referência às seguintes categorias que pudemos contabilizar: cachimbos, 6 fragmentos (0,7%); porcelanas, 3 fragmentos (0,36%); azulejos, 3 fragmentos (0,36%); material de construção, 2 fragmentos (0,24%); cerâmica manual *tonala*, 2 fragmentos (0,24%); e cerâmica manual *desgrasante arrastado fino*, 1 fragmento (0,12%).

No que diz respeito à funcionalidade dos materiais por nós analisados é importante registar que, dos 271 NMI identificados, 136 NMI correspondem às peças que visavam o consumo de alimentos à mesa, tratando-se assim do maior grupo funcional, correspondendo a metade dos indivíduos (Tabela 6). Seguem-se as cerâmicas para fins de armazenamento, que totalizam 57 NMI (21%), as de cozinha com 45 NMI (16,6%) e as que cumprem propósitos relacionados com a higiene e fins sanitários, que contabilizaram

14 NMI (5%). Com menor expressão temos o grupo dos cachimbos, com 6 NMI (2,2%), as peças destinados à ingestão de líquidos, com 5 NMI (1,8%), a cerâmicas de construção, com 5 NMI (1,8%), as cerâmicas com funções decorativas, com 2 NMI (0,7%), e, por fim, as que cumprem funções relacionadas com a iluminação dos espaços, com apenas 1 NMI (0,4%).

No que concerne à distribuição das várias funcionalidades por grupo de fabrico assistimos (Tabela 7), para o caso das cerâmicas de tradição indígena a uma prevalência das cerâmicas de uso ao fogo com um total 51 NMI (67%), face às de utilização individual que totalizam 25 NMI (33%). Já para as produções torneadas não-vidradas, predominam as formas de servir à mesa com um total de 15 NMI (39%), sendo que se destaca a forma prato (= 8 NMI); seguem-se as cerâmicas de cozinha que totalizam 8 NMI (21%), onde o fogareiro (= 4 NMI) assume maior destaque. Nas cerâmicas torneadas vidradas preponderam as formas destinadas a servir à mesa com 6 NMI (50%), sobressaindo o prato com (= 4 NMI). Por fim, para as cerâmicas esmaltadas dominam mais uma vez as formas de mesa com 66 NMI (81%), onde se destaca o prato (= 24 NMI); seguem-se as formas com fins sanitários com um total de 11 NMI (14%), sendo que todos os exemplares são servidores.

Em relação à proveniência dos exemplares aqui apresentados, verifica-se uma maior percentagem de cerâmicas locais (53%) face às importadas (40%)⁴¹ (Tabela 8 e Gráfico 5). No que toca às cerâmicas de produção local verifica-se uma maior prevalência das cerâmicas de tradição indígena (61%) face às de tradição europeia ou *criollas*, as cerâmicas torneadas (39%) (Tabela 9 e Gráfico 6). Do que pudemos apurar fica claro, para as produções europeias, a pertinência das importações provenientes de Espanha e Itália. Para as importações americanas denota-se a preferência pelos centros produtores mexicanos, especialmente de Puebla.

Ainda que, como explicado inicialmente, seja pouco lógico fazer uma análise por Setor, Sondagem e U.E., pudemos apurar que a maioria dos materiais presentes neste estudo correspondem ao pátio central (Setor D). Verifica-se, também, na generalidade dos casos que as cerâmicas de tradição indígena *crespo* compõem com mais frequência

⁴¹ 7,11% dos materiais são de origem desconhecida.

os estratos inferiores do registo arqueológico do convento, embora tal careça de apurada contabilização integral. Therrien refere em relação ao espólio por si recolhido que se verificou uma maior proporção de fragmentos de tradição indígena, sendo que a proporção média para o século XVI é de 90% de tradição indígena e 10% de tradição europeia. Afirma ainda que existe uma maior percentagem de cerâmica de tradição indígena neste contexto em detrimento de outros na cidade, o que justifica com a existência de alguns problemas entre a ordem dominicana e os jesuítas, que eram detentores da Fazenda de São Barnabé, o maior centro produtor de cerâmica dita *criolla* (*Cartagena Rojo Compacto e Mayólica Cartagena*). Ou ainda que tal se explique com uma maior interação da ordem dominicana com a comunidade indígena, uma vez que esta tinha a missão de os evangelizar (THERRIEN, 2003: 35; THERRIEN, 2007: 45; BÁEZ SANTOS, 2019: 192). A mesma asserção é apresentada por Camilo Díaz, que aponta uma percentagem de cerâmica de produção local exumada nas suas escavações de 89,2%. Ainda que seja um fenómeno normal numa fase embrionária do domínio espanhol, a verdade é que se assistiu a um uso contínuo e permanente de tipologias de tradição indígena, chegando algumas das quais a ser adaptadas de forma a responder a novas necessidades e/ou funcionalidades (DÍAZ, s.d.a.: 21).

Nos anos que sucederam a chegada à América a maior parte da cerâmica utilizada era produzida pela população indígena segundo as suas tradições, isto porque era muito dispendioso trazer esse tipo de mercadoria da metrópole. A partir de 1570 estabeleceram-se nas colónias indústrias e redes de comércio a nível regional, de todo o tipo de produtos: cerâmica, vidro, têxteis, curtumes, cunhagem de moeda, metalurgia, entre outras. Desde esse momento, grande parte da cerâmica vidrada e esmaltada era originária do México, Peru ou Panamá - cerâmica *criolla* ou *colonoware* – sendo que numa primeira fase estas reproduziam os motivos decorativos europeus, mas mais tarde desenvolveram características decorativas próprias, que hoje nos permitem distinguir tipos e centros produtores (DEAGAN, 2012: 18-19). Em meados do século XVII a procura interna por estas cerâmicas intensificou-se. Assim, a necessidade de manter os costumes europeus, aliada ao custo de transporte, resultou em que um pouco pelas olarias de todo o mundo colonial se comesçassem a produzir cerâmicas de tradição europeia, sobretudo hispânica. Tal implicou que a cerâmica importada se cingisse somente a produtos de alta qualidade ou a recipientes de armazenamento e transporte de bens (CIPOLLA, 1999: 34; DÍAZ,

s.d.a.: 21; THERRIEN *et alii.*, 2002: 50; DEAGAN, 2012: 17; BÁEZ SANTOS, 2019: 19-20/241-248).

A reprodução das técnicas de fabrico, como o torno e o recurso a fornos que permitissem a cozedura a altas temperaturas, a reprodução de formas e decorações europeias, em louça produzida nas olarias coloniais⁴², procurou suprir uma crescente procura interna (DÍAZ, s.d.a.: 21). Ainda assim, a aplicação dessas técnicas à maneira europeia não se revelou tarefa fácil e teve reflexos na qualidade das peças produzidas, nas quais encontramos algumas imperfeições (THERRIEN *et alii.*, 2002: 50). Este facto é importante, uma vez que nos permite distinguir, logo à partida, as produções europeias das coloniais e, paralelamente, porque assistimos à reprodução das formas ou dos motivos decorativos, mas ao mesmo tempo a uma deficiente reprodução das técnicas de cozedura, acabamento e decoração. A *Mayólica Cartagena* é talvez o exemplo mais flagrante dessa simbiose cultural, ao aplicar os motivos decorativos à maneira europeia (THERRIEN, 2002: 24-25). Torna-se necessário desconstruir a ideia de que existe como que uma “apropriação cultural” imediata e com reflexo nos mais diversos âmbitos da vida dos grupos autóctones, incluindo na cultura material. O que se verifica é a permanência do uso dos fabricos pré-existentes, inclusive por parte da sociedade colonial, bem como progressivas variações/modificações e adaptações ao longo do tempo (THERRIEN *et alii.*, 2002: 48).

A Fazenda de San Bernabé, pertencente à Companhia de Jesus, é tida como o principal centro produtor e abastecedor da cidade, sendo que, segundo as pesquisas de Marco Dorta (1988) no Arquivo Geral das Índias de Sevilha, a produção deverá ter-se iniciado por volta de 1650, durando até à expulsão dos jesuítas da cidade em 1767. Contudo, esta não seria a única olaria da cidade a produzir os tipos *Cartagena Rojo Compacto* e a *Mayólica Cartagena*, pelo que é de supor que a produção se tenha prolongado além disso, talvez até à Independência (THERRIEN *et alii.*, 2002: 50; ESCOBAR, 2018: 54). Ainda que inicialmente se verifique uma produção proporcional das tipologias referidas, com o tempo, o tipo *Cartagena Rojo Compacto* adquiriu maior importância, em função daqueles que exigem mais dedicação e tempo de produção – *Cartagena Rojo Compacto variedad Fino* e *Mayólica Cartagena*. A necessidade de

⁴² Note-se que esta realidade não ocorre somente em Cartagena, sendo transversal a outras áreas do Império.

atingir um público mais amplo poderá explicar o incremento da produção de uma tipologia mais económica (BÁEZ SANTOS, 2019: 116).

As produções de San Barnabé seriam bastante apreciadas, uma vez que estas são frequentes, não só nos demais contextos arqueológicos de Cartagena de Índias, mas também na Venezuela e em algumas ilhas das Caraíbas. No entanto, deve explicitar-se que o contrário também sucede, verificando-se em Cartagena produções cerâmicas provenientes de outras colónias, o que é demonstrativo dos intensos contactos comerciais entre estes importantes portos coloniais e da dinâmica comercial da área Caribenha (ESCOBAR, 2018: 54, BAÉZ, 2019: 20-21).

Durante o século XVI, todo o comércio do Império Espanhol era, como sabemos, controlado e regulado pela *Casa de la Contratación* em Sevilha, responsável por garantir a exclusividade desse porto na *Carrera de Indias*, estando a circulação e distribuição de mercadorias de proveniência europeia nas Américas dependente das normas impostas por este organismo. No entanto, os produtos transacionados não eram exclusivamente de origem espanhola, provindo também dos Países Baixos, Itália, Alemanha, Inglaterra e Portugal: “O que chega à América é, portanto, o resultado da difusão de diferentes estilos, tradições e elementos vindos não só da Espanha, mas do resto do continente europeu”⁴³ (THERRIEN *et alii.*, 2002: 90-91). A frase enunciada traduz bem as especificidades dos contextos coloniais do Novo Mundo. A tentativa de correlacionar fabricos com locais de produção verifica-se por esse motivo extremamente complexa. Principalmente por existir um grande desconhecimento por parte da escola americana das nomenclaturas europeias, sendo que por vezes nomeiam produções já definidas para os contextos europeus.

Em relação à cronologia do espólio recolhido verifica-se a predominância de materiais do século XVII e XVIII. No entanto, destaca-se a elevada incidência do tipo *crespo fino*, cuja produção não deverá suplantará o século XVI. Referir que o objeto mais recente identificado neste estudo remete-nos para uma cronologia que vai desde o final do século XVIII e perdura durante todo o século XIX, tratando-se do cachimbo da produção *Reed-Stem* de Palamós (Catalunha).

⁴³ Tradução da nossa responsabilidade

Por fim, uma nota acerca da relação deste contexto com a arqueologia portuguesa. Diversos autores têm vindo a investigar e publicar as evidências artefactuais de origem portuguesa no Novo Mundo em espaços não colonizados pelos portugueses. Os vestígios materiais encontrados na costa leste do continente americano (Newfoundland, Massachusetts, Maine, Virgínia, Boston, Plymouth, Jamestown, Flórida), bem como na República Dominicana, Argentina, Barbados, etc., tem vindo a reforçar a ideia de que no século XVII a cerâmica portuguesa ocupava um lugar de maior destaque do que aquele que lhe tem vindo a ser atribuído, sendo cada vez mais as cerâmicas esmaltadas de origem portuguesa aí encontradas (WILCOXEN, 1999: 1-6; CASIMIRO, 2013: 6037-6043). No entanto, também é frequente em alguns contextos a presença de cerâmica torneada não-vidrada de origem portuguesa (STOLK, 2018: 114). A ausência de informação acerca das produções portuguesas, quer pela carência da mesma ou a fraca divulgação a nível internacional, poderá estar na origem do desconhecimento acerca destas produções que levaram a associá-las a outros centros produtores europeus. A faiança portuguesa tem vindo a ser classificada como proveniente dos Países Baixos ou Itália, ou ainda mais comumente como a produção definida por Goggin – *Ichucknee Blue on White*⁴⁴ – que lhe atribui unicamente origem espanhola (WILCOXEN, 1999: 1-6; CASIMIRO, 2013: 6037-6043).

Particularmente para o caso de Cartagena de Índias, e apesar das produções portuguesas só estarem atestadas, pelo que conseguimos apurar no espólio estudado, de forma algo dúbia pela presença de uns poucos fragmentos de parede, é inegável a influência decorativa na *Mayólica Cartagena*. Não é de estranhar tendo em conta a historiografia referida que acentua o papel que os portugueses tiveram na economia da cidade, maioritariamente devido ao tráfico de escravos. Considera-se que este é um tema de enorme relevância, que carece de estudo e é merecedor da sua realização, até porque fica claro o enorme desconhecimento que existe na escola americana acerca das produções lusas que, como já foi referido, têm vindo a ser erradamente nomeadas como

⁴⁴ Nesta coleção estão presentes uma série de fragmentos de parede com decoração a azul e branco, designados na bibliografia americana como *Ichucknee Blue on White*, e que recentemente tem vindo a ser a ser classificados também como de origem portuguesa. No entanto, neste caso e tendo em conta as reduzidas dimensões dos espécimes, não nos foi possível concluir com toda a certeza a sua proveniência.

de origem espanhola ou com designações desconhecidas da escola europeia. Reforça-se também assim a extrema necessidade de correlação entre as inúmeras nomenclaturas para os mesmos fabricos.

VI. Considerações Finais

Cartagena de Índias, dada a localização estratégica que tanto favorecia a *Carrera de Indias*, foi um dos pilares basilares do Império Colonial Espanhol. Deste modo se justifica a imensidão do seu aparelho defensivo, que mesmo assim não demoveu as potências inimigas e os corsários dos constantes ataques de que a cidade foi alvo.

Em relação ao Convento de Santo Domingo fica claro que este espaço reflete, nos seus mais de 400 anos de história e nas etapas da sua morosa edificação, fatores de ordem social, económica e cultural, uma vez que se adaptou às necessidades, adquirindo diversas funções, tendo sido, por exemplo, utilizado para fins militares durante vários ataques. Em suma, reflete a história da própria cidade!

Pretendia-se a partir deste caso de estudo compreender os padrões de consumo da cidade numa perspetiva cronológica. Neste sentido e ainda que os condicionantes desta investigação não tenham permitido conclusões de fundo, fica clara a permanência das cerâmicas de tradição indígena até bastante tarde, não descurando o fabrico a nível local e regional de cerâmicas – as chamadas *criollas* –, cuja técnica foi importada da Europa, acabando por suplantar no Novo Mundo as produções importadas. Esta realidade fica particularmente visível na reprodução, um tanto por todo o continente americano, das temáticas decorativas das peças cerâmicas, não sendo Cartagena de Índias uma exceção. Neste sentido, destacamos a decoração à maneira portuguesa presente na cerâmica esmaltada, invocando as temáticas dos semicírculos concêntricos, reticulados, rendas, “pêssegos”, bem como a cerâmica decorada com incrustação de elementos pétreos, cujos exemplares se atestaram não ter origem europeia, denunciando uma reprodução desta produção algures no Novo Mundo.

No que à cerâmica importada diz respeito verifica-se uma maior incidência de produções espanholas, particularmente de Sevilha, o que se compreende atendendo ao contexto da colonização espanhola. Ocorrem também produções italianas, com destaque para as da região da Ligúria, não esquecendo que os centros produtores mexicanos são bastante apreciados, particularmente os de Puebla (México), embora em dimensão bem menores que as andaluzas.

Em relação às produções de Cartagena pensamos ser pertinente realizar estudos nos centros oleiros, nomeadamente da Fazenda de San Barnabé, uma vez que as

investigações que tem sido feitas nesse sentido partem dos resultados obtidos nos diversos espaços da cidade para apresentar conclusões acerca dos centros produtores (BÁEZ SANTOS, 2019), quando na realidade deveria ser ao contrário. Therrien alerta inclusive para o facto da caracterização da cerâmica manual, definida por Dussán de Reichel como *Crespo*, ter por base um único sítio arqueológico, assim como para o facto do seu próprio catálogo sobre Cartagena incidir unicamente nas escavações decorridas nos conventos de Santo Domingo e San Pedro Claver (THERRIEN *et alli.*, 2000: 65). Fica clara a necessidade de realizar mais estudos comparativos a fim de definir bem os fabricos atribuíveis à cidade e quais os critérios de distinção, revendo as sistematizações já existentes, que são demasiado genéricas e nos parecem carecer de atualização, correndo o risco de estarmos a classificar erradamente algumas produções e a atribuir-lhes distintas proveniências, sendo estas afinal produções locais. Tal é particularmente visível quando falamos das cerâmicas comuns. Por último, torna-se também necessário entender melhor este fator da reprodução de técnicas e motivos decorativos europeus, parecendo-nos que é verdadeiramente um mundo fascinante e a desbravar.

Esta realidade vai de encontro ao estudo de Baéz Santos (2009) acerca da distribuição da cerâmica de San Barnabé a partir dos materiais recolhidos em diversos sítios arqueológicos da cidade, inclusive do Convento de Santo Domingo⁴⁵. No entanto, os resultados das estatísticas de consumo estão diretamente condicionados por vários fatores: metodologias de investigação distintas, o que dificulta interpretações e cria amostras diferentes; metodologias de escavação e dificuldade na interpretação, que em alguns casos não permitem ter uma perspetiva cronológica (escavação por níveis arbitrários); dificuldade em obter informações sobre as frequências por fabrico e tipologia; “confusões” na classificação das cerâmicas (BÁEZ SANTOS, 2019: 241-248). Tendo em conta estes condicionantes, julgamos importante matizar os resultados a que chegámos para o caso do Convento de Santo Domingo.

Báez Santos alerta ainda para algo com que partilhamos a opinião: estes estudos são demonstrativos de um problema de gestão de dados das intervenções arqueológicas da cidade de Cartagena de Índias, que se inicia desde logo na forma como os dados são expostos nos relatórios. Alerta para a necessidade de nos inventários constarem

⁴⁵ Com recurso aos relatórios de escavação.

informação das frequências por tipo, forma e com indicações estratigráficas. E ainda, para o facto de os relatórios não conterem informações relativas ao depositário ou depositários da coleção, sendo que o desconhecimento deste dado se revelou, no caso deste estudo, o principal condicionante. Sugere ainda a criação de uma base de dados para conter informação acerca das investigações e coleções arqueológicas da cidade. Tal permitirá realizar investigações mais completas que comparem vários sítios e materiais da cidade, condição necessária a entender como um todo e a obter perspectivas de consumo mais fiáveis (BÁEZ SANTOS, 2019: 241-248).

Em relação ao segundo objetivo que pretendia correlacionar os materiais com as áreas de escavação e assim intentar perceber zonas funcionais do complexo conventual, tal pareceu-nos inviável, tendo em conta que este estudo se verificou *a posteriori* na análise de uma pequena parte da coleção, que não permitia conclusões de fundo nesse sentido. Assim, limitámo-nos a correlacionar os dois relatórios a fim de conseguir uma visão mais abrangente do espaço e das estruturas postas a descoberto. Os relatórios são uníssonos nas fases de construção/modificação do espaço conventual, definindo genericamente dois grandes momentos construtivos: uma que finda na segunda metade do século XVII e outra no século XVIII. Estes momentos são facilmente distinguíveis pela ocorrência dos níveis de circulação. Nos finais do século XIX e início do século XX deverá realizar-se a última reforma a que correspondem um pavimento, argamassas e materiais exumados nos últimos estratos (THERRIEN *et alii.*, 2000: 30). Além disso, registaram-se ainda pavimentos em terra batida na ala sul que deverão corresponder a uma estrutura em madeira e palha que servia de residência provisória para os frades, no final do século XVI (DÍAZ, s.d.a: 45-48).

O que se pode concluir acerca do *modus vivendi* de Cartagena de Índias colonial, é que esta é uma cidade que depende inteiramente das suas funções portuárias e cresce e desenvolve-se tendo em conta a importância do seu estatuto enquanto cidade-porto. É sem dúvida interessante, e talvez o que mais surpreendeu neste estudo, o papel dos portugueses na sociedade *cartagenera* e a sua influência na própria dinâmica da cidade, que se reproduz a nível material, ao que pudemos apurar nesta pequena amostra de forma significativa no que toca à importação de técnicas e motivos decorativos, e não tanto à presença efetiva de materiais de origem portuguesa; mas fica aqui o repto da necessidade de investir nesta dimensão histórico-arqueológica que em muito enriquecerá tanto a

história da Colômbia como de Portugal. E ainda da influência africana, também ela trazida pela mão dos portugueses, visível ainda hoje tanto a nível cultural, material e social nas ruas de Cartagena.

Referir que esta se trata de uma primeira abordagem a um “mundo” que é de particular interesse para entender as dinâmicas comerciais e sociais do período colonial, para a própria cidade de Cartagena de Índias, bem como contributo para os estudos arqueológicos da área das Caraíbas. Ainda que sintamos que não atingimos a totalidade dos nossos objetivos, tendo em conta as limitações que encontramos e que já aqui foram explanadas, não podemos, contudo, deixar de reforçar a importância desta investigação primária. É ainda particularmente importante no que toca à caracterização da cultura material alertar para a necessidade de estudos arqueométricos, e de produção bibliográfica, sendo que uma das dificuldades mais sentidas foi sem dúvida a falta de suporte bibliográfico para a identificação de produções e tipologias, incorretas classificações, ou generalizações, e ainda o desconhecimento da nomenclatura europeia face à americana e vice-versa, levando a que de um lado e outro do Atlântico se use diferentes nomes para a mesma produção.

Por fim, referir que ainda que os constrangimentos a este trabalho tenham sido enormes – começando na distância a que se encontram tanto o contexto como os materiais, passando pela limitação temporal ao nível dos estudos dos materiais, adensada pelo imprevisto de surgirem grandes quantidades de materiais cuja existência se desconhecia e que, novamente por razões temporais, não puderam ser corretamente estudados e incluídos neste trabalho – este significou um enorme desafio pessoal e profissional, que se traduziu essencialmente em aprendizagem e crescimento.

VII. Bibliografía

- ABREU e SOUZA, R. d. (2013). Grés, vinho e imigração: arqueologia de uma produção vitivinícola, São Paulo, 1920-1950. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, 8(1), 39-58.
- ÁLVAREZ, J. M. (2016). El éxito en la escasez. La defensa de Indias en 1741. *Vegueta: Anuario de la Facultad de Geografía y Historia*, 359-383.
- AMORES CARREDANO, F., & CHISVERT JIMÉNEZ, N. (1993). Tipología de la cerámica bajomedieval y moderna sevillana (s. XV-XVIII): I La loza quebrada de relleno de bóvedas. *SPAL*, 2, pp. 269-325.
- AMORES CARREDANO, F., & LÓPEZ TORRES, P. (2009). Amores, Fernando. (2009). Las cerámicas finas –alcarrazas blancas– de Sevilla en la Edad Moderna: la expresión barroca de una tradición almohade. Em *Estudios de Prehistoria y Arqueología en homenaje a Pilar Acosta Martínez* (Vol. 1, pp. 563-573). Santander, Espanha: Universidad de Sevilla.
- AMORES CARREDANO, F., CHISVERT JIMÉNEZ, N., FUENTES BONAVITA, A., LOPEZ TORRES, J., MORA FRUTOS, P., & RUEDA GALÁN, M. (1991). Una primera tipología de la cerámica bajomedieval y moderna Sevillana (s. XV-XVII). *Actes du Vème Colloque sur la Céramique Médiévale* (pp. 305-315). Rabat: INSAP.
- ARDILA, G. (2009). Cambio y Permanencia en el Caribe Colombiano tras el contacto con Europa: una mirada desde la Guajira. Em H. Calvo Stevenson, & A. Meisel Roca (Ed.), *Cartagena de Indias en el siglo XVI* (pp. 35-37). Cartagena: Banco de la Republica.
- AVERY, G. (1997). *Pots as packaging: the spanish olive jar and Andalusian trasatlantic comercial activity, 16th-18th centuries*. University of Florida: Dissertation presented on the graduate school of the University of Florida in patial fulfillment of the requirements for the degree of Doctor of Philosophy.
- AZKARATE, A., & NÚÑEZ, J. (1991). Colección de botijas y botijuelas (“Spanish Oliver jar” o “anforetas”) procedentes de la ermita de San José (Elorrio, Bizkaia). *KOBIE (Serie Pelooantropología)*, XIX, pp. 153-182.

- BÁEZ SANTOS, L. (2019). *Arqueología de la producción, distribución y consumo de la cerámica del Tejar de San Bernabé en los Siglos XVII y XVIII en Tierrabomba (Cartagena)*. Bogotá: Universidad Externado de Colombia, Facultad de Estudios del Patrimonio Cultural.
- BALFET, H. F., FAUVET-BERTHELOT, M. F., & MONZON, S. (1983). *Pour la normalisation de la description des poteries*. Paris: Centre National Pour la Recherche Scientifique.
- BARGÃO, A. (2015). *Vivências do Quotidiano do Hospital Real de Todos-os-Santos (Lisboa): os contextos do poço SE do claustro NE*. Lisboa: Dissertação de Mestrado em Arqueologia apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.
- BARGÃO, A., & FERREIRA, S. (2016). Evidências do Quotidiano no Hospital Real de Todos-os-Santos, Lisboa: Os contextos do poço SE do Claustro NE. *Entre ciência e cultura: da interdisciplinaridade à transversalidade da arqueologia. Actas das VIII Jornadas de Jovens em Investigação Arqueológica*, (pp. 233-241). Lisboa.
- BARKER, P. (1989). *Techniques of Archaeological Excavation*. Londres: Batsford Book.
- BELTRÁN DE HEREDIA BERCERO, J., & MIRÓ I ALAIX, N. (2010). El comerç de ceràmica a Barcelona als segles XVI-XVII: Itàlia, França, Portugal, els tallers del rin i xina. *QUARHIS - Quaderns d'Arqueologia i Història de la Ciutat de Barcelona, Època II(6)*, pp. 14-91.
- BELTRÁN DE HEREDIA BERCERO, J., CAPELLI, C., DI FEBBO, R., MADRID I FERNÁNDEZ, M., & BUXED I GARRIGÓS, J. (2015). Imitaciones de ceràmicas Taches Noires en Barcelona en el siglo XVIII. Datos arqueológicos y arqueométricos. *Actas do X Congresso Internacional A Ceràmica Medieval no Mediterrâneo* (pp. 613-618). Silves: Câmara Municipal de Silves/Campo Arqueológico de Mértola.
- BELTRÁN DE HEREDIA BERCERO, J., MIRÓ, N., & SOBERÓN, M. (2012). The production and trade in socketed clay pipes found in Barcelona between the seventeenth and the nineteenth centuries. *Journal of the Académie Internationale de la Pipe*, 5, pp. 97-111.

- BLAKE, H. (1981). Pottery Exported From Northwest Italy Between 1450 And 1830: Savona, Albisola. Genoa, Pisa, And Montelupo. In G. Barker, & R. Hodges, *Archaeology and Italian Society; Prehistoric, Roman and Medieval Studies* (pp. 99-124). Oxford: British Archaeological Record. International Series 102.
- BORREGO PLÁ, M. (1983). *Cartagena de India en el siglo XVI*. Sevilla: Escuela de Estudios Hispano-Americanos.
- BORREGO, M. d., VÁZQUEZ, S., & MURIEL, F. (2009). La trayectoria urbana de Cartagena de Indias hasta 1586. Em H. Calvo Stevenson, & A. Meisel Roca (Ed.), *Cartagena de Índias en al siglo XVI* (pp. 183-202). Cartagena de Índias: Banco de la República.
- BUGALHÃO, J., & COELHO, I. P. (2017). Cerâmica moderna de Lisboa: proposta tipológica. Em A. Caessa, C. Nozes, I. Cameira, & R. Banha da Silva (Ed.), *I Encontro de Arqueologia de Lisboa: Uma Cidade em Escavação* (pp. 106-145). Lisboa: CAL/DPC/DMC/CML.
- CALADO, M., PIMENTA, J., & SILVA, R. B. (2003). Cachimbos de cerâmica provenientes do Caminho de Ronda do Castelo de São Jorge em Lisboa. *Património Estudos*, 5, pp. 83-95.
- CALVO STEVENSON, H., & MEISEL ROCA, A. (2007). *Cartagena de Indias en el siglo XVII*. Cartagena: Banco de la Republica.
- CALVO STEVENSON, H., & MEISEL ROCA, A. (2009). *Cartagena de Indias en el siglo XVI*. Cartagena: Banco de la Republica.
- CARNEIRO, E. (1989). *Empedrado: técnica de decoração cerâmica*. Barcelos: Museu da Olaria.
- CARTA, R. (2008). *Carta, Raffaella. (2008). Difusión e influencia de la producción de la cerámica italiana entre la baja Edad Media y la primera Edad Moderna. El caso de Granada*. Tese de Doutoramento. Granada: Editorial de la Universidad de Granada.
- CARVALHO, P., & BETTENCOURT, J. (2012). De Aveiro para as margens do Atlântico: a carga do navio Ria de Aveiro A e a circulação de cerâmica na época

- moderna. *Actas do Congresso Internacional em Arqueologia Moderna Velhos e Novos Mundos* (pp. 733-746). Lisboa: CHAM.
- CASIMIRO, T. (2013). Faiança Portuguesa: datação e evolução crono-estilística. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 16, pp. 351-367.
- CASIMIRO, T. (2014). Portuguese Faience and Historical Archaeology. Em C. SMITH, *Encyclopedia of Global Archaeology* (pp. 6037-6044). New York: Springer. doi: https://doi.org/10.1007/978-1-4419-0465-2_2305
- CASIMIRO, T. M. (2010). *Faiança Portuguesa nas Ilhas Britânicas (dos finais do século XVI aos inícios do século XVIII)*. Lisboa: Dissertação de Doutoramento em História, especialidade de Arqueologia apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas.
- CASIMIRO, T. M., & NEWSTEAD, S. (2019a). Portuguese coarsewares in North Atlantic trade (16th-18th centuries). *American Ceramic Circle Journal*, XX, 59-81.
- CASIMIRO, T. M., & NEWSTEAD, S. (2019b). 400 Years of water consumption: early modern pottery cups from Portugal. *Ophiussa*, 3, pp. 145-154. doi:<https://doi.org/10.51679/ophiussa.2019.53>
- CIPOLLA, C. (1999). *La odisea de la plata española. Conquistadores, piratas y mercaderes*. Barcelona: Crítica.
- COELHO, I. P. (2012). Muito mais do que lixo: a cerâmica do sítio arqueológico subaquático Ria de Aveiro B-C. Em A. Teixeira, & J. Bettencourt (Ed.), *Velhos e Novos Mundos. Estudos de Arqueologia Moderna. II*, pp. 757-770. Lisboa: CHAM.
- DEAGAN, K. (1987). *Artifacts of the Spanish Colonies of Florida and The Caribbean 1500-1800*. Washington D.C.: Smithsonian Institution Press.
- DEAGAN, K. (2012). From Español to Criollo. An Archaeological perspective on Spanish-american cultural transformation, 1493-1600. Em A. TEIXEIRA, & J. BETTENCOURT (Ed.), *Velhos e Novos Mundos. Estudos de Arqueologia Moderna. I*, pp. 13-22. Lisboa: CHAM.

- DEAGAN, K., & CRUXENT, J. M. (1993). From Contact to Criollos: The archaeology of Spanish colonization in Hispaniola. *Proceedings of the British Academy*, 81, pp. 67-68.
- DEL CAIRO HURTADO, C. (2013). Mentiras verdaderas o la topología de la guerra. Aproximación arqueológica a la cartografía colonial de Bocachica, Cartagena de Indias. *Apuntes: Revista de Estudios sobre Patrimonio Cultural - Journal of Cultural Heritage Studies*, 26(1), pp. 186-203.
- DEL CAIRO, C., & GARCÍA CHÁVEZ, M. (2002). *Memorias curso de protección y conservación del patrimonio cultural sumergido*. Bogotá: Ministerio de Cultura.
- DELGADILLO-GARZÓN, O., & ZAPATA-RAMÍREZ, P. (2007). Contexto natural del patrimonio cultural subacuático en la bahía de Cartagena: perspectivas de estudios interdisciplinarios y potencial de utilización. (UniNorte, Ed.) *Memorias*, 4(7), pp. 4-5.
- DI FEBO, R., CASAS, L., CAPELLI, C., CABELLA, R., & VALLCORBA, O. (2018). Catalan Imitations of the Ligurian Taches Noires Ware in Barcelona (18th–19th Century): An Example of Technical Knowledge Transfer. *Minerals*, 8, pp. 1-16.
- DÍAZ, C. (s.d.). *Informe Final de Monitoreo en el Claustro de Santo Domingo de Cartagena de Indias*. Grupo de Arqueología de la Universidad del Norte, AECl, Arquidiócesis de Cartagena, Escuela de Taller de Cartagena.
- DÍAZ, C. (s.d.). *Informe Final Técnico - Rescate Arqueológico en el Claustro de Santo Domingo*. Grupo de Arqueología. Universidad del Norte.
- DORTA, E. M. (1988). *Cartagena de Indias: Puerto y Plaza fuerte*. Bogotá: Fondo Cultural Cafetero.
- DUCO, D. (1987). *De NederlandseKleipijp*. Leiden: Museu do Cachimbo.
- DUSSÁN DE REICHEL, A. (1954). Crespo: un nuevo complejo arqueológico del norte de Colombia. *Revista Colombiana de Antropología*, 3, pp. 173-188. doi:<https://doi.org/10.22380/2539472X.1867>
- ESCOBAR, D. (2018). *Informe Final de Aplicación del Plan de Manejo Arqueológico – Monitoreo Arqueológico y Arqueología Pública - Proyecto “Upme-05-2012 Segunda Línea de Transmisión Eléctrica de 220kv Bolívar – Termocartagena*

- Tramo Aéreo*". LICENCIA ICANH 6792, Municipios de Cartagena, Turbaco, Santa Rosa de Lima, Bolívar. doi:10.13140/RG.2.2.19163.05920
- FAIRBANKS, C. (1966). A Feldspar-Inlaid Ceramic Type from Spanish Colonial Sites. *American Antiquity*, 31, pp. 430-432. doi:10.2307/2694749
- FANDIÑO MERZ, M. (2000). *Producción de loza en Cartagena de Indias, 1650-1770: un análisis de la cultura material*.
- FERNANDES, I. (2012). *A loiça preta em Portugal: Estudo histórico, modos de fazer e de usar*. Dissertação de Doutoramento em História, Especialidade de Idade Contemporânea, apresentada ao Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Minho.
- FERREIRA, L. F., MACHADO, I. F., & CASIMIRO, T. M. (2017). Cerâmica portuguesa azul sobre azul – séculos XVI e XVII. *Actas do II Congresso da Associação dos Arqueólogos Portugueses - Arqueologia em Portugal/ 2017 - Estado da Questão* (pp. 1863-1872). Lisboa: AAP.
- GÁMEZ CASADO, M. (2018). Cartagena de Indias: La bahía más codiciada. Em P. Luengo Gutiérrez, *Mares fortificados protección y defensa de las rutas de globalización en el siglo XVIII* (pp. 45-53). Sevilla: Universidad de Sevilla.
- GOGGIN, J. (1968). Spanish Majolica in the New World. *Yale University Publications in Anthropology*, 72. New Haven: Yale University Press.
- GOGGIN, J. M. (1960). *The Spanish olive jar: an introductory study*. New Haven, CT, USA: Yale University Publications in Anthropology.
- GOMEZ FERRER, S., BUXEDA I GARRIGÓS, J., IÑÁÑEZ, J., DE AMORES CARREDANO, F., & ALZATE GALLEGU, A. (2013). Sevillian transport jars in early colonial America: the case of Santa María La Antigua del Darién (Colombia). *Open Journal of Archaeometry*, 1(1), 3e, 10-15. doi:<https://doi.org/10.4081/arc.2013.e3>
- GUTIÉRREZ, A. (2000). *Mediterranean Pottery in Wessex Households (13th to 17th centuries)*. Oxford: British Archaeological Reports 306.
- GUTIÉRREZ, A. (s.d.). *A guide to the identification of Spanish Medieval and Later Ceramics (13th to 17th centuries)*.

- HARRIS, E. C. (1991). *Principles of Archaeological Stratigraphy*. Londres: Academic Press Limited.
- HISSA, S. d. (2019). Brancos, castanhos e vermelhos: cachimbos arqueológicos de cerâmica no Forte Orange. *Vestigios: Revista Latino-Americana De Arqueologia Histórica*, 13(1), pp. 3-28.
- HISSA, S. d., & Lima, T. A. (2019). Cachimbos brancos da região do Valongo: o cachimbo cosmopolita no Rio de Janeiro oitocentista. *Revista de Arqueologia*, 32(2), pp. 61–85. doi:10.24885/sab.v32i2.700
- HOFMAN, C., MOL, A., HOOGLAND, M., & VALCÁRCEL ROJAS, R. (2014). Stage of encounters: migration, mobility and interaction in the pre-colonial and early colonial Caribbean. *World Archaeology*, 46(4). doi:10.1080/00438243.2014.925820
- ISAZA LONDOÑO, J. L. (2005). Dos iglesias cartageneras del siglo XVI: la Catedral y Santo Domingo. *Apuntes - Journal of Cultural Heritage Studies*, 17(1-2), 50-63.
- JARAMILLO, R. L. (2009). Cartografía y geografía : cartografía de Cartagena colonial. Em H. Calvo Stevenson, & A. Meisel Roca (Ed.), *Cartagena de Indias en el siglo XVI* (pp. 92-96). Cartagena: Banco de la Republica.
- KINGSLEY, S. (2014). The Deep-Sea Tortugas Shipwreck, Florida: A Spanish-Operated Navio of the 1622: the Ceramic Tablewares. *Odyssey Marine Exploration Papers* 36 , pp. 1-97.
- LAFUENTE IBÁÑEZ, P. (1998). La producción cerámica sevillana durante la baja edad media. 1-39.
- LANE, K. E. (2009). Corsarios, piratas y la defensa de Cartagena de Indias en el siglo XVI. Em H. Calvo Stevenson, & A. Meisel Roca (Ed.), *Cartagena de Indias en el siglo XVI* (pp. 98-118). Cartagena: Banco de la Republica.
- LAVIANA CUETOS, M. L. (2006). La organización de la Carrera de Indias, o la obsesión del monopolio. *El comercio marítimo ultramarino*, 52, 19-35. Cuadernos Monográficos del Instituto de Historia y Cultura Naval.
- LAZO, N. (2013). Ciudades Patrimonio: Pasado y presente: La Habana y Cartagena de Indias. *Jangwa Pana*, 12, pp. 35-51.

- LISTER, F. C., & LISTER, R. H. (1976). A descriptive dictionary for 500 years of Spanish-tradition ceramics (13th through 18th centuries). *Society for Historical Archaeology Special Publications, 1*.
- LISTER, F. C., & LISTER, R. H. (1982). Sixteenth century majolica pottery in the valley of Mexico. Em *Anthropological Papers of the University of Arizona, 39*. Tucson: University of Arizona Press.
- LISTER, F. C., & LISTER, R. H. (1987). *Andalusian Ceramics in Spain and New Spain: A Cultural Register from the Third Century B.C. to 1700*. Tucson: University of Arizona Press.
- MARCO DORTA, E. (1945). La arquitectura en Panamá, Colombia y Venezuela. (D. A. Iñiguez, Ed.) *Historia del Arte Hispanoamericano*, pp. 523-550.
- MARCO DORTA, E. (1951). *Cartagena de Indias, la ciudad y sus monumentos*. Sevilla: Escuela de Estudios Hispanoamericanos de Sevilla.
- MARKEN, M. (1994). *Pottery from Spanish Shipwrecks 1500-1800*. Gainesville: University Press of Florida.
- MARTÍN, J. G., & YANAIDA, T. (s.d.). La escala urbana como unidad de análisis: métodos y estrategias de investigación para la recuperación de la traza urbana de la antigua Ciudad de Panamá. Em L. G. Jaramillo, *Escolas menores - Escolas mayores: Una perspectiva arqueológica desde Colombia y Panamá* (pp. 95-107).
- MARTÍN, J. G., ESPINOSA, J. M., HANSELMANN, F., & PÉREZ, J. F. (2019). Una mirada crítica a la Arqueología Marítima en Colombia: apuntes sobre algunos pecios y restos de la batalla por Cartagena de Indias en 1741. *Magallánica: Revista de Historia Moderna, 6*(11), pp. 203-237.
- MARTÍN, J. G., KENZLER, A. Z., MOMMSEN, H., & KOTTMANN, A. (2008). Gres: la sutil presencia alemana en el Panamá colonial. *Canto Rodado: Revista especializada en patrimonio*(3), pp. 65-94.
- MEJÍA, J. (2015). La población del territorio colombiano al momento de la conquista: una revisión crítica de estudios. *Economía & Región, 9*(2), pp. 7-46.
- MEYERS, A. (1999). West African Tradition in the Decoration of Colonial Jamaican Folk Pottery. *International Journal of Historical Archaeology, 3*(4), 201-221.

- MUCZNIK, L. (2009). *Dicionário do Judaísmo Português*. Editorial Presença.
- NEWSTEAD, S. (2013). Merida No More: Portuguese Redware in Newfoundland. Em P. Pope, & S. Lewis-Simpson, *Exploring Atlantic Transitions: Archaeologies of Transience and Permanence in New Found Lands* (pp. 140-151). Woodstock: The Boydell Press.
- NEWSTEAD, S. (2014). Cod, Salt and Wine: Tracing Portuguese Pottery in the English North Atlantic World. *North Atlantic Archaeology*(3), 75-92.
- NEWSTEAD, S., & CASIMIRO, T. (2018). Strange Adventures in a City Made of Marble: Exploring Pottery Production in Estremoz, Portugal. *Medieval Ceramics*, pp. 37-45.
- Nuevos hallazgos de la historia y la cultura de Colombia. (2003). *Informe Espacial - Universidad del Norte*, 3.
- ORIHUELA, J., & VIERA, R. (2015). Las pipas de fumar tabaco del Castillo de San Severino (Matanzas, Cuba): tipología, espectroscopia (SEM-EDS) y análisis contextual. *Cuba Arqueologica*, VIII(2), pp. 5-32.
- ORIHUELA, J., & VIERA, R. (2016). Clay tobacco pipes from a colonial refuse deposit in Fort San Severino, Matanzas Province, Cuba. *International Journal of Historical Archaeology*, 20(2), pp. 378-404. doi:Orihuela, J., & Viera, R. A. (2016). Clay Tobacco Pipes from a Colonial Refuse Deposit in Fort San Severino, Matanzas Province <https://doi.org/10.1007/S10761-016-0337-6>
- ORTON, C. (1982). *Mathematics in Archaeology*. Cambridge: Cambridge Press.
- OSWALD, A. (1975). Clay pipes for the archaeologist. *British Archaeological Reports*, 17-207.
- PÉREZ, J. F. (2019). Naufragios coloniales del caribe colombiano. Consideraciones investigativas, políticas y patrimoniales. *Memorias: Revista Digital de Historia y Arqueología desde el Caribe colombiano*, 38, pp. 7-45.
- PIMENTA, J., & SILVA, R. B. (2019). Cachimbos de cerâmica provenientes da escavação do Centro de Saúde de Alhandra. *Ciro Arqueologia*, 7, pp. 254-260.

- PIMIENTA ANILLO, A. (2013). *Derecho y urbanismo en Cartagena. Evolución histórica y normativa*. Universidad de Cartagena.
- PLATA, W. E. (2015). Los dominicos, la Tercera Orden y un orden social. Santa Fe de Bogotá, Siglos XVI-XIX. *Historia y Sociedad*, 28, pp. 79-119. doi: <https://doi.org/10.15446/hys.n28.47965>
- PLEGUEZUELO, A. (2000). Cerámicas para agua en el barroco español: una primera aproximación desde la literatura y la pintura. *Ars Longa*, 9-10, 123-138.
- PLEGUEZUELO, A. (2019). Un insual plato de Triana. *La pieza del mes. Museo Arqueológico Municipal de Jerez/ Asociación de Amigos del Museo*, pp. 1-8.
- PLEGUEZUELO, A., & PILAR LAFUENTE, M. (1995). Cerámicas de Andalucía occidental (1200-1600). Em C. M. GERRARD, A. GUTIERREZ, & A. G. VINCE, *Spanish Medieval Ceramics in Spain and the British Isles* (pp. 217-244). BAR International Series 610.
- PRIETO MARTINEZ, M. P., LANTES-SUÁREZ, Ó., & ALONSO TOUCIDO, F. (2015). Una cerâmica de grés de Rearen en Santiago de Compostela (NW de España). Em R. Martínez Peñín, & G. Cavero Domínguez, *Evolución de los espacios urbanos y sus territorios en el Noroeste de la Península Ibérica* (pp. 253-268). Universidad de León. Instituto de Estudios Medievales.
- PRIETO-OLAVARRÍA, C., BAEZA, J., RIVERA, F., & RIVAS, P. (2010). Estudios Cerámicos en la Catedral Metropolitana, Aportes a la Arqueología Histórica de Santiago de Chile. *XVII Congreso de Arqueología Chilena 2*, (pp. 1025-1036). Valdivia, Chile.
- Red Digital de Colecciones de Museos de España*. (Janeiro de 2020). Obtido de Ceres - Colecciones en Red: <http://ceres.mcu.es/pages/Main>
- REYS RODRIGUEZ, M. F. (2010). El convento de Santo Domingo en Cartagena de Indias. 38-59.
- ROCHA, C. G. (2010). Da Terra ao Mar: Cartagena de Índias no Início do século XVII. *Revista Ameríndia - História, cultura e outros combates*, 9(1), pp. 1-14.
- SAMUDIO, A. (2000-2001). *Convento de Santo Domingo: Investigación Histórica*.

- SÁNCHEZ-CORTEGANA, J. M. (1996). La cerâmica exportada a América en el siglo XVI a través de la documentación del Archivo General de Indias. I Materiales arquitectónicos y contenedores de mercancías. *Laboratorio de Arte: Revista del Departamento de Historia del Arte*(9), pp. 125-142.
- SARDINHA, O. (1990-1992). Olarias pedradas portuguesas: contribuição para o seu estudo. Os objectos procedentes do Convento de Santa Ana e do Hospital Real de Todos-os-Santos. *O Arqueólogo Português*, IV(8-10), pp. 487-512.
- SARDINHA, O. (1999). Notícia sobre as peças pedradas do galeão «San Diego» (1600). *Arqueologia Medieval*(6), 183-192.
- SARDINHA, O. (2012). Considerações acerca da cerâmica pedrada e respetivo comércio. Em A. TEIXEIRA, & J. BETTENCOURT (Ed.), *Velhos e Novos Mundos. Estudos de Arqueologia Moderna* (pp. 789-796). Lisboa: CHAM.
- SCHÁVELZON, D. (2001). *Catálogo de cerâmicas históricas de Buenos Aires (siglos XVI-XX) con notas sobre la región del Río de la Plata*. Buenos Aires: Fundación para la Investigación del Arte Argentino & Telefónica Argentina.
- SEBASTIAN, L. (2010). *A produção oleira de faiança em Portugal (séculos XVI-XVIII)*. Dissertação de Doutoramento em História com especialidade de Arqueologia, apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa.
- SILVA, R. B., MIRANDA, P., VIEIRA, V. N., VICENTE, A. M., LOPES, G., & NOZES, C. (2012). Largo do Chafariz de Dentro, Alfama em Época Moderna. Em A. TEIXEIRA, & J. BETTENCOURT (Edits.), *Velhos e Novos Mundos. Estudos de Arqueologia Moderna* (1 ed., Vol. 1, pp. 71-84). Lisboa: CHAM-UNL/FCSH e UAç.
- SIMÃO, I., PINTO, M., PIMENTA, J., FERREIRA, S. C., BARGÃO, A., & SILVA, R. B. (2020). Os cachimbos dos séculos XVII e XVIII do Palácio Mesquitela e Convento dos Inglesinhos (Lisboa). *Arqueologia em Portugal, 2020 - Estado da Questão: Atas do III Congresso AAP* (pp. 1761-1773). Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses e CITCEM.

- SOUSA, M. M. (2020). *Evidências dos estados alterados de consciência no registo arqueológico da idade moderna em Portugal*. Dissertação de Mestrado em Arqueologia. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.
- STEMM, G., GERTH, E., FLOW, J., LOZANO GUERRA-LIBRERO, C., & KINGSLEY, S. (2013). The Deep-Sea Tortugas Shipwreck, Florida: A Spanish-Operated Navio of the 1622 Tierra Firme Fleet. Part 2, the Artifacts. Em *Odyssey Marine Exploration Papers* 27 (pp. 1-67).
- STOLK, M. (2018). Exploring Immigrant Identities: The Link between Portuguese Ceramics and Sephardic Immigrants in 17th Century Amsterdam. *Ex Novo: Journal of Archaeology*, 3, pp. 101-120. doi:<https://doi.org/10.32028/exnovo.v3i0.383>
- The Metropolitan Museum of Art*. (2020). Obtido de The Met Collection: <https://www.metmuseum.org/art/collection>
- THERRIEN, M. (1989). El Espacio Urbano de Cartagena en la Colonia. *Historia Crítica*(2), pp. 111-117 . doi:<https://doi.org/10.7440/histcrit2.1989.07>
- THERRIEN, M. (2002). Estilos de vida en la Nueva Granada. Teoría y Práctica en la Arqueología Histórica de Colombia. *Seminario Internacional de Arqueología Histórica de América Latina y el Caribe*, (pp. 19-38). Panamá.
- THERRIEN, M. (2003). Subtle differences, refined discrimination: Lifestyles in confrontation in colombian historical archaeology. *The SAA Archaeological Record*, 3(4), pp. 33-36.
- THERRIEN, M. (2007). Más que distinción, en busca de la diferenciación: arqueología histórica de Cartagena de Indias en el siglo XVII. Em H. Calvo Stevenson, & A. Meisel Roca (Ed.), *Cartagena de Indias en el siglo XVII* (pp. 17-67). Cartagena: Banco de la República.
- THERRIEN, M., SALAMANCA, M. F., & GUERRERO, J. L. (2000). *Estudio Arqueológico Preliminar. Convento de Santo Domingo, Cartagena de Indias, Colombia*. AECID, Arquidiócesis de Cartagena & Alberto Samudio y CÍA, LTDA.

- THERRIEN, M., UPRIMNY, E., LOBO GUERRERO, J., SALAMANCA, M. F., GAITÁN, F., & FANDIÑO MERZ, M. (2002). *Catálogo de cerámica colonial y republicana de la Nueva Granada: producción local y materiales foráneos (Costa Caribe, Altiplano Cundiboyacense – Colombia)*. Bogotá: FIAN; Banco de la Republica.
- UPRIMNY, E., & LOBO GUERRERO, J. (2007). Arqueología vemos, de otras cosas no sabemos. Resultados recientes en arqueología histórica en la ciudad de Cartagena de Indias. *Memorias: Revista Digital de Historia y Arqueología Desde El Caribe*, Año 4(7), pp. 46-59.
- VALENSTEIN, S. (1989). *A Hand Book of Chinese Ceramics*. New York: The Metropolitan Museum of Art.
- VASCONCELLOS, C. M. (1905). Algumas palavras a respeito de púcaros de Portugal. *Bulletin Hispanique*, 7(2), 140-196. doi: <https://doi.org/10.3406/hispa.1905.1442>
- VENTURA, M. (1999). Portugueses na Rota das Índias Ocidentais: para uma leitura sócio-geográfica. Em *As Rotas Oceânicas (Sécs. XV-XVII)* (pp. 149-159). Lisboa: Edições Colibri.
- VIDAL ORTEGA, A. (2000). Entre la necesidad y el temor: negros y mulatos en Cartagena de Indias a comienzos del siglo XVII. Em B. Ares Queija, & A. Stella, *Negros, mulatos y zambaigos. Derroteros africanos en los mundos ibéricos* (pp. 89-104). Sevilla: Escuela de Estudios Hispanoamericanos.
- VIDAL ORTEGA, A. (2003). La región geohistórica del Caribe. La Tierra Firme y Cartagena de Indias a Comienzos del Siglo XVI. *Revista Mexicana del Caribe*, 15, pp. 1-24.
- VIDAL ORTEGA, A. (2004a). Cambio de función del puerto de Cartagena de Indias durante el siglo XVI. *Historia del Caribe*, IV(9), pp. 120-137.
- VIDAL ORTEGA, A. (2004b). El comercio del puerto de Cartagena y la región del Caribe durante el periodo colonial. Fuentes e historiografía sobre su historia. *América Latina en la Historia Económica*, pp. 37-48.

- VIDAL ORTEGA, A. (2006). Fuentes para el estudio del comercio directo en el puerto de Cartagena en los siglos XVI y XVII. *América Latina en la Historia Económica*, 25, pp. 157-166.
- VIDAL ORTEGA, A. (2007). El convento de San José, Huella Dominicana en el Periodo Colonial. Em H. Calvo Stevenson, & A. Meisel Roca (Ed.), *Cartagena de Indias en el siglo XVII* (pp. 73-129). Cartagena: Banco de la Republica.
- VIDAL ORTEGA, A., & CASTILLO, G. (2015). Cartagena de Indias y los mercadores portugueses de esclavos en la primera mitad del S. XVII. Em *Anais de história de além-mar* (pp. 1-22). Lisboa: CHAM/FCSH-NOVA, UAç.
- VIDAL ORTEGA, A., & ELIAS CARO, J. E. (2012). La desmemoria impuesta a los hombres que trajeron: Cartagena de Indias en el siglo XVI y XVII un depósito de esclavos. *Cuadernos de Historia*(37), pp. 7-31. doi:<http://dx.doi.org/10.4067/S0719-12432012000200001>
- VIEIRA FERREIRA, L. F., MACHADO, I. F., & CASIMIRO, T. (2017). Cerâmica portuguesa azul sobre azul – séculos XVI e XVII. *II Congresso da Associação dos Arqueólogos*, (pp. 1863-1872). Lisboa.
- WALTHALL, J. A. (1991). Faience in French Colonial Illinois. *Historical Archaeology*, 25(1), pp. 80-105.
- WASELKOV, G. A., & WALTHALL, J. A. (2002). Faience Styles in French North America: A Revised Classification. *Historical Archaeology*, 36(1), pp. 62-78.
- WHEELER, M. (1954). *Archaeology from the Earth*. Oxford: Clarendon Press.
- WILCOXEN, C. (1999). Seventeenth-Century Portuguese Faianca and Its Presence in Colonial America. *Northeast Historical Archaeology*, 28 28(Article 2), pp. 1-20. doi:<https://doi.org/10.22191/neha/vol28/iss1/2>
- ZAPATERO, J. M. (1989). Las “llaves” fortificadas de la América Hispana. *MILITARI. Revista de Cultura Militar*(1), pp. 131-140.